



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

**Violência Escolar entre Pares:
Um Estudo de Percepções com
Alunos do 5º e 6º ano nos
Agrupamentos de Escolas da Guarda**

Cristina Veloso Pires Albuquerque

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre na
especialidade

Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais

(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Professora Doutora Antónia do Carmo
Anjinho Barriga

Covilhã, Outubro de 2010

*Para o Nuno, meu marido, Matilde e Marta, minhas filhas,
porto seguro de uma vida partilhada.*

Resumo

Neste estudo abordamos o fenómeno da violência escolar entre pares que acontece nas nossas escolas e que deteriora as relações interpessoais.

Pretendemos perceber a existência ou não da violência escolar nos alunos de 5º e 6º ano de escolaridade nas escolas sede dos agrupamentos de escolas da cidade da Guarda.

Procuramos entender que percepção têm os directores de turma e encarregados de educação acerca do fenómeno e que medidas são tomadas no sentido de diminuir ou até terminar com actos e casos de violência no seio do meio escolar.

Em relação à metodologia de carácter qualitativa, utilizamos as entrevistas e os questionários.

Os inquéritos foram aplicados aos encarregados de educação de duas turmas de 5º e 6º anos de escolaridade escolhidas aleatoriamente em cada agrupamento, perfazendo um total de 98. Também foram entregues questionários aos directores de turma, num total de 41. As entrevistas foram apenas dirigidas aos três directores de cada agrupamento.

O tratamento dos dados dos inquéritos foi feito estatisticamente e o conteúdo das entrevistas foi analisado recorrendo a tabelas de categorização.

Verificamos que os casos de violência que existem não são significativos sendo considerados pelos entrevistados de fácil resolução, porém através dos questionários constatamos que os directores de turma consideram existir alguns casos de violência, mas que na sua maioria não são denunciados. As formas de violência mais frequentes são agressão física e verbal, sendo que são os rapazes quem mais agride e o recreio é o local onde mais ocorrem actos de violência. Verificamos ainda que há necessidade de reformular os espaços escolares, co-responsabilizar os pais pelas atitudes e comportamentos dos seus educandos e o respeitar das regras estabelecidas em cada escola poderão contribuir para diminuir ou mesmo acabar com actos de violência.

Sendo a família, o contexto onde se inicia o processo de socialização da criança, tendo esta um papel crucial nas atitudes e comportamentos que a criança desenvolve e tem nas suas relações e com os seus pares, é fundamental que haja um trabalho conjunto com a escola para serem estabelecidas estratégias de trabalho e de acção que permitam prevenir, diminuir ou mesmo terminar com o fenómeno da violência escolar de modo haver um processo de socialização e formação integral do indivíduo apazível.

Palavras - chaves: violência, escola, pares.

Abstract

In this study we addressed the phenomenon of violence among school peers, which happens in our schools and deteriorates interpersonal relationships.

We aim to perceive the existence, or not, of school violence, between students of 5th and 6th grade in the school headquarters, of the grouping of schools in the city of Guarda.

We seek to understand the perception of class directors and parents about the phenomenon and what measures are taken to reduce or end up with acts and violence within the school environment.

Regarding the methodology of qualitative character, we used interviews and questionnaires.

The surveys were administered to parents of two classes of 5th and 6th grade, chosen randomly from each group, totaling 98. Also questionnaires were delivered to the directors of the class, in a total of 41. The interviews were directed only to the three directors of each cluster.

The processing of survey data was done statistically and the content of the interviews was analyzed using the tables of categorization.

We note that their not significant cases of school violence, and the ones that exist are considered not significant by the interviewees and they are easily resolved. In the other hand, through the director's questionnaires we found that they consider that the violence exist, but they mostly go unreported. The violence forms that are more frequent are the physical and verbal aggressions, the boys are the ones who attack more and the playground is where most violence occurs. We also showed that there is a need to restructure the school premises, co-empowering parents by the attitudes and behaviors of their children and the respect of the rules established at each school may help reduce or even eliminate the violence.

The family, is the place where can start the process of socialization of the child. Family has a crucial role in the attitudes and behaviors of their children, and the way they develop and have their relationships with their peers, so is vital to have a joint work with the school be establishing strategies and actions that can help prevent, reduce or even end the phenomenon of school violence, so the process of socialization and education of the individual can be a pleasant one.

Key - words: violence, school, pairs.

Agradecimento

Quero dedicar este meu trabalho a todos os intervenientes que colaboraram directa e indirectamente, na realização desta dissertação.

Os quais merecem o meu reconhecimento e gratidão.

À minha orientadora, Professora Doutora Antónia do Carmo Anjinho Barriga, por toda a dedicação, empenho e disponibilidade que com toda a paciência me direccionou e acompanhou nesta dissertação, bem como pela preciosa ajuda com os seus comentários e sugestões,

Finalmente, quero agradecer ao meu marido, filhas, família e amigos, pela compreensão, incentivo, motivação e apoio incondicional, imprescindíveis para a concretização deste trabalho.

A todos bem haja.

Índice

Introdução	1
Capítulo I	6
1.1. Educação e Sociedade - Que transformações?	6
Capítulo II	11
2.1. À volta de um conceito - A violência	11
2.2. Violência nas escolas	15
2.3. Factores de Risco	21
2.3.1. Factores Familiares	22
2.3.2. Factores Escolares	25
2.3.3. Factores Sociais	29
Capítulo III	32
3.1. Os agressores, as vítimas e os observadores	32
3.2. Quem é a vítima	33
3.3. Quem é o agressor	33
3.4. O observador	34
3.5. Padrão comportamental dos envolvidos	35
3.6. Estratégias de prevenção e intervenção	37
3.7. O projecto educativo de escola	38
3.8. Áreas curriculares não disciplinares	40
Capítulo IV	43
4.1. Metodologia de investigação	43
4.2. Caracterização dos agrupamentos de escolas	46
4.3. Caracterização do contexto	49
4.4. Análise de conteúdo	50
4.4.1. Violência escolar - Que conceito?	51
4.4.2. Ocorrência de casos	51
4.4.3. Medidas Preventivas/Sanções Disciplinares	52
4.4.4. Relações entre pares	54
4.4.5. Análise e discussão dos resultados das questões abertas	55
4.4.5.1. Directores de Turma	55
4.4.5.2. Encarregados de Educação	56
4.4.6. Análise e discussão dos resultados	58
4.4.6.1. Questionário aos pais/encarregados de educação	58
a) Profissão	58
b) Sexo	59

c) Idade	59
d) Habilitações Literárias	60
e) Questão 11 - Na sua opinião o facto de existir violência na escola deve-se à...	64
f) Questão 12 - Na sua opinião quais são os locais onde é mais frequente ocorrerem casos de violência ...	66
g) Questão 13 - Quem agride mais são ...	69
h) Questão 14 - Conhece ou já leu alguns destes documentos ...	72
4.4.6.2. Questionário aos Directores de Turma	77
a) Sexo	77
b) Idade	77
c) Escalão etário	78
d) Disciplina(s) leccionada(s)	78
e) Questão 8 - Na sua opinião o facto de existir violência na escola deve-se à ...	80
f) Questão 9 - Na sua opinião quais são os locais onde é mais frequente ocorrerem episódios de violência	82
g) Questão 10 - Quem agride mais são .	85
h) Questão 11 - Distribuição ao longo do ano lectivo dos casos de violência	88
i) Questão 13 - O Estatuto do Aluno é um documento que ...	90
Conclusão	95
Bibliografia	99
Anexos	105
Anexo I - Guião de entrevista aos Directores de Agrupamento	106
Anexo II - Transcrição das Entrevistas	107
Anexo III - Tabelas de Categorização	115
Anexo IV - Quadro n.º 1 “Caso o aluno agressor faça parte da sua direcção de turma que medidas toma?”	116
Anexo V - Quadro n.º 2 “ Para si violência escolar é”	117
Anexo VI - Quadro n.º 3 “O que poderia ser feito para diminuir a violência na escola?”	118
Anexo VII - Quadro n.º4 “ Para si violência escolar é”	120
Anexo VIII - Quadro n.º 3 “O que poderia ser feito para diminuir a violência na escola?”	121
Anexo IX - Questionário aos pais/Encarregados de Educação	122
Anexo X - Questionário aos Directores de Turma	126

Lista de Tabelas

Tabela

I -	Profissão	58
II -	Sexo	59
III -	Idade	59
IV -	Habilitações literárias	60
V -	Profissão x Conhece ou já leu o Estatuto de Aluno	61
VI -	Em que medida se sente o seu filho(a) seguro na escola?	62
VII -	O seu filho já lhe contou episódios de violência que ocorram na escola?	62
VIII -	O seu filho já lhe confidenciou alguma vez ter sido vítima de violência?	62
IX -	Se respondeu algumas vezes ou muitas vezes de que modo foi agredido?	63
X -	Se o seu filho foi vítima de violência, quando soube que atitude tomou?	63
XI.A-	Necessidade de reformular os espaços escolares	64
XI.B-	Pouca vigilância dos espaços escolares	64
XI.C-	Desrespeito por normas/regras escolares	65
XI.D-	Falta de autoridade dos professores	65
XI.E-	Ausência de valores e atitudes	66
XII.A-	Na ida ou vinda para a escola	66
XII.B-	No recreio da escola	67
XII.C-	Nas casas de banho da escola	67
XII.D-	No refeitório	68
XII.E-	Na sala de aula	68
XIII.A-	Os rapazes agredem mais	69
XIII.B-	Aqueles que têm problemas em casa	69
XIII.C-	Os alunos mais velhos	70
XIII.D-	Os que habitualmente ostentam sinais de riqueza	70
XIII.E-	Os líderes de grupos	71
XIII.F-	Aqueles que têm mais insucesso	71
XIV.A-	Projecto educativo do agrupamento	72
XIV.B-	Regulamento interno	72
XIV.C-	Estatuto de Aluno	72
XIV.D-	Projecto curricular de turma	73
XV-	Habilitações literárias x Se o seu filho foi vítima de violência, quando soube que atitude tomou: teste de qui-quadrado	74
XVI-	Habilitações literárias x Conhece ou já leu o Regulamento Interno: teste de qui-quadrado	75

XVII-	Se o seu filho foi vítima de violência, quando soube que atitude tomou x Conhece ou já leu o Estatuto de Aluno	76
XVIII	Sexo	77
XIX	Idade	77
XX	Escalão Etário	78
XXI	Disciplina(s) leccionadas(s)	78
XXII	Na escola onde lecciona, há registos de casos de violência escolar?	79
XXIII	Enquanto Director de Turma chegam-lhe denúncias de casos de violência?	79
XXIV	No caso de ter respondido raramente ou frequentemente, de quem são as queixas?	79
XXV.A-	Necessidade de reformular os espaços escolares	80
XXV.B-	Pouca vigilância dos espaços escolares	80
XXV.C-	Desrespeito por normas/regras escolares	81
XXV.D-	Falta de autoridade dos professores	81
XXV.E-	Ausência de valores e atitudes	82
XXVI.A-	Na ida ou vinda para a escola	82
XXVI.B-	No recreio	83
XXVI.C-	Nas casas de banho	83
XXVI.D-	No refeitório	83
XXVI.E-	Na sala de aula	84
XXVI.F-	Nos corredores	84
XXVI.G-	À saída da escola	85
XXVII.A-	Os rapazes agredem mais	85
XXVII.B-	Aqueles que têm problemas em casa	85
XXVII.C-	Os alunos mais velhos	86
XXVII.D-	Os que habitualmente ostentam sinais de riqueza	86
XXVII.E-	Os líderes de grupo	87
XXVII.F-	Aqueles que têm mais insucesso	87
XXVIII.A-	Os actos de violência escolar ocorrem mais no início do ano lectivo	88
XXVIII.B-	Tende a diminuir no segundo período	88
XXVIII.C-	Tende a diminuir ao meio do primeiro período	88
XXVIII.D-	Só diminuem no terceiro período	88
XXVIII.E-	Ocorrem ao longo de todo o ano, independentemente do período lectivo	89
XXVIII.F-	São uma constante ao longo do ano	89
XXIX-	Que medidas adopta ou adoptou a sua escola para prevenir a violência escolar	90

XXX.A-	Protege os alunos agredidos	90
XXX.B-	Dá autonomia aos professores para actuarem	91
XXX.C-	Pune os alunos agressores	91
XXX.D-	Dá maior autonomia à Direcção	91
XXX.E-	Remete para outra legislação em caso de violência	92
XXXI-	Os casos de violência escolar tendem a ...	92
XXXII-	Idade x Que medidas adopta ou adoptou a sua escola para prevenir a violência escolar: teste do qui quadrado	93

Lista de Acrónimos

CEF	Cursos de Educação e Formação
G.C.S.E	Gabinete Coordenador da Segurança Escolar
GNR	Guarda Nacional Republicana
HBSC	Health Behavior in School - Aged Children
OMS	Organização Mundial de Saúde
PCT	Projecto Curricular de Turma
PEA	Projecto Educativo de Agrupamento
PIEF	Programa Integrado de Educação e Formação
PSP	Polícia de Segurança Pública
RI	Regulamento Interno
SPO	Serviços de Psicologia e Orientação
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



Introdução

O presente trabalho tem como tema o estudo da violência escolar entre pares, mais precisamente, entre alunos do 5º e 6º ano de escolaridade. Acima de tudo, o que se pretende é perceber que percepção tem a comunidade educativa deste fenómeno, que tem mobilizado, cada vez mais, a atenção das pessoas em geral.

Podemos dizer que ainda não se chegou a um consenso sobre uma definição que seja comum a todos sobre violência na escola. Mas, mais importante do que dar uma definição, é ter em consideração as diferenças culturais, sociais, contextuais e disciplinares.

A escolha do tema esteve relacionada com motivações de ordem pessoal e profissional que se fez ao longo destes anos em muitas escolas, situadas em dois pontos do país, na Região Autónoma dos Açores e no distrito da Guarda. No decorrer deste tempo, sempre se constatou a existência de violência, sem ter, contudo, muita visibilidade. Diria mesmo que esta se instala de forma subtil no seio da escola. A escola é o local onde crianças e jovens passam a maior parte do seu tempo, onde despendem as suas energias, onde se estabelecem relações interpessoais e é o contexto, por excelência, em que a formação dos jovens se faz.

O estudo levado a cabo pelo HBSC (Health Behaviour in School - Aged Children), em que Portugal está inserido, que foi realizado em 2006, revela que 20,6% dos alunos do 6º, 8º e 10º anos estiveram envolvidos, com alguma regularidade, em comportamentos de bullying/provocação na escola; 4,9% com um duplo envolvimento, ou seja, quer no papel de vítima, quer no papel de ofensor; 6,3% como ofensores; e 9,4% como vítimas (Matos et al., 2009, p.33).

Ainda segundo dados apurados, com este estudo, 7,6% dos alunos estudados, estiveram envolvidos em actos de provocação mais intensos, sendo 3% como provocador e 4,6% como vítima.

Revelou ainda este estudo que são os rapazes quem mais pratica tais actos e que os mesmos também vão diminuindo ao longo da adolescência e ao longo do ano lectivo, ou seja, a partir do final do 1º período há uma diminuição dos actos de violência. Isto poderá estar relacionado com aquisição das normas e regras de funcionamento do estabelecimento de ensino, maior e melhor conhecimento do espaço escolar e dos colegas.

Referindo ainda dados lançados pelo Programa Escola Segura¹, relativamente ao ano lectivo 2007/2008, divulga que 90% das escolas não registam quaisquer ocorrências, havendo, contudo, uma elevada concentração das mesmas, nas zonas metropolitanas de Lisboa e Porto. No caso específico do distrito da Guarda, o referido programa, faz saber que num universo de

¹ Relatório de Segurança Escolar 2008/2009, in http://www.min_edu.pt_np3content_newsId=4893&fileName=relatório_segEscolar_2008_2009



24482 alunos, a percentagem de ocorrências é de 0,4%. Revelaram, ainda, esses mesmos dados que tem havido um decréscimo nas ocorrências.

Ainda segundo números lançados no relatório de Segurança Escolar, no ano lectivo 2008/2009, o número de casos de violência e indisciplina baixou no decorrer desse mesmo ano. De acordo com o observatório para a Segurança Escolar 92% das escolas não indicaram qualquer incidente. De 6039 casos indicados no ano lectivo 2007/2008, passou-se para 5134 em 2008/2009, sendo que um terço dos casos registados ocorreu na área exterior ao espaço escolar (1609) e dois terços no interior do estabelecimento de ensino (3525). Continuam, no entanto, as Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto a ser as mais afectadas pela insegurança no espaço escolar. Nesse ano lectivo, foram reportadas mais de mil agressões a alunos, 284 actos de violência contra professores e 184 contra funcionários.

Todavia, a violência na escola tem sido objecto de olhares a nível mundial, dando origem a um vasto leque de investigações neste campo (Sharp & Smith, 1994, Olweus, 1998; Amado & Freire, 2002; Pereira, 2002, et al), e à criação de variados organismos como o Observatório Internacional da Violência na Escola e o Observatório Europeu da Violência Escolar. Este último, foi fundado em 1998, em Bordeaux, e conta com a colaboração da Universidade de Bordeaux, da Comissão Europeia e o Ministério da Educação Francês. Em Portugal criou-se o Observatório de Segurança Escolar e o Programa Escola Segura em parceria com o Ministério da Educação e Ministério da Administração Interna.

Aquando da realização do I Colóquio Mundial sobre a Violência na Escola, realizado em Paris no ano de 2001, realçou-se, enfatizou-se o empenho que os governantes têm de colocar um ponto final num fenómeno que atinge os países do mundo, muito embora em graus diferenciados. Neste mesmo colóquio estiveram presentes vários investigadores e Ministros da Educação.

A questão da violência não é uma questão exclusiva dos ricos ou dos pobres, diz sim respeito a todos nós. Há então a necessidade urgente tal como afirmou neste colóquio Jack Lang (Ministro Francês da Educação Nacional), de a escola “*prevenir desde muito cedo*” este fenómeno da violência e garantir a “*heterogeneidade social*”, para lutar contra o que ele designou de “*apartheid social*”.

À semelhança de outros países, Portugal não escapa a este fenómeno que nos últimos anos tem vindo, em crescendo, a preocupar toda a comunidade educativa, desde pais/encarregados de educação, professores, alunos e assistentes operacionais.

Também os meios de comunicação social fazem deste tema notícia, servindo deste modo para despertar mais as consciências e levar a uma mais e melhor actuação das entidades competentes, por outro lado, há nalgumas notícias dadas por estes órgãos alguma confusão em relação à utilização do tema violência escolar, que tantas vezes é confundido com bullying, ou seja o primeiro serão situações esporádicas, já o segundo são situações repetidas e que têm alguma durabilidade e que são praticadas por um ou mais agressores. Em



qualquer dos casos há consequências físicas, danos psicológicos ou exclusão e isolamento social. Ao longo deste estudo o termo a que irá ser feito referência é o de violência escolar.

Vive-se um clima de medo e insegurança nas escolas, muito embora se saiba que muitos dos casos que ocorrem nas escolas não sejam relatados às autoridades competentes, logo os números que são oficialmente conhecidos não correspondem à verdadeira realidade.

O problema da violência em meio escolar é uma das principais preocupações de quem tutela a pasta, pois as políticas educativas têm ido no sentido de combater este conflito que gera medo e insegurança.

Nas nossas escolas, muita desta acção preventiva passa pelo programa “Escola Segura”, que conta com a presença de agentes da autoridade (PSP e GNR) no exterior da escola, a criação do Observatório para a Segurança em Meio Escolar, que tem por objectivo fazer uma análise descritiva do fenómeno e pelo sistema de vídeo vigilância. Este último pretende reforçar a segurança da escola, dissuadindo as intrusões, furtos, roubos e actos de vandalismo. Segundo dados estatísticos, 58% das mais de 1200 escolas com 2º, 3º ciclo e com ensino secundário têm este sistema já instalado (638 escolas)².

Cabe a cada escola adoptar e implementar as estratégias e medidas mais adequadas ao contexto em que se insere.

Logo que a criança entra para a escola, as relações que estabelece vão para além das familiares, e são estas mesmas relações que irão contribuir para o seu desenvolvimento integral, adaptação social que se reflectirá no seu futuro. As relações que a criança estabelece com os seus pares, desde o Jardim-de-Infância são por norma salutar, muito embora possam ocorrer actos de maior ou menor violência.

Aqui é importante salientar a importância da família e de tudo quanto esta lhe transmite. As crianças são o espelho e/ou reflexo do seu núcleo familiar e do meio que o rodeia. A família é o elo principal para entender as atitudes e comportamentos conflituosos que a mesma possa originar. Os pais são o primeiro referente da criança e servem de modelo em termos de comportamentos a adoptar (Catherine Blaya, 2006). Então a família e a comunidade, em que a mesma se insere, têm um papel muito importante na prevenção da violência, devendo ter e desempenhar um trabalho conjunto com a escola, no sentido de minimizar o problema.

Com este trabalho pretendemos ver qual a percepção que a comunidade educativa, directores de turma, directores dos três agrupamentos e encarregados de educação do 5º e 6º ano, têm do fenómeno violência escolar entre pares. O contexto no qual se desenvolverá este estudo é a cidade da Guarda, um meio urbano, mas cujos agrupamentos recebem alunos oriundos das aldeias que os compõem e da cidade propriamente dita.

² In plano tecnológico de educação: <http://www.escola.gov.pt/pte/PT/Projectos/Projecto/index.htm?proj=32>



Através deste estudo exploratório, visamos saber se há ou não muitos casos de violência entre pares, o que significa para o encarregados de educação, directores de turma e directores do agrupamento, o fenómeno da violência, qual actuação mais adequada perante um caso, que tipo de medidas implementam e usam em casos de violência.

Em relação aos encarregados de educação, para além de pretendemos saber que percepção têm do fenómeno, pretendemos ainda aferir se os seus educandos já foram ou não vítimas de actos violentos e como agiram perante tal situação.

Num primeiro capítulo, pretendemos traçar uma evolução relativamente à escola e à sociedade, ou seja, como era vista a escola em cada tempo e que mudanças foram ocorrendo na mesma ao longo dos tempos. Que transformações se foram operando quer no conceito de escola, quer no conceito de aluno.

Num segundo capítulo, quisemos clarificar os conceitos de violência, agressão e agressividade expondo o ponto de vista de diversos autores, verificando que alguns sustentam que agressividade é um instinto inerente ao ser humano, outros porém dizem esta é fruto de uma aprendizagem, que primeiro é observada e posteriormente reproduzida, ou é fruto de uma qualquer frustração (Freud 1915; Lorenz, 1973; Bandura, 1990 e Miller & Dollard, 1967).

Ainda neste capítulo, debruçámo-nos em concreto na violência nas escolas e sobre os factores de risco capazes de serem potenciadores de actos de violência e conseguimos aferir que não se pode analisar e ou estudar este fenómeno sem termos em consideração os factores de risco e estabelecendo entre eles uma relação, dado que não podemos afirmar que este ou aquele são causa principal para determinado comportamento.

Num terceiro capítulo, tentámos clarificar algumas das características daqueles que são vítimas, agressores e observadores, bem como o padrão comportamental dos que se vêm envolvidos em situações de violência/agressão com os seus pares.

Todas as escolas têm a pretensão de erradicar o problema da violência daí que no seu Projecto Educativo de Agrupamento e currículo estejam patentes algumas estratégias de actuação e sejam construídos nesse sentido.

A construção de um projecto pretende ser um meio facilitador da organização de dinâmicas de mudanças que propiciem aprendizagens, que visem uma escola de sucesso para todos. Deste modo, é feito de forma particular, adequando-se a um contexto, a uma situação real.

Um outro documento ao qual também fizemos referência foi ao Regulamento Interno, dado que também nele estão expressas regras e normas de funcionamento do estabelecimento de ensino. Estes documentos sobejamente importantes devem ser do conhecimento não só dos professores, elementos da Direcção, mas também dos pais/encarregados de educação.

No quarto capítulo, apresentamos a metodologia utilizada, neste estudo exploratório, que tem por objectivo perceber como é que o fenómeno da violência escolar é entendido no



seio da comunidade educativa dos três agrupamentos de escola, bem como as tomadas de posição perante o fenómeno. Também neste capítulo, se fez a caracterização da população e da amostra, assim como dos agrupamentos e do contexto em que os mesmos se inserem.

A população que foi alvo deste estudo foi os encarregados de educação dos alunos das turmas do 5º e 6º anos que foram escolhidas aleatoriamente e pertencentes aos três agrupamentos de escola da cidade. No total representam um total de 92 alunos e 98 encarregados de educação/pais. Também foram alvo de estudo todos os directores de turma do 5º e 6º ano de escolaridade dos mesmos agrupamentos. No total perfazem 41 directores de turma. Para além destes também foram entrevistados os Directores destes agrupamentos.

Procedemos posteriormente à análise dos questionários e das entrevistas e discussão dos resultados obtidos.



Capítulo I

1.1. Educação e Sociedade - Que Transformações?

Até meados do século XX predominava nas Ciências Sociais e mesmo no senso comum, uma visão bastante optimista que atribuía à escolarização um papel central no duplo processo de superação do atraso económico, do autoritarismo e dos privilégios adstritos associados às sociedades tradicionais, e de construção de uma nova sociedade, justa (meritocrática), moderna, (centrada na razão e nos conhecimentos científicos) e democrática (fundamentada na autonomia moderna).

Julgava-se que por meio da escola pública e gratuita, estaria resolvido o problema do acesso à educação e deste modo estaria também resolvido o princípio à igualdade de oportunidades para todos os cidadãos.

Deste modo, os indivíduos competiriam dentro do sistema, em iguais condições e avançariam em termos de níveis de ensino, e aqueles que se destacassem ocupariam posteriormente posição de destaque na hierarquia social. Nesta perspectiva, a escola seria uma instituição neutra *“que difundiria um conhecimento racional e objectivo e que seleccionaria os seus alunos com base em critérios nacionais”* (Cláudio Marques M. Nogueira 2002, p.16).

Nos anos 60, ocorre uma profunda crise e altera-se a ideia de escola e o papel dos sistemas de ensino na sociedade. O optimismo que existia foi abandonado.

Já no final dos anos 50, em pesquisas realizadas e patrocinadas pelos governos Ingleses, Franceses e Americanos, concluiu-se que a origem social do aluno influencia de forma clara o percurso escolar de cada um, tornando-se claro que os dons de cada um não teriam um peso neste dito percurso. Também viria a contribuir para este novo olhar sobre a educação a massificação do ensino. Deste modo os anos 60, marcam a chegada ao ensino secundário e à universidade *“da primeira geração arregimentada em sectores mais amplos do que das tradicionais elites escolarizadas”* (Cláudio Marques M. Nogueira, 2002, p.17).

Bourdieu nos anos 60, propõe um novo *“modo de interpretação da Escola e da Educação”* isto porque já nos anos 50 terão surgido algumas pesquisas quantitativas feitas pelos governos inglês, americano e francês (Aritmética política inglesa, Relatório Coleman - EUA, Estudos INED- França) que de forma resumida mostraram de modo bastante claro, o peso da origem social sobre os destinos escolares, bem como a massificação do ensino terão determinado a maneira de olhar a educação.

A relação desempenho escolar e origem social que no paradigma funcionalista não eram tidos em conta, passam agora a ser base de sustentação da nova teoria. Os jovens



oriundos das camadas sociais menos abastadas, sentem-se frustrados diante daquilo que vêem ser falsas promessas do sistema de ensino, ou seja, onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passa a ver legitimação das desigualdades sociais. Ainda na perspectiva de Bourdieu, a educação pode ter o papel de agente transformador e democratizador das sociedades, passando a ser vista como instituição que legitima e reproduz os privilégios sociais.

Segundo a tese desenvolvida por este autor, os alunos não são pessoas que competem de igual forma na escola, pois cada uma delas traz consigo uma bagagem social e cultural diferenciada que irá influenciar o seu percurso escolar e responder às exigências escolares sejam elas mais ou menos favoráveis.

Ainda segundo o mesmo, no indivíduo, tudo nele é socialmente constituído, ou seja, *“os gostos mais íntimos, as preferências, as aptidões, as posturas corporais, a entoação de voz, as aspirações”*. Assim, a acção das estruturas sócias dá-se de dentro para fora e não o inverso. O indivíduo, nasce e cresce num determinado ambiente social e familiar que o vai acompanhar e influenciar ao longo do seu crescimento e desenvolvimento. Toda esta bagagem social, económica e culturais que o acompanha, vão, em certa medida, influenciar o seu percurso escolar. De salientar, o peso do capital cultural que favorece o êxito escolar e proporciona um melhor desempenho nos processos formais e informais de avaliação. Esta última, por sua vez, não julga apenas as aprendizagens dos alunos, faz também uma avaliação cultural e moral dos mesmos.

No seguimento desta teoria cobra-se dos alunos que tenham um estilo elegante a falar, a escrever e a comportar-se; que sejam intelectualmente curiosos, interessados e disciplinados e que saibam cumprir adequadamente as regras de boa educação. No entanto, este tipo de exigências só pode ser atingido na sua plenitude se os alunos forem socializados segundo estes valores.

Ainda relativamente à família, há a referir que esta pode ou não influenciar, estabelecendo estratégias de forma a orientar de modo eficaz a trajetória dos filhos, principalmente em momentos cruciais do seu desenvolvimento. Dependendo da posição social que ocupem, assim poderá ser o seu investimento em termos de escolarização dos seus filhos.

As diferenças nos resultados escolares tenderiam a ser vistas como diferença nas capacidades entre os alunos, porém decorre da maior ou menor proximidade entre a cultura escolar do aluno e da sua família. Aqui torna-se oportuno referir que as famílias mais humildes também estabelecem relações com a escola, ao contrário do que se transmite, como tendo atitudes apáticas ou mesmo demissionárias em relação actividade escolar dos seus educandos.

As reflexões que Bourdieu faz sobre a escola têm como ponto de partida uma correlação entre as desigualdades sociais e escolares. Daí que por mais que se democratize o acesso ao ensino, por meio da escola pública e gratuita, continuará haver uma forte



correlação entre as desigualdade sociais, sobretudo as culturais e as desigualdades ou hierarquias internas ao sistema de ensino.

Da ideia de Bourdieu ressalta que a escola não é neutra. Formalmente, a escola trataria a todos de modo igual, todos assistiriam às mesmas aulas, mesma forma de avaliação, mesmas regras e supostamente as mesmas oportunidades.

Porém, todos nós sabemos que os professores não são todos iguais, a organização também varia, os critérios pedagógicos também bem como os de avaliação. Logo, também sabemos que estes conjuntos de variáveis não podem ser esquecidas e que terão um determinado efeito no desempenho escolar dos alunos.

Deve então a escola promover uma aproximação entre a cultura que o aluno traz consigo respeitando-a e valorizando-a levando, à diminuição ou eliminação das desistências dos alunos. Maria José Braga Vianna, (2005) diz-nos que os processos de socialização da família podem em potência desencadear elementos favorecedores ou dificultadores do êxito escolar, dependendo ainda do distanciamento ou aproximação em relação à escola.

Continuando no tempo, e já nos anos 80, com todas as transformações que ocorreram no sistema educativo, os professores tiveram que equilibrar *"entre o reconhecimento necessário da heterogeneidade e o cuidado com o universal. Ou seja, os professores tiveram que começar aprender com a heterogeneidade que passou a existir nas escolas"* (Charlot, 1997).

Maria Alice Nogueira (2005), refere que nesta década, os sociólogos começam a voltar o seu olhar para pequenas unidades de análise como sejam, o estabelecimento de ensino, a sala de aula, o currículo e a família. Esta passa a ter um maior interesse pela escolha do estabelecimento de ensino, as actividades extra-curriculares, acompanhamento diário da vida escolar do seu educando. Isto resulta então de um novo contexto social, que se operou, quer no seio da família, quer nos processos educativos. A escola passou a reconhecer que a família é um elemento importante para alcançar as metas a que se propõe.

Maria Alice Nogueira(2005), citando Singly, diz-nos que a família contemporânea vê alterada a noção de respeito. Surgem novos valores educacionais que preconizam o respeito pela individualidade e pela autonomia dos jovens, onde não há lugar para o autoritarismo, mas lugar para o diálogo e para a comunicação. Os pais passam a ser o provedores do desenvolvimento psicológico dos filhos, tornando -se responsáveis pelos êxitos e fracassos dos mesmos. Daí que arranjem um conjunto de estratégias que visem aumentar o sucesso dos seus filhos ao longo de todo o processo de ensino aprendizagem.

Lahire (1997, p.19) afirma que *"se a família e a escola podem ser consideradas redes de interdependências estruturadas por formas de relações sociais específicas, então o fracasso ou o sucesso escolares podem ser apreendidos como resultado de uma maior ou menor contradição, do grau mais ou menos elevado de dissonância ou de concordância das formas de relações sociais de uma rede de interdependência à outra."*



Na perspectiva de Maria José Braga Vianna, a escola dos tempos actuais, tende a preparar o aluno para se proteger da sociedade. Por outro lado, a realidade do mundo não é abordada de modo mais correcto na escola. Há uma memorização de conhecimentos que se torna incompatível com a realidade o que faz com que o aluno esqueça com alguma facilidade os mesmos.

A escola, enquanto instituição que é, reflectiu e reflecte a sociedade na qual se insere, sendo certo que ao longo dos tempos as sociedades passaram por transformações onde a educação era um bem que contemplava apenas alguns, as elites.

Hoje porém a educação é um direito que assiste a todos, cabendo ao Estado proporcioná-la a todos os cidadãos com está expresso na Constituição da República Portuguesa, no seu artigo 43º número um: *“É garantida a liberdade de aprender e ensinar”*, e no 73º artigo número um *“Todos têm direito à educação e à cultura”*. Mas sabe-se hoje que ainda existe um elevado número de crianças e jovens que estão fora do sistema de ensino, levando deste modo à sua exclusão social. No agora, pretende-se uma escola inclusiva onde deva haver igualdade de oportunidades dentro de um universo social repleto de diferenças individuais.

A escola, também sofreu alterações: aumento da escolaridade obrigatória; mudanças nos currículos; currículos adaptados, novos métodos pedagógicos, diversificação de estabelecimentos de ensino.

O aluno nesta escola de hoje é activo, participativo ao longo de todo o processo de ensino, tendo e dando sempre atenção às características próprias de cada um, tentando estabelecer um determinado grau de coerência entre os processos educativos que são aprendidos na família e aqueles que são aprendidos na escola. Deve a escola orientar e conceber o seu trabalho educativo em estreita relação com as vivências trazidas por cada um de casa.

Elemento essencial para que tal ocorra é a necessidade que a escola tem em conhecer a família daí ter de existir sempre um diálogo que se considere permanente e não pontual. A escola atribui hoje aos pais uma quota parte de responsabilidade pelo bem estar psicológico e emocional dos alunos.

O campo de acção da escola não se restringe hoje só e apenas à sala de aula mas a terrenos que no passado diziam apenas respeito à socialização familiar (separações, doença, desemprego...). Daí que tenham surgido nas escolas os SPO (Serviços de Psicologia e Orientação) para auxiliar a compreender certas situações dos alunos. A família tem vindo a entrar cada vez mais na escola, e esta por seu lado tal como já foi referido, alargou a sua interacção com a família.

Segundo Maria Alice Nogueira (2005), poderíamos elencar uma série de ideias conclusivas:



- No passado as relações da família com a escola eram menos frequentes e mais restritas, sendo mesmo impensável a intromissão dos pais em questões internas do ensino ou do contexto de sala de aula;
- A presença e participação dos pais no recinto escolar são cada vez mais comuns;
- Os contactos multiplicam-se e não ocorrem somente em reuniões;
- A escola não se limita só e apenas ao acto de ensinar; desenvolvimento intelectual dos alunos, estendendo o seu campo de acção aos aspectos morais, emocionais do processo de desenvolvimento;
- A família reivindica o direito de intervir no terreno da aprendizagem e das questões de ordem pedagógica e disciplinar.
- Entre os actores envolvidos neste processo há; ambiguidades, reticências e resistências...

As funções da escola, que são tradicionalmente educar, instruir e socializar, têm sofrido nos últimos anos, consideráveis ampliações.

As funções de guarda, enquadramento, inserção profissional e preservação da marginalização social fazem, cada vez mais, parte daquilo que se espera da escola.

Com a escola de massas, o modo de socialização escolar tornou-se dominante e é para a educação que todos se voltam na procura de respostas aos problemas sociais actuais.



Capítulo II

2.1. À volta de um conceito - A violência

A escola desde sempre considerada como um espaço seguro, deixou de o ser, não só neste ou naquele país industrializado, mas em muitos, conforme estudos feitos ao longo dos anos. Não é possível obter um conhecimento total sobre a violência na escola, porque tudo o que nos é possível é obter representações parciais. As percepções acerca da violência são influenciadas pela cultura, história, língua e sistema educativo.

O tema da violência em meio escolar, faz parte das preocupações políticas, tanto a nível das acções educativas como ao nível da repressão da delinquência. Blaya (2006, p.9) refere, tal como outros, que o fenómeno não é novo e que são aqueles que estão em idade de *“ser escolarizados, correm mais riscos de ser agredidos no exterior da escola do que no seu seio, pois para elas continua a ser o lugar mais seguro...”*

O comportamento agressivo que os estudantes têm entre si é um problema universal, tradicionalmente admitido como natural e por vezes nem é valorizado ou chega mesmo a ser ignorado pelos adultos.

Segundo Aramis Lopes Neto, (2005, p.165) *“a violência nas escolas é um problema complexo e provavelmente o tipo mais frequente e visível da violência juvenil”*. O termo violência é frequentemente confundido com outros termos que descrevem fenómenos semelhantes como *“maus-tratos entre iguais”*, bullying ou *“agressão”*.

A palavra violência à semelhança de muitas outras do nosso léxico, provém etimologicamente do latim *vis* que significa violência, mas também força, poder, vigor. Fisher (1994:14) concebe a violência como o *“recurso à força para atingir o outro na sua integridade física e ou psicológica”*.

Por seu lado, (Fullat 1988 p.12), foca a violência como actividade exercida noutro indivíduo, visando a sua alteração consciente ou inconsciente por parte deste. *“Actividad que modifica la conducta de outro- sus informaciones, sus actividades y sus habilidades - sin que este se entere -sea por falta de conciencia o a causa del embrujo ejecido sobre él-, o bien en el supuesto de que se aperciba de ello, em contra de su voluntad”*.

Pegando, ainda, noutras definições do termo faz-se menção àquele que foi considerado o primeiro investigador a utilizar este termo Dan Olweus (1991) que afirma *“um aluno está a ser vítima de bullying/provocação quando está exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a acções negativas da parte de uma ou mais pessoas”*.



Se olharmos atentamente para as definições do termo aqui apresentadas, levam-nos a concluir que todas encerram em si mesmas o confronto que implica uma vítima. Porém, todo o acto ou comportamento violento lesa tanto quem exerce como aqueles em que é exercido.

Daí que Englander (1997 p.1) refira a intencionalidade e o dano como características inerentes à violência “ *violence is aggressive behavior with the intent to cause harm physical or psychological*”.

Por seu lado, Marmoz, (2006 p.14), tem uma concepção de violência que se baseia na âmbito da sua aplicabilidade, assim: “*la violence est un moyen de résolution des conflits, aussi bien plans individuels, interpersonnels que collectifs*”.

Agredire, etimologia da palavra agressão, que é por vezes relacionada e conectada com a palavra violência encaminha-nos para a ideia de movimento para o outro, o que nos leva no sentido de se ter praticado uma acção. Hacker, considera a violência como a expressão da agressão, fruto de uma aprendizagem social em que se pretende evidenciar um meio de se afirmar ou de demonstrar frieza, crueza “ *cette tendance, cette énergie, inhérente à l’homme qui s’exprime à l’origine par l’activité et se manifeste ensuite sous les formes plus différentes, à la fois individuel et collectives, telles qu’elles résultent de l’apprentissage et de la transmission sociale, depuis la simple affirmation de soi - même jusqu’à la barbarie.*”

Por seu lado, Buss (1995, p.1) dá uma definição de agressão que pode ser considerada lata, não especificando o contexto, assim, agressão será “*a reponse that delivers noxious stimuli to another organism*”.

Krahé, adopta a definição de Baran & Richardson (citado por Krahé, 2001,p.7) descrevendo-a como “*any form of behaviour directed toward the goal of harming or injury another living being is motivated to avoid such treatment*”. Esta definição tem um âmbito mais restrito, dado que salienta a natureza da agressão e o facto de ser originada por uma situação.

Agressão consiste então em magoar alguém intencionalmente, quer seja física, quer seja psicologicamente. Esta pode ser entendida quanto à intenção de magoar o outro, mesmo não obtendo vantagens para si próprio.

Poder-se-á dizer que agressão está relacionada com factores de carácter orgânico, o que não significa que o ser humano seja geneticamente programado para desenvolver comportamentos agressivos. Factores relacionados com o meio social, com a aprendizagem e com as experiências pessoais de cada um têm um papel fundamental na explicação que se possa dar em relação agressão.

Neste sentido, e de acordo com João Sebastião e Mariana Gaio Alves (2003, pp.37-62), a violência nas suas mais variadas formas, pode ser hoje considerada “*um elemento estrutural das sociedades industrializadas ocidentais, já que se encontra presente de forma persistente*



no seu quotidiano”, quer seja na violência intra-familiar, delinquência e criminalidade, guerra, violência no desporto, nos média etc.

Ainda segundo estes autores, a violência diz respeito à multidimensionalidade do fenómeno. O vandalismo, incivilidade, agressão/perseguição psicológica, agressão física, assalto/roubo, indisciplina grave são manifestações do fenómeno que o conceito procura descrever, daí que se tenha optado, neste trabalho, por usar esta terminologia.

Há que adicionar aqui a variação dos contextos em que estas situações de violência ocorrem se desenvolvem. A juntar a estes contextos, acrescentaríamos factores como os de ordem biológica, socioculturais, relativos às experiências e histórias de vida de cada um.

Das diferentes definições que aqui foram apresentadas, verifica-se que quer a violência, quer agressão muito embora apresentem interpretações variadas, têm um denominador comum: lesar alguém numa dada situação.

Já Freud, afirmou que a agressividade teria origem numa pulsão inata, ou seja, os comportamentos agressivos seriam explicados por uma disposição instintiva e primitiva do homem para a violência, dado que nasce e cresce num ambiente violento, porque também a sociedade é violenta. Durkeim, é da opinião que a densidade demográfica, o desenvolvimento económico, social e cultural de uma sociedade fomentam as desigualdades e por consequência os desvios à norma.

Por outro lado, Arregi Goenaga (1998), é da opinião que avançando no caminho da igualdade, da solidariedade, pode a sociedade observar um decréscimo da violência em geral.

Ainda segundo Lorenz, a agressividade humana estava programada geneticamente, sendo a mesma desencadeada em determinadas situações. Por seu lado, Dollard, diz-nos que agressão seria provocada pela frustração. Quando um sujeito não conseguia atingir os seus intentos, recorria à agressão.

Na concepção de Bandura, o comportamento agressivo, era aprendido por observação e imitação de modelos, ou seja, a criança no seu processo de socialização imitaria os pais, os professores, os seus pares e também os comportamentos agressivos.

Segundo Margarida Matos et al (2009, p. 27), refere que a *“agressividade é algo inerente ao ser humano e à sua sobrevivência. Deste modo é considerado normal que uma criança ou adolescente apresentem impulsos agressivos adaptativos, que se manifestam desde o nascimento mas que têm tendência para diminuir à medida que ele se vai inserindo e adaptando às normas familiares, escolares e sociais”*.

A violência pode assumir diversas formas distintas entre si: a violência física e a violência psicológica. Na primeira, podemos reconhecer actos como sejam o bater, o empurrar, dar pontapés, podendo ou não recorrer-se ao uso de um objecto.

Por seu lado, a violência psicológica, é no entender de Fernandez (1998) uma forma de violência menos visível. Este mesmo autor tem uma concepção de violência que nos faz perceber que a mesma não se resume a estas duas formas, ou seja *“solo cuando se inflige*



daño físico, verbal o psicológico a outro miembro de la comunidad, ya sea adulto o un igual, se considera violencia”. Daqui conseguimos perceber que para além de física e psicológica (jogos psicológicos, chantagem, rumores e fazer troça) acrescente-se ainda a verbal através de injúrias, expressões maldosas e ameaças. Esta última é a mais recorrente, ou seja, é a esta que as pessoas mais recorrem.

Segundo Krug et al (2002), para além das diversas formas de violência já atrás referidas, há ainda três categorias de violência: a violência auto infligida, a violência interpessoal e a violência colectiva.

Há ainda a violência directa e a violência indirecta (Krahé, 2001). A primeira é quando se dirige directamente a alguém em concreto, a indirecta quando não é directamente ao indivíduo, mas aos pertences de uma instituição ou de um indivíduo.

Há ainda dois subtipos de violência a reactiva ou reacção a uma determinada situação, enquanto o segundo remete para o alcançar de um determinado resultado, isto na perspectiva de Coie & Dodge (1998).

Poderia também fazer-se referência a uma outra forma de violência o *bullying* que atinge não só as crianças, em contexto escolar, mas também adultos que são pressionados e ameaçados nos seus locais de trabalho. Segundo Aramis A. Lopes Neto, (2005, p.165)“*o bullying compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação aparente adoptadas por um ou mais estudantes contra um ou uns causando dor angústia...*”.

Há especialistas que afirmam ser o bullying a forma de violência mais cruel, pois tal nível de agressividade irá interferir de modo negativo no processo de ensino aprendizagem e na convivência social. Segundo diversos autores, o bullying foi definido como sendo um abuso sistemático de poder, (Smith and Sharp 1994), “*uma forma de comportamento agressivo, usualmente maldosa, intencional e persistente podendo durar semanas, meses ou anos*”.

Neste sentido, urge identificar diferentes formas de violência, identificar causas, e factores associados. Importa ainda dizer que a violência não é um “*senal dos tempos modernos*”, mas cada tempo tem o seu tipo de violência, que reflecte entre outros, preocupações, incertezas, angústias, ambições e na abordagem que se faz ao problema, bem como a gestão de conflitos. No fundo, os actos violentos estão sustentados por valores, crenças, sobre o bom e o mau de uma acção que força o indivíduo a operar de acordo com essa convicção.

Margarida Matos et al (2009, p. 20), diz - nos que “*a luta contra a violência nas suas várias formas insere-se num trabalho diário e subtil, na rotina do dia-a-dia das instituições e das comunidades. É uma luta de todos nós*”.



2.2. Violência nas escolas

A violência nas escolas, é um problema social grave, complexo e provavelmente o tipo mais frequente e visível entre os estudantes. Ao longo dos últimos anos tem-se assistido a um aumento da sua visibilidade e importância através dos diversos meios de comunicação social. Este tema tem constituído uma preocupação crescente entre pais, professores e a população em geral.

A violência escolar na opinião de João Sebastião & Outros *“corresponde a um fenómeno que sempre fez parte integrante do sistema educativo desde a sua origem, ainda que possa hoje assumir contornos distintos”*(actas do XV Colóquio da Secção Portuguesa AFIRSE). Daí que se diga que não existe um único e verdadeiro significado para a expressão violência na escola, pois esta é na verdade abrangente, dado que encerra em si uma diversidade de situação, com graus de gravidade e contornos variáveis. A violência, em contexto escolar, tem no entender de Margarida Gaspar Matos,(2009:27) *“implicações globais, a nível escolar, familiar e a nível da sociedade”*.

Segundo João Amado e Isabel Freire, a violência na escola é *“um fenómeno de carácter multifactorial, com diferentes expressões e múltiplas causas, em cuja prevenção da escola tem um poderoso impacto quer o tipo de violência seja ocasional seja sistemática.”*(in Centre for Educational Research, August, 26, 2005)

Segundo Aramis Lopes Neto, (2005, p.165) o termo violência escolar, *“diz respeito a todos os comportamentos agressivos e anti-sociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao património, actos criminosos etc”*. Ainda segundo esta autora algumas situações de violência escolar, estão relacionadas ou dependem de factores externos, cujas intervenções podem estar para além das competências de quem está à frente do ensino. No entanto, muitas das situações têm solução no próprio ambiente escolar. Ou seja, são situações que ocorrem em contextos escolares particulares e que na opinião de João Sebastião & Outros, (Revista Noesis, p. 55) estas situações *“necessitam de ser contextualizadas no ambiente humano e social da escola, pelo que caberá aos elementos das próprias organizações escolares, que têm um papel principal quer na prevenção de episódios de violência quer na acção quando tais situações se verificarem”*.

Daí que cada escola deverá desenvolver estratégias que deverão ter sempre em atenção as características sociais, económicas e culturais da sua população. Comungam desta opinião João Sebastião & Outros (Revista Noesis, p. 55) quando afirmam *“a promoção da segurança na escola não pode ser conseguida sem ter em conta a multidimensionalidade do fenómeno, ou seja, sem tomarmos em conta um quadro complexo de factores que permita analisar e intervir sobre as situações de violência de forma contextualizada”*.



Na perspectiva de João Amado e Isabel Freire, há em Portugal duas abordagens distintas sobre a violência escolar. Digamos então que numa perspectiva temos a questão da indisciplina. Podem aqui ser tomados em consideração os diversos tipos de comportamento que podem ou não ser violentos mas que não estão em conformidade com as regras/normas que vigoram na escola.

Numa outra observa-se o fenómeno como algo de específico realçando o seu carácter psicológico e social. Todavia, o comportamento violento distingue-se de outros tipos de comportamento pelo impacto negativo que tem, quer seja a nível físico, emocional que tem sobre aqueles a quem se dirige, ou seja, a violência tem a intenção deliberada de causar danos a outro, e neste sentido representa um problema disciplinar e específico das escolas.

Todos desejam que a escola seja um lugar seguro e saudável para as crianças, onde elas possam desenvolver ao máximo o seu intelecto e o seu lado social. Daí, que não se possa admitir que sejam alvo de agressão, maus - tratos físicos ou psicológicos.

Mas ao contrário do que se possa pensar, as escolas deixaram de ser e de representar um lugar seguro. Inicialmente, a violência na escola era tratada como uma questão simples de indisciplina. Mais tarde, passou a ser analisada como manifestação de delinquência juvenil, comportamento anti-social, hoje, é percebida de maneira muito mais ampla, sob perspectivas que expressam fenómenos como a globalização e a exclusão social.

Cada escola, enquanto instituição deve desenvolver um conjunto de estratégias que estejam e tenham sempre em consideração o meio em que se insere. Para além deste aspecto há ainda a considerar a relação e estreito envolvimento entre pais, professores, assistentes operacionais e alunos.

Deve haver um trabalho conjunto de responsabilidade conjunta em abordar e trabalhar o problema da violência dos alunos. Catherine Blaya (2006, p. 10), corrobora a ideia de que a escola não é alheia à construção deste fenómeno e *“pode desempenhar um papel determinante na preservação de um espaço seguro”*. No entanto, diz-nos também que a escola também é o produto de interações com outros contextos de socialização dos jovens.

De acordo com João Clemente (2006, p. 43), a *“escola tende a concentrar-se nas crianças agressoras...”* dado que são estas que têm um efeito negativo sobre os elementos da turma, porém a escola tem de adoptar medidas que reduzam ou impeçam situações de violência, no entanto, as medidas que são implementadas não têm surtido o efeito desejado. Ainda segundo este autor, é a partir do jardim-de-infância e 1º ciclo que se deve começar a intervir com o objectivo de prevenir este tipo de comportamentos.

Também Margarida Gaspar Matos (2009, p.20) nos diz *“a escola aparece-nos como um contexto muito particular, comum a todos os cidadãos no decorrer do seu desenvolvimento e onde, fruto de vários desafios nas relações interpessoais, a questão da violência interpessoal assume algum protagonismo e acarreta alguma preocupação pública”*.



Susana de Carvalhosa (2001,p.535) cita no seu artigo Beatriz Pereira dizendo-nos que a escola *“deve ser um local de bem-estar e de aprendizagem”*, logo um dos principais locais mobilizadores do combate à violência, onde se dê lugar aquisição de aprendizagens bem como um local onde as crianças e jovens se sintam bem.

Neste seguimento, as intervenções que as escolas possam fazer têm de ser direccionadas para as características dos alunos e não baseadas em experiências que foram ou vão sendo feitas noutros países que têm realidades e contextos diferentes do nosso.

A violência na escola não é compatível com a Educação para a cidadania e os direitos das crianças. Direitos esses que lhe conferem a liberdade de viver sem medo e intimidação. Há na história marcos que contribuíram para uma consciencialização global perante o tema da violência, de entre os quais se destacam o relatório Young People’s Health in Context, enquanto resultado de uma pesquisa alargada efectuada essencialmente na Europa, entre 2001-2002, junto de alunos entre os 11 e os 15 anos (World Health Organization Europe, 2004), o relatório da OCDE que intitula o capítulo catorze de *“violence at school: a European perspective”*.

O combate eficaz às práticas agressivas exige a aplicação de um conjunto de medidas nas escolas, as quais, devem incluir procedimentos administrativos, designadamente no que respeita à supervisão, o envolvimento de toda a comunidade escolar na mudança do clima inerente à mesma.

O artigo 19 da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças, torna claro que as crianças têm o direito fundamental de se sentirem seguras na escola, o que figura como base indispensável para aprendizagem.

Maria José Dias Martins, (2007, p. 51) citando Debarbieux, afirma que *“é no contexto escolar que as crianças passam mais tempo, além de que este é um território privilegiado quando se pensa na prevenção primária da violência”*.

A escola não terá apenas a obrigação moral de reduzir os actos de violência. Através da legislação e tudo o que a ela está inerente e o bom senso obrigam a escola a garantir um ambiente seguro, física e emocionalmente.

A organização pedagógica da escola é o pilar essencial para a prevenção dos problemas relacionados com o abandono, absentismo, indisciplina e violência.

Aqui torna-se importante salientar que a violência na escola, é um fenómeno que sempre fez parte integrante do sistema educativo desde a sua origem, muito embora assumia contornos distintos dependendo da época. Em épocas anteriores, talvez tivesse maior impacto ou destaque a violência que os professores exerciam sobre os alunos, que poderia ser simbólica mas também física. Nos dias que correm, é a violência dos alunos sobre os alunos e sobre professores que sobressai e que é alvo de maior atenção, ainda que a primeira não tenha deixado de existir, nem a segunda tenha surgido nos anos mais recentes.



Faz-se referência ao novo Estatuto do Aluno Decreto-Lei n.º 3/2008 de 18 de Janeiro, que vem reforçar a autonomia das escolas, reforçar a autoridade dos professores, bem como agilizar todos os procedimentos e conferir aos pais e encarregados de educação mais responsabilidade. O seu artigo 9º diz-nos o seguinte: *“As regras de disciplina da escola, para além dos seus efeitos próprios, devem proporcionar a assunção, por todos os que integram a vida da escola, de regras de convivência que assegurem o cumprimento dos objectivos do projecto educativo, a harmonia de relações e a integração social, o pleno desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos alunos e a preservação da segurança destes e ainda a do pessoal docente e não docente.”*

Há ainda em termos de legislação o Decreto-Lei nº 117/2009 de 18 de Maio, que cria o Gabinete do Coordenador da Segurança Escolar, onde se defende e propõe a criação de *“condições favoráveis ao desenvolvimento de um clima de segurança nas escolas é indispensável para se alcançar o sucesso educativo de todos os alunos em especial daqueles que se encontram em meios particularmente desfavorecidos, em risco de exclusão social e escolar”*. Deste modo, criou o Ministério da Educação uma Equipa de Missão, para a segurança escolar que tem como finalidade principal *“conceber, desenvolver e concretizar um sistema de segurança nas escolas”*.

Esta equipa de missão, deverá avaliar as ocorrências que vão aparecendo nas escolas. Este trabalho é desenvolvido em articulação com Observatório de Segurança Escolar, cabendo-lhe assim a responsabilidade de desenvolver um plano de acção a nível nacional para combater situações de violência e insegurança em meio escolar.

No entanto, esta Equipa de Missão viu terminado o seu mandato de três anos e houve necessidade de criar uma nova estrutura com estabilidade adequada à situação.

É neste seguimento e em articulação com o Observatório da Segurança na Escola e com o Programa Escola Segura, que surge o G.C.S.E (Gabinete Coordenador Segurança Escolar), que lhe cabe, *“conceber, coordenar e executar as medidas de segurança no interior das escolas e no perímetro interior da vedação, incluindo a formação do pessoal docente e não docente”*³.

Este Gabinete deverá ainda elaborar um plano de actividades anual e proceder à concretização das medidas necessárias para combater situações de insegurança e violência escolar.

O Coordenador do Observatório da Segurança Escolar, João Sebastião, refere que *“há uma ligeira tendência para o aumento do número de ocorrências registadas, mas desconhece - se se esse aumento é real, se não resulta da maior visibilidade sobre o fenómeno ou de uma*

³ In Portal da Educação Maio de 2009.



maior preocupação das escolas".⁴ Fazendo menção aos números existentes, referiu que o número de casos de bullying dentro das escolas passou de 1.876 no ano lectivo 2004/2005, para 2.160 no ano lectivo seguinte. Em palavras proferidas ainda pelo mesmo *"em 2005/06 registaram-se ainda 207 agressões contra alunos nos acessos aos estabelecimentos de ensino, 326 agressões contra professores dentro da escola e 64 nos acessos e um total de 766 relatos de injúrias contra funcionários."* No total registaram-se 3.523 ocorrências contra pessoas, às quais se juntam 1.768 acções contra o património, roubo de bens a alunos, professores, funcionários e equipamentos, realçando que isto só em estabelecimentos que estão sob a coordenação/alçada da Direcção Regional de Educação de Lisboa e a Direcção Regional de Educação do Norte. Estes dados são aqueles que são fornecidos pelas escolas e não pela P.S. P ou G.N.R, no âmbito do Programa Escola Segura.

Ainda no decorrer do ano de 2007 são revelados novos números pelo Coordenador do Observatório da Segurança Escolar, mais precisamente em Dezembro de 2007. Segundo dados revelados pelo Observatório nove em cada dez escolas do país não comunicaram qualquer caso de violência durante o último ano lectivo. De acordo com o Coordenador num universo de 12.593 escolas, 93,4% (11.762) não relataram qualquer incidente em 2006/2007. A maioria das ocorrências registaram-se no Porto e em Lisboa. O furto surge em primeiro lugar com um valor de 25,8%, seguindo-se a ofensa à integridade física com 24,2%, o que perfaz metade do total dos casos de violência escolar. As injúrias e ameaças rondam os 15%, e o vandalismo e dano ronda os 12% dos casos.

Comparativamente aos dados de 2005/2006 que foram apresentados no Parlamento, em Fevereiro, João Sebastião salienta *"uma redução global de 35,9% no número de ocorrências, o que justificou com a existência de uma maior atenção nas escolas."*

Em relação às ocorrências registadas no interior da escola os dados apontam para uma diminuição na ordem dos 54%, de 7.740 passou-se para 3.533 ocorrências. Já em relação ao espaço exterior da escola, verificou-se um aumento de 8,4% dos casos, ou seja, de 3.224 em 2005/2006, para 3.495 em 2006/2007.

Os alunos são as principais vítimas dos actos violentos com 1092 alvos de agressões, ou tentativa, 138 de roubo e 160 de difamação ou insulto. Estes são os alvos mais fáceis, mais frágeis e mais apetecíveis se trouxerem bens como sejam os telemóveis para a escola, daí que seja importante as escolas e as famílias aplicarem determinadas políticas que ajudem a reduzir este fenómeno.

Em segundo lugar, surgem os professores, com 185 agressões e 217 calúnias ou injúrias, por outro lado, os funcionários da escola foram alvo de 147 casos de agressão, 7 de roubo e 175 ataques verbais.

⁴ In Portal da educação:
<http://www.educare.pt/educare/Actualidade.Noticia.aspx?contentid=3F7B6B16176B3641E04400144F16FAAE&opsel=1&channelid=0>



A distribuição geográfica mostra que são as áreas metropolitanas de Lisboa com 35,1% e Porto com 21,3% que revelam existir mais ocorrências de actos violentos.

Também o Programa Escola Segura, é uma iniciativa entre o Ministério da Educação e Ministério da Administração Interna, que visa promover comportamentos de segurança. Fá-lo promovendo acções de formação ou sensibilização junto da comunidade educativa, pois a consolidação deste programa, que abrange todos os estabelecimentos de ensino do país, visa prevenir e combater a insegurança e violência quer seja na escola, quer seja no meio envolvente. A sua acção passa também por promover e dinamizar acções/iniciativas promotoras dos valores da cidadania e de civismo.

A OMS (2002), na sexta recomendação das nove que fez, afirma o seguinte: *” a prevenção primária de violência deve ser integrada nas políticas educativas e sociais, assim como a promoção da igualdade do género”*. (OMS p. 33)

Ainda segundo esta organização, *“a violência é um fenómeno complexo, cujas causas se baseiam na interacção de muitos factores (biológicos, psicológicos, culturais, económicos e políticos”*.

Tal como já foi referido a violência nas escolas não é um facto novo nas escolas, mas uma parte da resposta poderá ser encontrada nas alterações profundas que se produzirem na estrutura, métodos e sistemas educativos. Deste modo, acções de sensibilização e formação são importantes na ajuda que permitam dar para detectar situações de risco, na prevenção e na resolução de situações de indisciplina e insegurança nas escolas.

Segundo João Sebastião et al (2003, p.38), *“a massificação do acesso à escola, coincidiu com a democratização política, pelo facto que resultou em contextos escolares mais conflituais e no acesso a níveis de escolarização cada vez mais elevados de grupos sociais deles até aí afastados”*.

Na perspectiva de Margarida Matos (2009, p. 27), há que saber discriminar os vários tipos de violência, para ser feita uma intervenção baseada no conhecimento e não apenas na acumulação de estratégias e medidas ineficazes. Isto porque a violência em contexto escolar, ainda segundo a mesma, *“tem implicações globais, a nível escolar, familiar e a nível da sociedade”*. Tal como há variados tipos de violência também poderemos apontar várias causas, sem contudo julgar que entre eles não existe relação.

Enquanto docente, muito embora num nível distinto daquele que nos propomos analisar o fenómeno da violência escolar entre pares, reconheço e considero que não pode ser feita uma intervenção eficaz se não se conhecerem as causas que em momento algum podem ser/estar dissociadas umas das outras. Qualquer que seja o acto infligido a outro(s) deixa sempre marcas, mesmo que não sejam visíveis.



2.3. Factores de Risco

A escola pode ser entendida como uma organização complexa *“uma entidade social complexa onde se inter-relacionam várias estruturas e múltiplos intervenientes: alunos, pessoal docente, pais e comunidade em geral, contribuindo todos para uma mesma finalidade e missão”* (Brito 1994 p.12).

A escola pretende atingir determinados objectivos que parecem claros: o sucesso escolar e educativo dos alunos. Para além destes objectivos que a escola se propõe atingir, tem também a função de socialização dos alunos, não obstante a heterogeneidade sociocultural dos intervenientes que interagem conduz ao emergir de situações divergentes que levam a casos de indisciplina, conflito ou violência. A escola é referida como responsável pela transmissão de normas e padrões comportamentais.

A violência escolar, reflecte ou parece reflectir o que se vive na sociedade, em que a escola se encontra inserida pois aqui encontramos uma multiplicidade de factores que interagem e que poderão desencadear a violência em meio escolar. O clima escolar, pode ser influenciado por factores familiares, pelo grupo de pares e pelo enquadramento sócio económico.

A violência não ocorre só e apenas no interior do espaço escolar onde se encontram constantemente situações de divergência, quer sejam entre os elementos da mesma turma, quer sejam com outros.

Também pode a violência em contexto escolar estar associada, por um lado ao aumento de escolaridade obrigatória, o que prolonga o permanecer dos jovens na escola, e por outro, à inadequação do ensino às diferentes culturas, expectativas, motivações e competências dos alunos.

Aramis Neto (2005, p.165), diz que *“o comportamento violento resulta da interacção entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais como sejam a família, a escola e a comunidade”*.

Ainda segundo este autor, há factores que podem ser considerados de risco, são eles: factores económicos, sociais, culturais, temperamento, influências familiares, amigos da escola; da comunidade constituem riscos para a manifestação de episódios de violência. A redução destes factores de risco pode prevenir o comportamento agressivo/violento das crianças e jovens.

Os comportamentos de cariz violento que ocorrem na escola têm uma intencionalidade lesiva. A violência pode ser desencadeada fruto de muitas situações de indisciplina que não foram resolvidas e que constituem a origem de um comportamento mais agressivo. Tal como já foi referido, para combater a violência, a escola tem de analisar a



forma como é exercido o seu controlo, tem que se organizar pedagogicamente, para conseguir deter a violência não só interior mas também exterior.

A violência entre pares em contexto escolar, é um fenómeno complexo, cujas causas se baseiam na interacção de muitos factores (biológicos, económicos, psico - sociais, culturais e políticos), a OMS (2002), e outros especialistas propõem a utilização de um modelo ecológico, onde sugerem que se examinem os factores de risco e protecção que influenciam o comportamento ou o risco de ser vítima de violência. Este modelo apresenta então o factor de ordem individual, relacional, comunitário e social.

Porém, não se pode afirmar que haja um elo de causalidade linear e simples entre aquilo que se considera serem factores de risco e o que se considera ser comportamentos violentos. Neste sentido, não se pode afirmar com total certeza qual ou quais são os factores que são a causa e quais é que são a consequência do comportamento observado.

Os factores que estão mais associados, são o fraco sucesso escolar, uma supervisão parental insuficiente ou inexistente, um hábito desviante ou delinquente na família. Do conjunto de factores acima apontados, não é possível determinar quais são os factores que podem ser a causa e aqueles que podem ser a consequência.

2.3.1. Factores Familiares

A família, é tida como o núcleo fundamental e principal em que as crianças e jovens adquirem modelos de conduta que exteriorizam. Há várias causas que podem ser apontadas com passíveis de deteriorar o ambiente familiar. De entre elas, podemos referir a pobreza, violência doméstica, alcoolismo, toxicodependência, promiscuidade, desagregação dos casais demissão do papel educativo etc. Normalmente, os indivíduos que vivem estas situações problemáticas familiares são sujeitos e alvos de violência.

O papel que a família tem na educação e o próprio conceito nem sempre foi o mesmo, tendo sofrido alterações de acordo com o evoluir dos tempos. Philippe Ariés (1988), diz-nos que no antigo regime, não existiam os termos criança ou adolescente, a criança não tinha infância, era considerada como um adulto jovem.

Nas sociedades de hoje torna-se de suprema importância a criança passar por todas as etapas do seu desenvolvimento permitindo-lhe assim adquirir competências que ajudarão no seu desenvolvimento integral.

A educação da criança, não era assegurada pela família. Desde tenra idade que se envolviam com os pais em actos sociais tradicionais, de ajuda aos pais, nos labores de casa no caso das meninas e, no caso dos meninos, na conservação dos bens e negócios da família. Era



desta maneira que adquiriam valores e conhecimentos que contribuíam para a sua formação pessoal.

Com as alterações que o 25 de Abril provocou a nível social, a família sofreu grandes transformações. Diminui o número de filhos por casal, o casamento tornou-se muito mais instável, aumentando o número de divórcios, as mulheres passaram a ter uma ocupação profissional, entre outros aspectos.

O Relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (1996,p.111) diz-nos que *“a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afectivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e normas”*.

As culturas juvenis são fortemente viradas para o lazer, de certa forma em oposição ao saber tradicional da escola e da família, que privilegia a ordem e a certeza, o ensino e a transmissão de conhecimentos e experiências entre pares. Muito embora haja uma certa continuidade na transmissão de valores de pais para filhos, a verdade é que os jovens de hoje adquirem a sua identidade não só dentro, mas também fora da família, através de discursos produzidos pela escola e a família que poderão ou não integrar. Todavia, a família não se pode demitir do seu papel e atribuir responsabilidades aos outros agentes educativos na formação dos seus descendentes.

Segundo Sebastião (2003 pp.37-62), o aumento da violência na escola *“reflecte uma crise de autoridade familiar, pelo facto dos pais se recusarem a impor disciplina aos filhos, remetendo essa responsabilidade para os professores”*. É na família que se estabelecem as primeiras normas e regras da vida em sociedade, que se transmite ao longo de gerações uma herança cultural e social.

Sebastião, refere que a família *“deve ser o principal agente educativo”*, daí que seja de primordial importância. No entanto, hoje as crianças contactam mais horas com a televisão do que com a família, pois a primeira está sempre em casa e a outra parte não. As crianças acabam por não ter referências. Ainda no entender deste autor, pelo facto de passarem pouco tempo com os filhos, fazem dele um *“tempo sem conflitos”*, empurrando para os professores o papel disciplinador, no entanto, *“quando os professores tentam exercer esse papel disciplinador são os pais que não o exerceram os primeiros a confrontar o professor e acusá-lo”*.

É no seio da família que a criança desenvolve todo um processo de socialização e esta desempenha um papel preponderante no desenvolvimento integral da criança, na visão que esta apreenderá do mundo e nas interações que irá estabelecer com outros.

A família é um núcleo coeso, de inter-relações fortes que para além de permitir e favorecer o desenvolvimento, promove a autonomia da criança. Com a entrada no Jardim-de-Infância e depois na escola do 1º Ciclo, a criança tem por tarefa estabelecer novas relações, conhecer novos espaços e adquirir novas regras e normas de convivência. Digamos que a



criança irá estabelecer relações de outras dimensões. Shaffer, (1996, p. 241) diz-nos que socialização é *“adaptação das crianças às características da sociedade em que se encontra inserida, transmitindo-lhe normas culturais e sociais que podem diferir segundo a família”*.

Podemos assim entender que a interpretação que se faz de família esteja associada ao meio cultural em que se encontra inserida pois *“the family does not function in a vacuum”* Maccoby & Martin (1983, p. 3). Daí, que a dimensão social, económica constituam aspectos geralmente associados quando se pretende analisar a família.

Segundo Farrington (2002), a insuficiente atenção dispensada pelos pais, a falta de carinho, afecto e a dedicação da mãe são aspectos que influenciam negativamente as crianças, convertendo-as em possíveis agressores ou vítimas. Olweus, diz-nos também que *“... El niño no recibe bastante cariño, atención, ni vigilancia, y sus cuidados no le fijan unas pautas claras de conductam”*.

No entender de Buss (1995), as crianças que têm uma boa ligação com os pais, estabelecem relações de empatia com os outros, tendo comportamentos pró sociais. Por outro lado, pais que sejam excessivamente rigorosos, autoritários e que criticam de forma negativa os seus filhos, estão de certa forma a estimulá-los para comportamentos agressivos com os seus pares. No entanto, uma superprotecção parental torna a criança demasiado dependente, insegura, com baixa auto-estima, tímida, aumentando as possibilidades de futuramente ser vítima de agressão.

As relações que os pais estabelecem com os seus filhos influenciam o seu comportamento com os da sua idade e os adultos. Para Hartup, (1992), as relações pais/filhos, contribuem para o seu desenvolvimento, fomentam a sua autonomia, a realização além do controle da situação. Designa ele como relação vertical ou assimétrica. Uma relação simétrica ou horizontal é aquela que evidencia dimensões de igualdade (*ibidem*).

Pais que estabeleçam relações parentais calorosas, conduzem as crianças a inibir comportamentos agressivos, por outro lado, uma relação parental de hostilidade e restritividade são mais propícias para a incidência de agressão. Muitos pais têm na punição física a medida a aplicar quando a criança foge ou se desvia das regras estabelecidas. Estas, têm uma baixa auto-estima, não são independentes e nas relações que estabelecem com os pares, terão tendência para serem dominados (Loeb, Maccoby & Martin, 1983, p.40).

A atitude *laisser faire, laisser passer*, demasiado permissiva perante um comportamento agressivo da criança, aumenta as possibilidades desta desenvolver este género de comportamento (Olweus, 1998, Farrington, 2002).

Nesta perspectiva, Veiga (2001) alerta para as consequências negativas não só do estilo parental permissivo e autoritário, mas também do estilo parental inconsistente e negligente, cujos alunos apresentam características tais como a indisciplina, rendimento escolar baixo, tendência para o consumo de droga e até delinquência.



Inversamente, pais compreensivos e atenciosos contribuem para o sucesso escolar do aluno, comportamento disciplinado e elevada expectativa de realização pessoal e social.

As relações que se estabelecem entre os diversos membros de uma família não devem ser ignoradas, pois o desenvolvimento integral do jovem, efectuar-se - á de modo harmonioso, quanto maior for a qualidade e a quantidade de interacções entre os vários elementos principalmente com os pais (Debarbieux, 2002).

A auto-estima que uma criança ou jovem possui, está claramente relacionada com o estilo educativo que os pais adoptaram, dando ênfase à autonomia, o apoio que lhe é dado e as relações que com ela estabelece.

Estudos desenvolvidos permitiram constatar que crianças oriundas de famílias com baixo estatuto sócio económico indicam uma elevada propensão para a agressividade e outros problemas comportamentais (Schwartz et al, 1997).

Também crianças que presenciem situações de conflito entre os seus progenitores, poderá favorecer atitudes agressivas nesta. (Olweus, 1998; Smith & Sharp, 1994; Farrington, 2002). Estes autores também defendem que a exposição directa a actos de violência torna a criança introvertida, deprimida, podendo ter insucesso académico e social, ou tornar-se violenta.

Catherine Blaya (2006), refere ainda aqueles que são educados em famílias monoparentais, não são sinónimo de factor de risco e que acarrete comportamentos perturbadores na criança, isto contrariamente ao que se pensava geralmente.

A escola e a família, enquanto instituições onde se processa a socialização do aluno, são as que conseguem actuar com mais prontidão, não devendo por isso demitir-se das suas responsabilidades. A família, é sem dúvida uma estrutura social que de um modo muito marcante influência o indivíduo principalmente nas primeiras fases da vida, mas que esta sua influência estará sempre presente.

2.3.2. Factores Escolares

A escola, enquanto instituição e espaço aberto à, e para a comunidade é a par da família e do grupo de pares um dos mais importantes contextos socializadores. Neste espaço estão presentes uma enorme diversidade de indivíduos cuja heterogeneidade cultural e social deve convergir para o seu enriquecimento e crescimento, em detrimento de comportamentos anti-sociais.

Deste modo, a escola é referida como responsável pela transmissão de normas e padrões comportamentais. O meio escolar pode criar, cristalizar ou agravar conflitos, suscitando comportamentos violentos, como pode desempenhar um papel importante na



prevenção da violência e da delinquência pois é um lugar de socialização essencial (Catherine Blaya 2006 p.13).

Baudelot e Establet, citados pela mesma, dizem que *“a instituição escolar não só reproduz as desigualdades exteriores, como lhes fabrica uma nova forma: as desigualdades escolares, distorção entre o capital cultural familiar e as exigências da escola, que são as classes dominante”*. A criança e o jovem vão reproduzir os comportamentos que aí observarem. Porém, as escolas estão hoje mais preparadas e mais capazes de delimitar o problema, muito embora a violência tenha adquirido ao longo dos tempos uma maior visibilidade por se falar e ter em atenção os direitos da criança.

De acordo com investigação produzida por Margarida Gaspar de Matos a violência não está aumentar, há é mais visibilidade por já não ser tolerada socialmente.

Esta autora defende ainda que as escolas onde há mais violência, ou onde há mais problemas, devem promover e ou provocar mais debates que envolvam os professores, pais, alunos, assistentes operacionais, bem como outros profissionais da área. O professor, enquanto educador tem por tarefa prevenir, intervir em situação de desvio ou risco em qualquer franja da sociedade mais debilitada, de forma a criar mudanças qualitativas.

No Projecto Educativo da Escola, considerado documento de grande valor, deve segundo João Clemente de Souza Neto (2006, p.51), *“fazer-se a integração de um programa de intervenção onde se dê importância ao maior envolvimento dos docentes, melhorar os recreios a sua supervisão, bem como animação desses espaços”*. Ainda neste seguimento, o mesmo refere que implementar um programa de intervenção torna necessário *“que a escola reconheça o problema, que o defina como prioridade do Projecto Educativo e que os problemas sejam partilhados e reconhecidos por todos.”*

A agressão ou episódios de violência quando ocorrem são sobretudo dentro dos muros da escola e em particular nos recreios, daí que seja necessário reavaliar os recreios, reorganizá-los de modo a que essas práticas sejam reduzidas. Aqui terá então de haver por parte da escola uma intervenção a três níveis, que são os espaços em si, os equipamentos desses mesmos espaços e a sua supervisão.

Segundo Beatriz Pereira, em estudos efectuados, verificou-se que nas escolas básicas de 2º e 3º ciclo a vigilância nestes espaços é quase inexistente, mas nas escolas do 1º ciclo, por norma há sempre um assistente operacional e um professor, nos jardins-de-infância está também presente o educador de infância.

Segundo João Neto, os recreios são áreas algo *“desvalorizadas”*, que têm dimensões reduzidas, têm uma oferta reduzida de jogos, convívio, observação, modificação e manipulação da natureza.

De acordo com Beatriz Pereira é no recreio que as crianças realizam inúmeras aprendizagens como seja tomar decisões, escolher actividade que querem fazer, como a querem fazer, com quem a querem fazer e onde a querem fazer. Nestas actividades que



realizam neste espaço, socializam, adquirem regras de conduta, e percebem que nem sempre se ganha e que nem sempre se perde e sobretudo aprendem os limites, a correr riscos e que nem todas as crianças têm as mesmas competências.

Margarida Gaspar de Matos, em resultado de estudo efectuado sobre *“Prevenção da violência interpessoal em meio escolar”* diz que *“deve haver um reforço de auxiliares para os recreios, formação de pais, alunos e auxiliares, incentivos e alternativas variadas, permitindo o sucesso escolar e de vida e expectativas positivas para o futuro”*. Refere ainda a mesma autora, que a vigilância e a punição por si só são estratégias ineficazes e que podem *“mesmo tornar-se perversas e aumentar a violência”* ⁵.

É então no projecto educativo da escola que devem estar definidas de modo explícito as políticas globais dessa escola e que toda a comunidade educativa tenha conhecimento das mesmas e se sinta envolvida.

Tem de ser um regulamento interno claro e coerente, bem como conter normas de comportamento esperados, quer ao nível dos alunos, docentes e funcionários. Aqui torna-se importante referir o estatuto do aluno que já no ano de 2007 com Maria de Lurdes Rodrigues, Ministra da Educação, sentiu necessidade de o rever no sentido de reforçar a autoridade dos órgãos de gestão e dos professores na tomada de medidas disciplinares de carácter educativo.

Esta posição tomada pelo Ministério da Educação, em torno deste documento, *“implica desburocratizar os procedimentos associados à gestão da indisciplina, que são hoje excessivamente codificados, desvalorizados da autoridade do professor, comprometendo a eficiência educativa”*. ⁶

Com esta alteração pretende-se ainda reforçar a responsabilidade da família pela assiduidade e participação efectiva dos alunos na escolaridade obrigatória. Neste sentido, torna-se então importante que no espaço escola, cada docente deve responder de modo específico às situações de violência que vão ocorrendo, bem como deve ser cada escola a criar as suas próprias estratégias e medidas por modo a prevenir/diminuir estas práticas.

Uma das medidas que a escola pode tomar é promover e sensibilizar para a formação, quer sejam os próprios membros que compõem a direcção, corpo docente, assistentes operacionais e pais/encarregados de educação. Estes últimos têm de estar mais disponíveis para a escola e demonstrar um maior envolvimento.

Tem-se constatado, ao longo dos tempos, que programas como o Desporto Escolar, Educação para a Cidadania, Educação para a Saúde, a escola a tempo inteiro e a ocupação plena dos tempos livres visam proporcionar à escola instrumentos de prevenção e plena integração dos alunos no projecto da escola (Maria de Lurdes Rodrigues).

⁵ In artigo publicado no Portal da Educação, 29/03/2010, Sara R. Oliveira: <http://www.educare.pt/educare/Actualidade.Noticia.aspx?contentid=7803CEAC08B43686E0400A0AB8002553&opsl=1&channelid=0>

⁶ In Jornal Público de 05/03/2007.



O tamanho e a estrutura do estabelecimento de ensino, são um dos factores que influenciam o aparecimento de problemas de comportamento. Debarbieux, refere que o número de alunos acolhidos tem influência no clima escolar, sobretudo nos estabelecimentos desfavorecidos, reforçando o efeito da distribuição sócio-económica. Por outro lado, Blaya (2001), realizou um estudo comparativo na França e em Inglaterra sobre violência em meio escolar em escolas desfavorecidas e constatou que tamanho do estabelecimento não tem o mesmo impacto negativo nos dois locais, logo, leva a autora a pensar que o trabalho em equipa é importante, bem como a coesão das equipas educativas e uma política de luta contra a violência na escola, têm um valor protector e não valorizam o tamanho do estabelecimento.

Contudo, e citando Blaya, (2006,p.86) *“estabelecimentos com várias entradas, edifícios separados e pátios de recreio contíguos, oferecem mais oportunidades de desordem, de vandalismo e de intrusões do que as estruturas mais pequenas “*. Daí que estejamos conscientes que uma escola com grandes dimensões exija uma vigilância mais rigorosa e ajustada de modo a poder prevenir e evitar qualquer intenção de violência. Também podemos depreender que seja qual for o tamanho da estrutura, sem recursos humanos suficientes não poderá ser feita uma adequada supervisão dos espaços.

A sala de aula é um espaço que vai influenciar a integração dos alunos no espaço escola e também pode ser um lugar de discriminações, humilhações quotidianas por parte dos alunos e dos professores.

A sala de aula a par com o recreio é o local onde mais ocorrem actos de violência. Neste espaço, o tipo de violência que ocorre é através do uso de linguagem injuriosa, inadequada, porém também podem ocorrer situações de violência física.

Um outro facto de risco é o insucesso escolar dos alunos, ou seja, alunos com dificuldades de aprendizagem e fracos resultados escolares são susceptíveis de ser mais vítimas do que os outros. Também aqueles alunos que não têm prazer no contexto escolar, vivem sob tensão, têm relações negativas, quer seja com colegas ou professores, apresentam mais riscos de recorrer a comportamentos violentos para com os seus pares.

Aqui importa ainda dizer, que alunos que estejam expostos a diversas formas de violência, as suas funções cognitivas, como a memória, a concentração, a capacidade de abstracção, são alteradas (Singer et al, 1995). Também a recusa em ir à escola é outra das consequências.

A escola tem então de ser capaz de gerar no seu seio um sentimento de sucesso, valorizar aprendizagem e estabelecer uma forte ligação com os seus alunos, pois só assim conseguirá lidar e enfrentar os grupos de pares desviantes e evitar que alunos com insucesso escolar se aliem aos mesmos.

Cada escola tem as suas próprias características que em muito estão relacionadas com o contexto dos alunos, por isso, numa mesma comunidade, uma escola pode ter um *ethos*



muito distinto da outra. Isto está intimamente relacionado com o facto de cada aluno quando chega à escola trazer consigo determinantes sociais e culturas muito variadas.

Assim, uma escola que recebe um grande número de alunos com carências económicas, afectivas, emocionais e educacionais terá mais probabilidade de se verificar episódios de violência. Deste modo, poderá ser uma escola estigmatizada pela sociedade, levando muitos encarregados de educação a não matricular aí os seus filhos.

Por conseguinte, impõe-se a implementação de medidas que possam garantir um convívio harmonioso entre os pares, tal como uma supervisão adequada, aumentando o número de seguranças nas escolas e facultar a todos os membros da escola formação apropriada para a resolução de conflitos.

Como vimos, o clima escolar afecta os alunos não só em termos académicos, mas ainda do ponto de vista social e psicológico, sendo imperativa uma preocupação assente na qualidade do *ethos* escolar para o estabelecimento de relações interpessoais aprazíveis entre os membros da comunidade educativa, particularmente entre os grupos de pares.

A segurança nas escolas e a escolha de estratégias mais eficazes para prevenir e/ou enfrentar situações de violência exige, para além do enquadramento normativo e de apoio ao nível do sistema educativo no seu conjunto a reflexão sobre eventuais acções a decidir e a operacionalizar pelo próprio estabelecimento de ensino em função das particularidades que o caracterizam, bem como as da comunidade onde está inserido são segundo João Sebastião et al, (2007) de importância elevada.

A relação que o aluno tem e ou mantém com a escola vai variando ao longo do seu percurso, ou seja, nos primeiros anos de escolarização (creche, infantário e ensino básico), a criança mostra-se ansiosa por ir para a escola, pois é lá que estão os seus amigos de brincadeiras e os professores nestes anos são os mesmos, pelo que as relações afectivas são muito intensas e grande parte dos conceitos que adquirem são feitos de forma lúdica e agradável.

Nos outros níveis de ensino há uma quebra nas relações que se estabelecem com os professores, o seu número é maior e há uma troca constante conforme as disciplinas leccionadas, levando então a um enfraquecimento da relação entre aluno e escola. Também em íntima relação com este aspecto está o facto da falta de coesão entre o corpo docente, o cumprimento dos conteúdos programáticos, faz com que os docentes se alheiem dos alunos e não tenham disponibilidade para os problemas decorrentes da juventude.

2.3.3. Factores Sociais



A violência segundo Minayo (2005), apresenta-se possuindo uma dimensão social com raízes “macro - estruturais”. Encontra-se diluída na sociedade sob a forma de diversas manifestações que se interligam, interagem, alimentam e fortalecem e é deste modo que permanece presente e historicamente na sociedade.

Autores como Debarbieux e Montoya, identificam vários factores que tornam propícia a violência nas escolas. Estes factores vão desde a difícil situação social (pobreza, desemprego, injustiça social, xenofobia...), insegurança dentro do seio familiar, abandono e baixos padrões educacionais.

Margarida Matos et al (2009), refere que a violência não se restringe apenas a determinados estratos sociais ou a factores raciais, económicos ou geográficos específicos.

Com a democratização do ensino e o alargamento da escolaridade obrigatória, a escola depara-se com alunos cujo capital sócio cultural, perspectiva anseios dissemelhantes. Os alunos oriundos de meios socioculturais desfavorecidos e de minorias étnicas exibem um quadro de valores e normas que não se conforma com a cultura padrão que a própria instituição veicula, causando assim um certo desajuste.

Os contextos socioeconómicos e culturais diversificados que se esboçam na escola através da população que acolhe, obriga-a a repensar a sua organização. Esta organização vai no sentido de contextualizar o ambiente humano e social em que a escola se insere, tendo o papel principal, quer na prevenção de episódios de violência, quer na acção quando tais situações se verificarem.

A violência que afecta de modo significativo o ambiente escolar, deteriora não só as relações interpessoais de todos os agentes educativos, como também o desempenho dos discentes.

Daqui decorre a necessidade de haver condições de segurança na escola pois esta é fundamental para o sucesso educativo de todos os alunos especialmente daqueles que vivem em meios desfavorecidos e em risco de exclusão social e escolar.

Segundo João Sebastião, há uma associação sistemática de uma maior frequência de situações de violência e insegurança em escolas situadas em zonas socialmente desfavorecidas, alunos com maior frequência de insucesso e ou abandono escolar.

A promoção de segurança nas escolas não pode ser conseguida sem ter em consideração a multidimensionalidade do fenómeno, ou seja, sem tomar em conta um quadro complexo de factores que permita analisar e intervir sobre as situações de violência de forma contextualizada.

Catherine Blaya, (2006,p.84) afirma que *“um nível socioeconómico baixo, fonte de stress e de frustrações, e a pobreza podem aumentar os riscos psicossociais nas pessoas que os vivem”*, levando então à redução do tecido relacional gerando assim, comportamentos de risco, tensões familiares, perturbações nas relações entre pais e filhos. Em algumas



circunstâncias, as situações de violência que ocorrem nas escolas são devido a problemas de inadaptação em consequência do meio onde se inserem.

Esta inadaptação social é devida à educação deficitária por parte da família ou o meio onde o jovem se insere (bairro degradado, alcoolismo, droga, prostituição, violência doméstica, furtos, resolução de conflitos com recurso à agressão e precárias condições de vida), fazem com que os jovens adquiram condutas e comportamentos de acordo com o que vivenciam no seu dia-a-dia, daí que possam ser considerados jovens com poucas referências positivas.

No seguimento destas ideias, poderíamos afirmar que a violência surge em contextos muito variados e bem conhecidos. Logo, todos nós enquanto cidadãos de uma sociedade global, deveríamos ser chamados a intervir para contribuirmos para uma sociedade mais igualitária e mais justa.



Capítulo III

3.1. Os agressores, as vítimas e os observadores

Ser rapaz, representa um factor de risco, tanto como agressor, ou como vítima, isto no ponto de vista de Catherine Blaya. Já na perspectiva de Aramis Lopes Neto, o sexo masculino, predomina entre os agressores, enquanto no papel de vítima não há diferença entre os géneros.

Uma investigação produzida por Farrington, 1993; Blaya et al, 2004, revelou que os rapazes têm mais propensão para a violência física e directa (ameaças, pancada), por seu lado, as raparigas são mais subtis nos seus actos violentos, usam mais a violência indirecta ou psicológica, como sejam os boatos e ostracismo. Corrobora esta opinião, Margarida Matos et al (2009, P. 30), quando afirma que *“Os rapazes e as raparigas tendem a expressar o comportamento violento de forma diferente. Os rapazes tendem a apresentar um comportamento violento mais aberto e anti-social, enquanto que as raparigas expressam o seu comportamento agressivo através de agressão indirecta, denominada, manipulação social”*.

Constata-se ainda que a frequência dos actos de violência vai diminuindo com a idade e também ao longo do ano lectivo, ou seja, estes actos são mais preponderantes no primeiro período, vindo a decrescer com o decorrer do tempo. Refere-se ainda aqui que os actos violentos praticados pelos jovens podem assumir expressões muito diversas e heterogéneas. Heterogéneas, quer na severidade em que os actos são praticados, mas aos contextos em que estes comportamentos são praticados.

3.2. Quem é a vítima

As vítimas, ou aquele aluno que fica exposto a actos de violência, no entender de Aramis Lopes Neto, (2005, p.167) *“não dispõe de recursos, status ou habilidade para reagir ou terminar com a violência”*. Por norma, é uma pessoa pouco sociável, inseguro e não se sente integrado no grupo.

Tem a sua auto-estima em baixo, que se agrava com as constantes críticas sobre o seu comportamento e a sua vida o que vai dificultar ainda mais a possibilidade de ser ajudado. Também Catherine Blaya(2006,p.82) afirma que as vítimas têm mais tendência para serem depressivas e ou ansiosas e com baixa auto-estima. Acrescenta ainda que *“faltam - lhe frequentemente as competências sociais necessárias à interacção positiva com os seus*



pares”. Deste modo, cria-se na vítima um estado de medo, ansiedade que pode chegar a comprometer o seu desenvolvimento académico, vontade de evitar a escola, o convívio social e possíveis novas agressões.

Também (Amado & Freire; 2002; Pereira; 2002), afirmam que a vítima poderá ter tendência para se isolar, dificultando a sua integração social, acabando por ser pouco aceite pelos seus pares, não estabelecendo relações de amizade. A ansiedade e angústia, conduzem-no a um ser predisposto a ter doenças psicossomáticas ligadas ao stress, que se irão reflectir na sua vida, enquanto adulto, altura em que poderá ter maior tendência para sofrer de depressões.

Ainda segundo esta autora (Pereira, 2002), e corroborada por outros autores (Randall, 1996; Amado & Freire 2002), o sucesso académico é posto em causa, devido à falta de concentração, além de que o absentismo da mesma irá também reflectir-se nos resultados escolares, podendo mesmo a sofrer de perturbações do sono e falta de apetite.

O aluno vítima de violência, não revela espontaneamente que sofre actos de violência, isto pode estar relacionado com vergonha, por temer retaliações, ou por ter medo de críticas. Fala no assunto quando sentir que será ouvido, respeitado e sobretudo valorizado.

Ainda em relação à vítima, João Souza Neto (2006), refere que há determinados factores associados à vítima, são eles o género e a classe social. Os rapazes são mais vítimas que as raparigas e em relação à classe social, as crianças mais sujeitas são as de classe social mais baixa e de classe social mais alta. Fernandez (1998) diz-nos que a vítima pode tornar-se agressora de modo a obter a simpatia do agressor integrando-se deste modo no grupo. Porém, existe uma condicionante que é a personalidade, dado que nem todas as vítimas são capazes de tal atitude.

3.3. Quem é o agressor

Tal como a vítima, ser agressor traz consequências a curto e a longo prazo na sua dimensão social e pessoal. As crianças que utilizam a violência como forma de se impor e transgredem as normas de conduta, terão na adolescência e vida adulta mais probabilidades de desenvolver comportamentos desviantes, delinquentes (Randall;1996, Amado & Freire; 1994).

A hiperactividade, impulsividade, défice de atenção e fraco desempenho escolar, podem ser considerados factores individuais passíveis de conduzirem a actos violentos. Pertencer a um grupo que tem comportamentos delinquentes ou de pertencer a um gang ou grupo de pares desviantes é também um dos factores de risco individuais que favorecem adopção de comportamentos delinquentes na adolescência.



Também o facto de ter um envolvimento precoce em condutas violentas ou comportamentos perturbadores e atitudes favoráveis a condutas desviantes ou anti-sociais, são também factores de risco.

Os alunos que são autores de actos violentos, por norma têm um fraco nível de empatia e têm dificuldade em compreender as consequências dos seus actos sobre as vítimas. Vê os seus actos de agressividade como uma qualidade, sente prazer e satisfação em dominar o seu alvo.

São pessoas em que o seu grau de satisfação com a escola é muito baixo, têm tendência para o absentismo e para terem comportamentos de risco, como sejam o consumo de álcool, tabaco, drogas e armas. O agressor ou provocador é aquele que frequentemente implica com os outros, que lhes bate, que os arrelia ou que lhes faz outras coisas desagradáveis sem razão aparente.

Os agressores contrariamente às vítimas geralmente dispõem de um grupo restrito de amigos que apoia as suas actividades, embora sejam rejeitados por grande parte dos companheiros da turma (Maria José D. Martins, 2007).

Falar da auto estima dos agressores levanta alguma controvérsia, ou seja, se por um lado Olweus em 1994, concluía que os agressores *“têm uma forte personalidade, uma boa auto-estima, são populares na escola e não apresentam sinais de ansiedade”*, por seu lado, O’Moore e Kirkham em 2001, identificaram que os agressores *“têm tendência para terem uma baixa auto-estima e ansiedade quanto às suas capacidades intelectuais, à sua aparência física e à sua popularidade.”* (Catherine Blaya, 2006, p.81)

Os agressores, têm em torno de si um grupo de seguidores, que são, por norma, ansiosos e inseguros e fazem aquilo que o líder do grupo manda, para poderem pertencer a esse grupo.

Resta ainda acrescentar que a maioria dos agressores é rapaz. Por norma, são fortes e têm idade superior à média do grupo.

3.4. O observador

Aquele que observa, não tem uma participação directa nos actos de violência, cala-se, por ter medo de ser a próxima vítima, ou por não saber como actuar. A maioria dos alunos que observa, tem alguma simpatia por aquele que é agredido tende a não culpá-los por aquilo que aconteceu. Por outro lado, condena o comportamento dos agressores e deseja que os professores ou outros intervenham.

O observador vai tendo uma atitude de indiferença perante as situações a que vai assistindo ao longo do tempo. Esta atitude irá reflectir-se no seu desenvolvimento social e



moral (Fernandez; 1998, Amado & Freire; 2002). Para estes indivíduos valores como a solidariedade e cooperação serão praticamente extintos ou pouco relevantes.

O observador, pode adquirir variadas posturas, ou seja, podem ser participantes activos da agressão; incentivadores ou incitadores daquele que agride; ou só observadores, ou seja apenas observam ou se afastam. Alguns autores apuraram os *“ringleader bullies”* (que tomam a iniciativa); os *“followers bullies”* (os que se juntam) os *“reinforcers”* (que encorajam o agressor) e finalmente os *“defenders”* (que ajudam as vítimas) Salmivalli et al (cit. Por Smith, 2002, p. 119).

Aquele(a) que é vítima de actos violentos enquanto criança, têm mais propensão para sofrerem de depressão e de auto-estima baixa quando forem adultos. Do mesmo modo, quanto mais nova for a criança agredida, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos anti-sociais e desviantes e em adulto à instabilidade no trabalho, perda de oportunidades e relacionamentos pouco duradouros.

As consequências são nocivas para todos quantos se envolvem, as vítimas, agressores e observadores (Olweus, 1998; Fernandez, 1998; Pereira, 2002). Daí que se possa dizer que o fenómeno da violência é prejudicial tanto para quem a exerce, quem a sofre e quem a observa e os seus efeitos nefastos transvazam para a sociedade, deteriorando as condições de vida dos cidadãos.

3.5. Padrão comportamental dos envolvidos

Aqui devemos referir o padrão de comportamento, quer da vítima, do agressor e do observador dado que são eles os actores envolvidos nos actos de violência.

Em relação à vítima, há algumas determinantes que nos podem indiciar que uma criança poderá vir ou não a ser vítima. E segundo Olweus (1998 p.25), *“uma lumno es agredido o se convierte en víctima cuando está expuesto, de forma repetida y durante un tiempo, a acciones negativas que lleva a cabo outro alumno a vários de ellos”*.

Já foi anteriormente referido que uma criança que viva num ambiente familiar superprotegido é tímida, insegura, com menor auto-estima, menos independente, logo com maior probabilidade de ser vítima.

Este conjunto de características, também terão influência nas relações interpessoais, no estabelecer de amizades, em mantê-las, dado que os seus pares também terão dificuldade e receio em estar ao pé dela e em apoiá-la. Muitas vezes, os seus pares tomam atitude de se afastar com medo de sofrer retaliações.

Diversos autores, consideram a sensibilidade, instabilidade emocional e ansiedade traços da personalidade da vítima. Ser portador de características físicas consideradas



anormais, ou fora do comum, pertencer a uma minoria étnica, ter alguma deficiência física ou mental, são motores impulsionadores por parte dos agressores (Smith & Sharp, 1994; Lane, 1989). Também há outros motivos que podem ser considerados instigadores de actos violentos, como sejam as diferenças físicas (gordura, magro, defeito físico), a roupa que não é de marca ou está fora de moda, o racismo e a homossexualidade (Fernandez 1998).

Olweus (1994) faz a distinção entre vítimas passivas/submissas que são incapazes de reagir o que segundo este autor, contribuem assim, para serem alvos de agressões, e as vítimas provocadoras que respondem de modo agressivo. As passivas não têm qualquer participação nas actividades de grupo, chegando mesmo a ser excluídas e também não se conseguem impor no grupo.

Por outro lado, as provocadoras apresentam sinais de ansiedade e agressividade, sendo deste modo facilmente importunadas e provocadas. Estas vítimas provocadoras são geralmente em menor número e de acordo com Olweus (1998), estas são habitualmente rapazes, e há uma relação entre a força física que têm e o índice de popularidade, ou seja, quanto maior for a força, mais popular é, logo pode ser um agressor. Se tiver menos força, leva a um decréscimo de popularidade e enquadra-se mais no perfil para ser vítima.

No que concerne ao agressor e aos traços da sua personalidade, apresentam um temperamento agressivo que o levam a provocar situações que levem agressão. Esta impulsividade é por norma fruto de um ambiente familiar hostil, onde o afecto e o carinho estão ausentes ou são praticamente inexistentes (Randall, 1996; Amado & Freire, 2002). Aqui importa ainda mencionar a importância que o temperamento para o desenvolvimento da agressividade, ou seja, uma criança mais activa tem mais probabilidade de se tornar agressiva do que uma criança tranquila.

O agressor, do ponto de vista intelectual, é por norma um aluno com algum insucesso escolar, daí ter algumas retenções, logo é mais velho e mais forte, o que nalguns contextos escolares faz toda a diferença. Também se poderá dizer que para estes alunos a escola não tem utilidade nenhuma.

De acordo com Sebastião (2003), os rapazes e as raparigas demonstram poder vir a ser possíveis agressores, porém os rapazes, são mais afectados, quer seja na posição de agressor, quer seja na posição de vítima.

As raparigas, na posição de agressora, actuam mais no seio do grupo, utilizando uma agressão indirecta, como sejam chamar nomes, criticar a roupa, espalhar boatos, excluir e em que a linguagem que utilizam tanto pode construir como rejeitar amigos (Olweus, 1994). Um dos comportamentos que é apontado ao agressor, é o facto de manter uma posição de distância em relação à escola e à família (Matos e Carvalhosa, 2001).

O observador nem sempre é referido quando se fala de violência, porém, por tudo aquilo que presencia, acaba por ficar marcado. Ao observar-se um modelo agressivo, pode ser levado a reproduzi-lo se o observador o encarar de forma positiva. Por outro lado, se houver



repressão, a tendência para reproduzir o que se observou diminui. Olweus, (1998), diz-nos que os observadores são alunos mais inseguros e independentes, isto é, não têm estatuto entre os colegas, sendo influenciável.

3.6. Estratégias de prevenção e intervenção

A questão da prevenção da violência interpessoal é uma questão pertinente do mundo contemporâneo, que deve mobilizar vários tipos de profissionais e todos os elementos da comunidade educativa. A convivência social positiva, o exercício da cidadania e o bem-estar colectivo justificam plenamente a preocupação com esta temática.

Margarida Matos et al (2009, p. 135), menciona que os programas de prevenção devem *"incluir a promoção de um capital social positivo, promovendo a inclusão social, o acesso a espaços alternativos, protegidos e o desenvolvimento de materiais e estruturas de educação e lazer"*. Ainda segundo a mesma, um programa de prevenção da violência em meio escolar deverá promover a qualidade da educação, nomeadamente na *"obtenção de níveis de sucesso na educação e passagem de ano, facilitar a monitorização da educação escolar e dos recursos e estruturas disponíveis"*.

É então importante que os programas de intervenção e de prevenção devam sempre que possível envolver a comunidade, a organização escolar, as turmas, as práticas pedagógicas e sobretudo deverão dirigir-se mais aos grupos que aos indivíduos, uma vez que vários são os indicadores a sugerir que o problema dos maus tratos são um fenómeno de grupos.

Este tipo de programas, têm perante situações comportamentais de violência uma postura intolerante, mas têm uma relação de proximidade com a família.

É então importante o contexto escolar em que a própria se insere, as relações sociais que se estabelecem dentro da escola e com os pais, e as relações que a escola cria e estabelece com toda a comunidade educativa envolvente.

Em cada escola as estratégias a serem desenvolvidas devem considerar sempre as características sociais, económicas e culturais da sua população.

A participação de todos, visa estabelecer normas, acções e directrizes coerentes. Deste modo, escolas que têm regras explícitas e adequadas às idades dos alunos, que permitem que estes e os pais participem na elaboração do regulamento e no sistema de disciplina, que utilizam sanções de cariz reparador para as infracções cometidas pelos alunos, por oposição a sanções punitivas e expiatórias, que promovem um sentido de comunidade justa, e que estabelecem uma comunicação positiva entre a escola e a família, contribuem para a prevenção da violência e para a educação para a cidadania (Catherine Blaya, 2006).



Importa ainda referir que qualquer tipo de intervenção ou acção que se pretenda desenvolver, devem ser bem definidas pela escola e pela comunidade, os recursos, os obstáculos, o problema alvo relacionado com actos de violência.

Quando se define o plano de intervenção convém não esquecer a necessidade que pode haver de formação, bem como uma boa caracterização do padrão de violência que existe na escola e na comunidade envolvente, permitindo assim criar um plano de intervenção adequado. É então importante, tal como já foi referido, estabelecer uma boa cooperação entre escola, família e comunidade. A intervenção deve contemplar as necessidades e promover uma participação activa e responsável de todos (Margarida Matos, 2009).

Segundo opinião manifestada por Mariana Gaio Alves, em entrevista concedida⁷, cabe a cada escola ajustar, reequacionar as regras as normas aí existentes. Também referiu que uma das formas de prevenção passa pela organização ou reorganização dos espaços escolares, gestão da sala de aula, práticas pedagógicas diferenciadas e dinâmicas que saibam “*agarrar o aluno*”, levando a uma diminuição ou inexistência das mesmas. Deste modo, cada estabelecimento de ensino, necessita implementar medidas mais adequadas e de acordo com o contexto em que se encontra inserida, pois determinada medida ou acção pode resultar num contexto mas não resultar noutro. Sabendo de antemão que a instituição educativa é um reflexo da sociedade em que vivemos.

Na perspectiva de Fernandez (1998), combater a violência na escola exige estratégias que visem os seguintes objectivos: a prevenção, intervenção e revolução de conflitos. De entre as muitas medidas que poderiam ser referenciadas, ficamos-nos pela relevância que o Projecto Educativo e o Currículo têm numa escola.

3.7. O projecto educativo da escola

O regime de autonomia das escolas está definido no Decreto-Lei 115-A/98, de 4 de Maio, onde também se mostra uma nova organização da escola, com o objectivo de levar a cabo a democraticidade, a igualdade de oportunidades e a melhoria da qualidade da educação. O seu artigo 3º define autonomia deste modo:

“Autonomia é o poder reconhecido à escola pela administração educativa de tomar decisões nos domínios estratégicos, pedagógico, administrativo, financeiro e organizacional, no quadro das competências e dos meios que lhe estão consignados.”

O Projecto Educativo, encerra em si “*a orientação educativa da escola*”, em que explica os “*valores, metas e estratégias pela qual a escola se propões cumprir a sua função*”

⁷ Entrevista de 14 de Fevereiro de 2010, em Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências e Tecnologia



educativa”. O Projecto Educativo de Escola deve, levar a escola a identificar-se e a relacionar-se com o meio em que se encontra.

Daí que aquando da sua elaboração a escola deva fazê-lo de acordo com as condições e características do meio de modo a preencher as necessidades educativas detectadas.

Para a sua elaboração há que mobilizar toda a comunidade educativa, os professores, alunos, assistentes operacionais, comunidade local, autarquia, como propósito de detectar problemas educacionais subjacentes ao estabelecimento de ensino. Deste modo, cada escola poderá elaborá-lo tendo sempre em conta a sua especificidade e determinar assim quais as suas reais necessidades.

Pretende-se que dê resposta às reais necessidades da comunidade escolar e que reflecta sobre as linhas orientadoras da sua política educativa, propiciando a construção de um clima favorável à implementação de práticas que vão de encontro à formação integral do aluno como pessoa autónoma, interveniente, solidária, informada e democrática.

A Escola desempenha um papel fundamental no processo de formação do aluno, como cidadão do mundo, mas só com práticas adequadas e projectos viáveis e inovadores poderá dar resposta aos desafios que a sociedade do conhecimento e da informação lhe impõe.

Nesta perspectiva, o Projecto Educativo tem de procurar soluções para os problemas diagnosticados, perspectivando as linhas de acção de um processo de ensino aprendizagem no Agrupamento, enquanto espaço de partilha de responsabilidades, cuja finalidade principal se prende com a valorização da educação e a formação contínua do aluno, com capacidade de discernir, agir e fazer opções em liberdade.

O Projecto Educativo, deve definir modos de actuação de forma a resolver situações de violência, mas sempre em articulação com a comunidade, através de formações, reuniões, jornadas escolares (Olweus, 1998; Pereira, 2001). De um modo geral, todas as escolas incluem no seu Projecto Educativo de Escola o Estatuto do aluno, Decreto Lei 3/2008 que no seu artigo 5º diz que: *“O director de turma ou, tratando -se de alunos do 1.º ciclo do ensino básico, o professor titular de turma, enquanto coordenador do plano de trabalho da turma, é particularmente responsável pela adopção de medidas tendentes à melhoria das condições de aprendizagem e à promoção de um bom ambiente educativo, competindo-lhe articular a intervenção dos professores da turma e dos pais e encarregados de educação e colaborar com estes no sentido de prevenir e resolver problemas comportamentais ou de aprendizagem.”*

Este Estatuto diz-nos ainda no seu artigo 9º *“As regras de disciplina da escola, para além dos seus efeitos próprios, devem proporcionar a assunção, por todos os que integram a vida da escola, de regras de convivência que assegurem o cumprimento dos objectivos do projecto educativo, a harmonia de relações e a integração social, o pleno desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos alunos e a preservação da segurança destes e ainda a realização profissional e pessoal dos docentes e não docentes”.*



Já no decorrer deste ano, em comunicado do Conselho de Ministros, 22 de Abril surge uma proposta de lei em que este mesmo Estatuto do Aluno sofre algumas alterações. Das mesmas salienta-se *“a criação de condições de mais e melhor segurança, tranquilidade e disciplina na escola, através do reforço da autoridade dos directores, directores de turma e dos professores, a introdução de mecanismos de prevenção de situações que prejudiquem o normal funcionamento da escola e da adopção, em casos mais graves, de medidas que assegurem aos envolvidos um adequado acompanhamento.”*

Também se reforçam os princípios para melhorar aprendizagem, designadamente assiduidade dos alunos, a sua pontualidade e participação e empenho nas actividades escolares. Estas alterações prevêm também uma *“co-responsabilização dos pais e encarregados de educação.”*

Enquanto instrumento de gestão e coerência educativa o Projecto Educativo, potencia as suas características em documentos como sejam o Plano Anual de Actividades, Plano Curricular de Escola, Plano Curricular de Turma e Regulamento Interno. A elaboração deste documento (R.I), deve ter sempre presente a adequação à realidade do estabelecimento de ensino de regras de convivência e de resolução de conflitos na comunidade educativa. Também poderá conter procedimentos respeitantes à violência nas escolas.

Para a combater e segundo Pereira (2001), que pôs em prática um programa baseado no Projecto Educativo de Escola, em que ressaltava a sensibilização e formação dos professores, Conselho Executivo (actualmente Direcção), assistentes operacionais, pais e encarregados de educação; o melhoramento e diversificação dos espaços escolares, nomeadamente o recreio e por fim o atendimento aos alunos (vítimas e agressoras).

Vários investigadores, (Olweus, 1998; Pereira, 2001; Amado & Freire, 2002) defendem que articulação entre a escola e a família é de todo benéfica, no sentido de em conjunto partilharem responsabilidades, dado que ambas são as principais instituições que contribuem para a formação integral do sujeito, bem como na transmissão de valores como a solidariedade, tolerância, justiça, responsabilidade e regras de conduta.

De salientar que o Projecto Educativo de Escola é um documento que pode ser alvo de modificações sempre que os órgãos de gestão o achem necessário ou mesmo pertinente.

3.8. Áreas curriculares não disciplinares

Com a nova reforma curricular do ensino básico (Decreto Lei 6/2001), houve a introdução de novas áreas curriculares não disciplinares, como sejam, a área de Projecto, Estudo Acompanhado e Formação Cívica.



No capítulo II, artigo 5º, número 3 alínea c) diz-nos que *“o espaço privilegiado para o desenvolvimento da Educação para a Cidadania, visando o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos como elemento fundamental no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, activos e intervenientes, com recurso, nomeadamente, ao intercâmbio de experiências vividas pelos alunos e à sua participação individual e colectiva, na vida da turma, da escola e da comunidade”*.

Assim sendo, pode ter um papel importante na construção da identidade e consciência cívica dos alunos, quer seja através do diálogo, da reflexão e discussão de temas da actualidade e de situações vividas pelos mesmos.

Deste modo, caberá a cada escola utilizar o currículo da melhor forma e recorrendo às estratégias que forem mais adequadas e recursos mais apropriados, para explorar e contornar o problema da violência escolar.

Através destas três novas áreas curriculares não disciplinares poderá a escola incutir e difundir valores morais que a escola e a sociedade veiculam nomeadamente na formação cívica. A Área de Projecto visa a integração de trabalhos cooperativos *“concepção, realização e avaliação de projectos, através da articulação de saberes de diversas áreas curriculares, em torno de problemas ou temas de pesquisa ou de intervenção, de acordo com as necessidades e interesses dos alunos”* (Decreto-lei nº 6/2001, de 18 de Janeiro, capítulo II, artigo 5º, número 3 alínea a).

No decorrer das tarefas propostas e realizadas, os alunos são levados a desenvolver as suas relações interpessoais com os outros elementos do grupo, dando as suas opiniões, respeitando e aceitando as dos outros. Verifica-se, então, que a planificação do currículo ao nível da escola, constitui um meio de transmissão de valores, modificação de atitudes e contribuindo ainda para um integral desenvolvimento pessoal e social responsabilizando-os na criação de um ambiente propício para a realização da sua formação.

De qualquer modo, e tal como já foi dito, a escola deve ter sempre em mãos um conjunto de estratégias a aplicar, caso surjam casos de violência na escola, bem como medidas de intervenção para os actores envolvidos.

As intervenções têm de ser feitas, quer para a vítima, quer para o agressor. Assim, as vítimas necessitam de uma intervenção que promova a assertividade, auto estima, auto confiança, componente social para fazer amigos, para ultrapassar o isolamento e capacidade para procurar ajuda junto daqueles que efectivamente podem ajudar.

Necessitam também de ajuda no sentido em que têm de ultrapassar o medo e a culpabilização que por vezes sentem em relação à situação em que se encontram. Podem ainda beneficiar de estratégias que o ajudem a expandir-se (*self- expansion*).

Em relação aos agressores, necessitam de uma intervenção que os ajude a resolver os conflitos de forma não violenta e que altere as suas crenças relativas à eficácia e justificação



do uso da violência. Também passa pelo saber gerir a raiva, regular as emoções e a impulsividade.



Capítulo IV

4.1. Metodologia de Investigação

O estudo que estamos a desenvolver, visa essencialmente debruçar-se sobre a percepção que a comunidade educativa, pertencente a três Agrupamentos de Escola da cidade da Guarda, tem sobre a violência escolar entre pares. Deste modo:

- ✓ Pretendemos contribuir para a compreensão do fenómeno.
- ✓ Descrever o fenómeno violência em contexto escolar, nos alunos do segundo ciclo, em três Agrupamentos de Escola.
- ✓ Identificar nestes alunos do segundo ciclo a frequência com que ocorrem os actos de violência.
- ✓ Identificar os locais onde ocorrem e caracterizar o perfil de quem produz estes actos.
- ✓ Saber o quanto se sentem seguros os alunos nas escolas às quais pertencem.
- ✓ Modo de actuação quer seja dos Pais/Encarregados de Educação perante um actos de agressão ou violência.
- ✓ Modo de actuação dos Directores de Turma, perante actos de agressão ou violência.
- ✓ Modos de actuação dos Directores dos Agrupamentos, perante actos de agressão ou violência.

Perante a diversidade de métodos de investigação que se encontram ao dispor do investigador e tendo em consideração que todos têm as suas vantagens e desvantagens, *“ importa que o investigador seja capaz de conceber e de pôr em prática um dispositivo para a elucidação do real”*(Raymond Quivy, Luc Campenhoudt, p.15).

Com este estudo pretende-se saber que entendimento tem a comunidade educativa acerca do fenómeno violência escolar entre pares. Optou-se pelo método de investigação qualitativa, apoiando-nos porém, em técnicas relativas à abordagem quantitativa, como é o caso do questionário.

Através do questionário e dos dados que dele são recolhidos pretende -se que os sujeitos expressem livremente as suas opiniões sobre o tema tratado.

Aqui importa mencionar o quão importante é a construção do questionário e a elaboração das perguntas que o compõem. As perguntas ao serem lidas não deverão levantar àquele que está a responder qualquer tipo de dúvida ou esclarecimento extra em relação às mesmas. A ordem pela qual são colocadas as perguntas, é importante na medida em que o



entrevistado ao percorrer o questionário acaba por ter uma visão abrangente do objecto de estudo que o poderão levar a uma reflexão.

Segundo Tuckman (2000), o processo assemelha-se à construção de um puzzle em que o investigador vai encaixando as diferentes peças, ou seja, as unidades de informação que integradas num todo, traduzem a realidade analisada.

Também serão feitas entrevistas que poderão ajudar a constituir a problemática da investigação e revelar determinados aspectos do fenómeno que se está a estudar. Quivy & Campenhoudt (2008), afirmam que torna-se essencial que a entrevista decorra de uma forma muito aberta e flexível..., para encontrar pistas de reflexão, ideias e hipóteses de trabalho. Sendo a entrevista uma conversa que tem um determinado objectivo, requer do entrevistador um papel activo, onde haja uma recolha oral de informação, no entanto as entrevistas não poderão ou não deverão ter um elevado número de perguntas, para assim obter respostas interessantes e com conteúdo. É ainda importante que no decorrer da entrevista, o entrevistador *“deve abster-se de se implicar no conteúdo da entrevista”*(Quivy & Campenhoudt, 2008,p.76), nomeadamente no debate de ideias, ou na tomada de posições.

As entrevistas, poderão ter um guião que previamente tenha sido elaborado, servindo de eixo orientador ao desenvolvimento da entrevista. As questões pelo facto de não serem colocadas de forma rígida e obedecendo a um seguimento, poderão permitir alguma flexibilidade na exploração das mesmas.

Com a realização de entrevistas há a oportunidade para aprofundar, questionar e recolher um elevado número de dados diversificados.

Segundo Quivy & Campenhoudt,(2008, p.77), a entrevista *“não tem rigorosamente nada a ver com troca de pontos de vista entre duas pessoas.... O investigador fixa simplesmente, com antecendência, os temas sobre os quais deseja que o seu interlocutor exprima, o mais livremente possível, a riqueza da sua experiência ou o fundo dos seus pensamentos”*.

Os primeiros contactos que foram estabelecidos com os membros da direcção dos três agrupamentos foi no mês de Fevereiro, onde lhes foi explicado o que se pretendia estudar. Também foi solicitado aos Directores dos três agrupamentos uma entrevista. A escolha destes três agrupamentos deu-se pelo facto de ter dos mesmos alguns conhecimentos e por exercer funções lectivas num deles.

Os Directores de cada agrupamento de escolas não colocaram nenhum obstáculo e facilitaram o acesso a informações imprescindíveis para o estudo, tal como seja a distribuição dos inquéritos pelos Directores e Turma e pelos Encarregados de Educação das turmas seleccionadas.

Foram então elaborados inquéritos, em que o tratamento dos seus dados se efectuou através de mecanismos de estatística inferencial e descritiva, através do programa Statiscal Package for Social Sciences (SPSS), pois o inquérito por questionário segundo Ghiglione &



Matalon, (1995,.2), *“consiste em suscitar um conjunto de discursos individuais, em interpretá-los e generalizá-los”*.

Foram elaborados dois questionários distintos, ou seja, um para os Directores de Turma das turmas do 5º e 6ºanos dos Agrupamentos de Escola envolvidos no estudo, e o outro para os Encarregados de Educação também do 5º e 6ºanos dos mesmos agrupamentos. Neste último caso, foram apenas duas turmas em cada agrupamento, uma do 5º e outra do 6º. Estas foram escolhidas de forma aleatória na sede do Agrupamento.

O questionário dirigido aos Directores de Turma, apresenta um total de 16 questões, na sua maioria fechadas, o que assegura a utilização de uma nomenclatura uniforme.

As primeiras questões são para a recolha de dados pessoais e as restantes perguntas indagam-se os mesmos sobre a percepção que têm acerca do fenómeno da violência escolar e em específico no Agrupamento de Escolas em que leccionam. Pretende-se saber ainda o modo de actuação e medidas preventivas que são adoptadas perante situações de violência. A última questão é aberta para tentar perceber e saber o que na opinião dos mesmos deveria ser feito para diminuir a violência nas escolas.

O questionário dirigido aos Encarregados de Educação, composto por 15 questões, em que numa primeira parte se faz uma recolha dos dados pessoais, de modo a fazer uma breve caracterização sociocultural e económica.

A segunda parte do questionário, contém um conjunto de questões onde se pretende saber o grau de segurança em que os pais sentem os seus filhos na escola, e se são ou não vítimas de violência por parte dos seus pares. Questiona-se ainda sobre o grau de conhecimento que têm dos documentos que fazem parte da gestão do Agrupamento como sejam o Projecto Educativo, Regulamento Interno e Estatuto do aluno.

É ainda nosso objectivo, tentar perceber como actuam nos casos dos seus educandos serem vítimas de violência escolar. Numa última questão que é aberta e à semelhança do questionário aos directores de turma, pretende-se saber a opinião deles acerca daquilo que poderia ser feito para evitar ou diminuir a violência nas escolas.

Uma outra questão que é colocada nos dois inquéritos pretende saber o que entendem por violência escolar, sabendo de antemão o quão difícil é dar uma definição.

Os inquéritos foram entregues aos Directores dos Agrupamentos na última semana de aulas do segundo período lectivo. Os próprios Directores os receberam e fizeram chegar aos Directores de Turma e estes aos Encarregados de Educação. Os questionários distribuídos pelos Directores de Turma perfazem um total de 41 e para os Encarregados de Educação um total de 98.

A deslocação às sedes de Agrupamento, para recolha dos questionários ocorreu no final da primeira e segunda semana após ter começado o terceiro período lectivo.



As entrevistas realizadas não tiveram um carácter rígido, a conversa fluiu livremente, permitindo fazer as adaptações que quiséssemos.

Para as entrevistas feitas aos três Directores dos Agrupamentos envolvidos, elaborámos um guião de entrevista, composto por 9 questões, directamente relacionadas com a escola, alunos, documentos da escola nomeadamente o Projecto Educativo do Agrupamento, Estatuto do aluno, medidas preventivas e modos de actuação perante casos de violência entre pares na escola.

As questões não foram colocadas obedecendo a uma ordem em específico ou ao que estava previsto no seu guião. O entrevistado foi falando fluentemente sobre os assuntos, tendo o guião servido como orientação ou referência. Após a entrevista, procedeu-se à sua transcrição, de forma a garantir a fidedignidade. Estas entrevistas tiveram lugar em sede de Agrupamento, e no decorrer da interrupção lectiva do Carnaval. A duração de cada entrevista rondou os sessenta e noventa minutos cada.

4.2. Caracterização dos agrupamentos de escolas

Os três agrupamentos da cidade da Guarda, recebem alunos oriundos não só do meio urbano, como também do meio rural. Também frequentam estas escolas alunos filhos de imigrantes, que tal como já foi referido vivem na cidade da Guarda, cujos descendentes têm de frequentar o nosso parque escolar.

No total os três agrupamentos perfazem um total de 3891 alunos, sendo certo que aqui estão incluídos os alunos do pré-escolar, 1º ciclo e 2º/3º ciclos. Não foram contabilizados os alunos de CEF e PIEF.

Serão objecto de estudo os Directores dos Agrupamentos da cidade, Directores de Turma enquanto docente pelo qual passam todos os problemas/questões inerentes a uma turma e por fim os Encarregados de Educação/Pais dos alunos do 5º e 6º anos de escolaridade. De ressaltar que serão objecto de estudo não todas as turmas que fazem parte dos Agrupamentos envolvidos, mas sim duas turmas, uma de 5º e 6º anos de cada Agrupamento. A escolha das mesmas foi de cariz aleatório. São os Directores de Turma e Encarregados de Educação destas turmas que responderam aos questionários que lhes foram entregues.

Não foram escolhidas mais turmas pelo facto da amostra se tornar muito vasta, e não foram escolhidos outros anos de escolaridade, por se saber que é nesta faixa etária que ocorrem mais casos/actos de violência escolar.

Em relação à escolha ter recaído sobre os Directores, pois são estes o órgão máximo num Agrupamento de escolas, os Directores de Turma, porque é por eles que passa tudo o que diz respeito “àquela turma”, os Encarregados de Educação porque são eles quem melhor



conhece o seu educando, e são eles que através do seu conhecimento e experiência de vida nos poderão facultar informações, conhecimentos e preocupações.

O tecido sociocultural dos alunos que cada agrupamento recebe é variado, ou seja, alunos oriundos de famílias com poucos recursos e baixa escolaridade, mas também recebem alunos oriundos da classe média e média alta. De referir que estes alunos se concentram mais num determinado Agrupamento.

A arquitectura dos três Agrupamentos é distinta, sendo que um deles tem uma arquitectura mais antiga e os outros dois já mais modernos. São locais espaçosos, com espaços exteriores onde se podem desenvolver actividades lúdicas, tendo também locais de abrigo em caso de chuva.

Dada a autonomia que cada Agrupamento de Escolas tem, cada qual desenvolve o seu Projecto Educativo, Plano Anual de Actividades, Regulamento Interno. A elaboração destes documentos está adequada à realidade e tenta responder às necessidades de cada comunidade escolar.

Sendo o Projecto Educativo, um documento de referência de qualquer Agrupamento e consagrado na Lei (Decreto Lei nº75/2008 de 22 de Abril), define a orientação educativa da escola e está no centro das estratégias de construção da sua autonomia.

É a aposta na dignificação da *“acção educativa que passa obrigatoriamente pela valorização do querer aprender, pelo combate à exclusão e abandono escolar e pela aceitação das diferenças, num processo crescente de aquisição de valores e saberes”*⁸

O Projecto Educativo procura ser de acordo com as linhas orientadoras de quem o concebe e aqui faz-se referência ao Agrupamento de Escolas de S. Miguel, *“um documento funcional, realista, selectivo, coerente, distribuidor de responsabilidades, flexível no seu desenvolvimento, rentável quanto aos recursos, atento às realidades e aspirações de cada um e potenciador da melhoria organizacional e do sucesso educativo e escolar, em estreita relação com a sociedade.”*

Na perspectiva do Agrupamento de Escolas da Sequeira, o Projecto Educativo é visto com *“ um projecto em permanente construção e reestruturação liga-se àquelas escolas que são organizações com fronteiras flutuantes, com objectivos redefinidos a cada momento e com relações que também se têm de reconstruir continuamente”*⁹.

Para elaborarem os seus Projectos Educativos os três Agrupamentos, tiveram em consideração três dos quatro pilares do conhecimento, definidos no relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o séc. XXI:

⁸ In Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas de São Miguel: <http://joomla.aesmiguel.pt/images/stories/projectoeducativo.pdf>

⁹ In Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas da Sequeira: <http://www.aesg.pt/>.



- ✓ Aprender a ser, o que pressupõe o desenvolvimento da autonomia, do discernimento e da responsabilidade pessoal.
- ✓ Aprender a conhecer, o que também significa aprender a aprender, exercitando a memória, a atenção e o pensamento.
- ✓ Aprender a viver juntos, o que implica compreender o outro, as diferenças e perceber as interdependências.

É ideia comum, nos três Agrupamentos, de que os princípios, valores e políticas põem em evidência a concepção de educação que a comunidade educativa possui e que decorre da sua realidade física, social e cultural; esta por sua vez apresenta características que condicionam e simultaneamente orientam as metas a traçarem.

Ao elaborarem o P.E.A, (Projecto Educativo de Agrupamento) têm sempre presente a ideia de promover e fomentar um maior envolvimento do Pais e Encarregados de Educação na resolução de conflitos, o respeito mútuo na vivência diária nos diferentes espaços que fazem parte da escola. Pretende-se assim, um reforço da relação escola/comunidade.

Da leitura feita aos P.E.A (Projecto Educativo de Agrupamento) dos três agrupamentos envolvidos no estudo, denota-se que a sua área de actuação pretende abranger e envolver toda a comunidade educativa, tendo sempre presente o contexto em que se insere e todos os problemas sociais ou outros que o mesmo tem.

Para além do P.E.A., (Projecto Educativo de Agrupamento) cada turma tem desde o Pré-escolar ao nono ano de escolaridade um Projecto Curricular de Turma, que faz uma caracterização do grupo de alunos de cada grupo turma, bem como a existência ou não de problemas relacionais ou outros.

Um outro documento importante num agrupamento é o seu Regulamento Interno. Este documento, aplica-se a alunos, pessoal docente, não docente, pais, encarregados de educação, órgãos de gestão, administração, direcção, serviços de apoio educativo, estruturas de orientação educativa e comunidade em geral do agrupamento.

No Regulamento Interno, *“todos os intervenientes do processo educativo cumprem e são respeitados na sua individualidade”*¹⁰.

Com a elaboração e estruturação deste documento, os agrupamentos, visam um bom funcionamento de todos os estabelecimentos de ensino que os compõem.

As três Direcções dos Agrupamentos de Escolas que são objecto de estudo, foram eleitos o ano passado, pelo Conselho Geral. Todos eles pretendem ter um corpo docente estável, muito embora saibamos que há sempre um determinado número de docentes que são contratados e como tal, não permanecem muito tempo nas escolas. Têm ainda, docentes de

¹⁰ In Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas de São Miguel: http://joomla.aesmiguel.pt/images/stories/regimento_interno_2010.pdf.



apoio educativo, que dão apoio aos alunos com dificuldades de aprendizagem, e docentes do ensino especial que apoiam alunos com necessidades educativas especiais de carácter prolongado. Os três agrupamentos têm uma psicóloga, que acompanha e tenta resolver alguns problemas dos alunos, denotando-se porém ser insuficiente dado o número elevado de alunos que são para aí encaminhados.

Em relação à segurança escolar, os três agrupamentos têm um funcionário à entrada da escola que vai “controlando” as entradas e saídas do estabelecimento de ensino, isto na escola sede do agrupamento. Ainda em relação à segurança escolar há acrescentar o facto de os agrupamentos em causa, apenas recorrerem ao Programa Escola Segura, não por actos de violência causados dentro do recinto escolar, mas sim fora e por ausência de alunos às aulas, nomeadamente alunos das turmas de C.E.F. Muito embora os agentes da Escola Segura, passem pelas escolas em determinadas horas do dia.

4.3. Caracterização do contexto

É através do contexto que conseguimos obter um olhar mais aprofundado acerca das vivências dos seus actores, sendo certo que interagem entre si. No entender de Graue & Walsh (2003,p25), *“o contexto é mais do que um mero cenário que pode ir mudando sucessivamente ele faz parte do retrato, emprestando vida à imagem retratada pelo investigador. Um contexto é um espaço e um tempo cultural e historicamente situado, um aqui e agora específico. É o elo de ligação entre as categorias macro e micro-sociais. O contexto é o mundo apreendido através da interacção e o quadro de referência mais imediato para actores mutuamente envolvidos”*.

O concelho da Guarda, fica localizado na província da Beira Alta, de dimensão média, composto por 52 freguesias rurais e 3 freguesias urbanas. A Guarda é sede de concelho e de distrito, ocupando com os outros concelhos (13) uma área territorial de 5.518km². Por toda a sua história, existe no concelho da Guarda um vasto património histórico.¹¹

É chamada a cidade dos cinco F's - Farta, Forte, Fria, Fiel e Formosa. A cidade da Guarda é a cidade mais alta de Portugal Continental, com 1.056 metros de altitude.

O núcleo urbano da cidade é de 31.224 habitantes e o concelho segundo dados de 2008, são 44.121 o total de habitantes.

Tem este concelho uma área de 712,11km², sendo limitado por vários municípios como, Pinhel, Almeida, Sabugal, Belmonte, Covilhã, Manteigas, Gouveia e por Celorico da Beira. Possui acessos rodoviários importantes como a A25, a A23 e o IP2 que se encontra em fase de construção e ainda as linhas ferroviárias da Beira Alta e da Beira Baixa.

¹¹ In <http://www.mun-guarda.pt/>



Antes do 25 de Abril, a maioria do concelho morava em aldeias e vivia da agricultura de subsistência. Com o surgir da democracia, as pessoas começaram a deslocar-se dos meios rurais para a cidade, começando a trabalhar no sector dos serviços, e da indústria. No entanto, ainda hoje, a agricultura e a criação de gado continuam servindo de complemento à actividade principal.

Com a instalação de algumas unidades industriais aumentaram os números no sector secundário e no sector terciário.

Actualmente, as entidades empregadoras são a Delphi, Gelgurte e Coficab, muito embora o nível de desemprego seja bastante elevado provocando alguns problemas de reestruturação social. De referir que a cidade da Guarda também tem um elevado número de pessoas oriundas de outros países dada a sua posição fronteiriça.

4.4. Análise de conteúdo

Ao todo foram realizadas três entrevistas aos Directores dos Agrupamentos de Escola, que depois foram transcritas na íntegra, (Anexos I e II) num processo que se considera moroso, e delicado, constituindo assim, *“o corpus de análise”* (Vala, 1986, p.106). Com a análise de conteúdo pretende-se ir mais além das aparências e o rigor, funcionando assim como dois pólos.

A transcrição das entrevistas exige esforço e atenção de modo a serem fiéis ao que foi falado e ouvido.

De seguida, foi construída uma grelha de categorização das entrevistas. Bardin (1991,p.18), salienta que em *“análise de conteúdo, classificar elementos em categorias, impõe a investigação de cada uma delas tem em comum com outras, o que vai permitir o seu agrupamento”*. A grelha que foi construída, contém os seguintes itens: tema, categoria, excerto e observações. Os temas foram organizados por *“violência escolar”*, tendo como categorias: conceito dado, ocorrência de casos e regras de prevenção. O segundo tema, categorizou-se relativamente *“contexto escolar”*, tendo este como categorias: a relação entre pares, sanções disciplinares e medidas preventivas.

No final destinou-se um pequeno espaço para *“observações”*, ou seja, escrever aí algo que tenha sido mencionado por algum Director que se destacasse, ou que nenhum dos outros tivesse mencionado.

Para Vala (1986, p.111), *“uma categoria é habitualmente composta por um tema chave - que indica a significação central do conceito que se quer apreender e de outros indicadores que descrevem o campo semântico do conceito”*.



No registo dos excertos foi utilizada a letra D1, D2, e D3, consoante se tratava do Director 1, 2 ou 3. O nome dos Directores não foi utilizado para assim preservar o anonimato. As tabelas de categorização relativamente ao tema “Violência Escolar” e “Contexto Escolar” que se encontram em anexo (Anexo III), seguindo-se a análise dessas categorias.

4.4.1. Violência Escolar - Que conceito?

Segundo o Director 1, porque foi o primeiro a ser entrevistado, e quando lhe foi pedido que define-se violência escolar, referiu que são *“situações que ocorrem num dado espaço e são praticados por alunos que estão mais desmotivados”*. Na óptica deste Director se os alunos se sentirem motivados dentro do espaço escolar, no qual passam a maior parte das suas horas do dia, não ocorrerão actos violentos.

Já a perspectiva do Director 2, reforça a questão do grupo de pares, que no seu entender é factor importante a considerar quando se aborda o problema da violência escolar. Refere ainda que *“são atitudes físicas, morais, que humilham, mal tratam e colocam em sofrimento crianças/alunos”*. É ainda opinião deste Director *“a violência é algo que acontece com alguma frequência”*.

Por seu lado, o Director 3, diz-nos que a violência escolar *“são todos os actos que física ou psicologicamente violam os direitos dos outros.”* Coloca ainda a tónica na questão dos valores e atitudes que cada um traz consigo, que lhe são transmitidos no seio familiar, fazendo toda a diferença em relação a esta questão. Dizendo mesmo que *“uma criança que assista diariamente ou com alguma frequência a actos de violência, será e terá mais predisposição para a violência”*.

4.4.2. Ocorrência de casos

Das leituras feitas às três entrevistas depreendo que os casos de violência escolar nestes agrupamentos não se fazem sentir, daí que os Directores se refiram a este ponto do seguinte modo: Director 1 *“desde que tomámos posse enquanto membros da Direcção deste Agrupamento não se têm registado muitos casos...”*.

Já o Director 2, diz que *“vão acontecendo alguns casos, mas não são muito preocupantes, por regra resolvem-se bem e não há reincidência.”* Por norma são *“episódios que ocorrem pontualmente, com o intuito de aborrecer, humilhar psicologicamente”*.

No seguimento do pensamento deste Director, e daquilo que tem vivenciado no seu agrupamento e também devido aos muitos anos de serviço, refere que muitos destes actos



quando ocorrem têm *“muito a ver com a personalidade do aluno, a sua postura perante os colegas, o grupo turma, a sua auto - estima.”*

Revela ainda que hoje a abertura é muito maior, a informação que chega até eles é mais e melhor. Considera também ser importante darem liberdade aos alunos de virem até ao seu gabinete e expressar os seus medos as suas angustias, bem como dar a conhecer aos membros da Direcção eventuais problemas relacionais que ocorram em qualquer espaço da escola.

Já o Director 3, diz-nos que quando ocorre algum caso de violência escolar *“são situações simples, inerentes à idade escolar que os alunos têm... são brigas, zangas muito esporádicas que se resolvem com muita facilidade.”* Diz ainda que os alunos já *“interiorizaram a imagem do Director, aquele professor.... Que não admite casos de indisciplina, casos de violência... é aquela imagem terrífica, dissuasora.”* O mesmo afirma ainda os actos de violência *“estão relacionados com factores variados, mas salientaria a postura dos alunos e a sua personalidade”.*

Os casos de violência que acontecem nos três Agrupamentos de Escola, são no parecer dos três directores mais frequentes no recreio *“por ser o local com menor vigilância”* e também dentro da sala de aula mas aqui está *“a figura do professor para controlar e colocar fim à situação”.* A ocorrerem situações de indisciplina ou violência ocorrem dentro da própria turma, e não com elementos de outras turmas.

Podemos constatar que nos três Agrupamentos não ocorrem casos de violência escolar em número relevante, pois até à data em que foram realizadas as entrevistas nenhum director tinha dado conhecimento de algum caso que contribuisse para engrossar os dados estatísticos. Por norma, a figura do director intervém quando o director de turma não consegue resolver o problema ou quando são casos de reincidência. Quem mais denuncia os casos que vão acontecendo ou é o aluno agredido, ou quem observa. Em relação à presença de encarregados de educação no estabelecimento de ensino a fazerem queixa de alguma situação não são em número significativo.

4.4.3. Medidas preventivas/sanções disciplinares

Em relação a esta categoria os três directores são unânimes ao afirmarem que muita desta acção de prevenção passa pela figura do director de turma, que ao tomar conhecimento de algum caso de violência *“reúne com os pais, com os alunos e dialoga sobre o assunto procurando sensibilizá-los e alertá-los para o problema”* (Director 2).

No caso director 2, refere a sensibilização que tem sido feita aos pais/encarregados de educação, do pré-escolar e do 1º ciclo, pois são estes que mais contacto têm com os pais



/encarregados de educação, sobre o fenómeno da violência, cidadania, solidariedade, valores e atitudes. É então que *“no início do ano lectivo, faz-se uma reunião com os pais/encarregados de educação, onde lhes é entregue uma carta onde constam um conjunto de 15 regras, que devem ser lidas com atenção”*. Nas palavras deste director, devem valorizar-se as atitudes e sempre que ocorra algum incidente os pais devem primeiro dirigir-se à escola, saber o que se passou, e não ouvir apenas a versão do seu educando.

Já o Director 3, afirma que *“faz uma comunicação por escrito ao encarregado de educação e pode ainda solicitar a sua comparência quando a situação de violência foi grave ou é um caso de reincidência”*. Salienta ainda um facto importante que diz respeito à colaboração dos pais com a escola, ou seja, se por um lado temos famílias que colaboram, interagem, outras há que não colaboram, interagem ou simplesmente não vão à escola. Ressalta ainda uma posição que também é comum ao Director 2, que é a formação educação que o aluno recebe em casa, *“a formação, educação que um aluno recebe em casa irá reflectir-se na sua maneira de estar na escola”*.

Uma outra forma é promover acções de sensibilização para os professores, assistentes operacionais e alunos. Os professores que têm no seu horário a leccionação de Formação Cívica, também fazem abordagem do problema dando-lhe a importância que merece. Nenhum dos três agrupamentos tem o sistema de vídeo vigilância na sua escola

É no Projecto Educativo de Educativo do Agrupamento e no Regulamento Interno de cada Agrupamento de Escolas que estão explícitas as normas, regras de conduta de todo o espaço escolar. Nestes documentos estão previstas as situações possíveis de acontecer. Este documento está à disposição dos pais/encarregados de educação e alunos, para ser lido ou consultado sempre que o desejarem.

Também o Estatuto do Aluno se refere às situações de violência e medidas sancionatórias aplicar. Aqui as opiniões divergem um pouco, por um lado temos o Director 2 a afirmar *“temos um mau estatuto do aluno... que precisa de ser alterado em muitos aspectos”*. No entanto, este mesmo director diz-nos que aplica à risca muitas das medidas correctivas e sancionatórias, não sem antes conversar com ambas as partes.

O Director 2, afirma que no seu agrupamento *“não ocorreu nada de tão grave que tivéssemos de recorrer ao Estatuto do aluno.... As sanções que aplicamos são mais de carácter punitivo/pedagógico.”*

Na opinião do Director 3, *“expulsar um aluno da escola não é solução para o problema... já que o objectivo da escola não é afastar os alunos da mesma, mas sim trazê-los para dentro”*. Realça a importância de se definirem estratégias conjuntas entre o director de turma e os pais/encarregados de educação, maior articulação entre a escola e a família. Porém, refere que *“em relação à família há uma grande diminuição de valores, a educação que os alunos trazem de casa é muito importante na e para a escola”*. Partilha desta mesma opinião o Director 2, quando afirma *“as escolas já fazem muito para evitar casos de*



violência....quem tem de fazer mais são os pais, têm de dar educação....educar para os valores.” Tem também a opinião convicta de que muitos são os pais que se demitem da educação dos seus filhos imputando à escola essa tarefa.

4.4.4. Relações entre pares

Nesta categoria pretendemos apreender o tipo de relações que existem entre alunos da mesma turma, ou entre turmas. Tentar ainda perceber na óptica dos diferentes Directores como agem entre si, quem são os mais provocadores de situações de violência, em que faixa etária é que tais actos mais acontecem.

Deste modo, no entender do Director 1, os alunos que mais se destacam por criarem situações de algum conflito *“são os alunos do 6º ano de escolaridade, (...) gostam de mostrar aos mais pequenitos do 5º ano, que eles já cá andam (...), que são mais velhos (...) Gostam de marcar território!”*. Já na opinião dos outros dois Directores, não ocorrem mais casos nesta ou naquela faixa etária, neste ou naquele ano escolar. Referem que há a necessidade de haver uma boa integração dos alunos, aquisição das regras de conduta que fazem parte do Agrupamento, para assim, evitar possíveis casos de violência.

Quem pratica mais os actos de violência, são os rapazes, e aqui são unânimes em afirmá-lo *“os rapazes no meu entender são mais espontâneos nos seus actos, e as suas brigas estão mais relacionadas com a competição, com perder ou ganhar”* (Director 3).

Por seu lado o Director 1 diz-nos *“ são sem dúvida os rapazes quem mais agride...é mais violência física... os alunos tendem a estabelecer relações de liderança, exercer pressão”*.

Quanto ao sexo feminino, ficou bem patente de que as meninas são mais ardilosas, mais subtis nas suas práticas, nos seus actos de violência, ou seja, agem em grupo que rivalizam com outros, têm actos mais pensados, *“são mais violentas, mais agressivas, mais cruéis”*. Ainda em relação ao sexo feminino, existe a questão das marcas de roupa, que na opinião dos directores é bastante valorizada por este sexo.

Neste ponto o Director 2, vai um pouco mais longe quando nos diz que *“o agressor é aquele que não tem valores e os agredidos são aqueles a quem os pais educaram com valores de referência mas que não se sabem defender”*. Também o Director 1 refere que *“quem mais pratica estes actos, são geralmente alunos com um temperamento mais impulsivo, algumas franjas sociais mais predispostas a tal”*.

Aqui realça-se o aspecto da educação para os valores, a necessidade de se repensar a educação que se dá em casa. A falta ou ausência destes para guiar a conduta de cada um nos espaços que frequentam. Neste seguimento aborda-se a questão dos grupos, das lideranças,



ou seja, há que fazer o que o outro faz para pertencer ao grupo e deste modo não correr o risco de ser excluído, de ser marginalizado, de ser vítima de violência.

Desta exposição, somos a concluir que os Directores que estão à frente destes três agrupamentos de escola, têm todos a mesma preocupação que é garantir o sucesso educativo dos alunos que fazem parte do seu agrupamento, o bem-estar e a segurança dos seus alunos dos diferentes graus de ensino.

Destaca-se que nos três agrupamentos não há um índice de violência elevada, creio que devido ao tipo de actuação que cada um deles faz no seu contexto escolar. Pois cada um deles tem características próprias, com meios sociais e culturais distintos, logo o seu modo de actuação tem também de ser distinto. Denota-se ainda que as suas opiniões vão sendo diferentes nalguns aspectos, no que respeita ao Estatuto do Aluno, e no modo como cada um actua, reage perante situações de violência escolar. Em relação a este documento enfatizam a ideia de que deveria ser dada mais autoridade aos Directores e professores, ou seja terem mais autoridade e autonomia para intervir em casos de violência.

De qualquer modo, depreende-se que todos eles têm uma postura e atitudes bastante preocupante face à diminuição ou mesmo inexistência de valores e atitudes que os jovens de hoje trazem consigo, culpando de certo modo a demissão que muitos pais têm face ao acto de educar os seus filhos, imputando à escola essa responsabilidade. Aqui importa ainda referir que os Directores fizeram ressaltar a ideia dos Pais/Encarregados de Educação serem mais responsáveis pelos actos dos seus educandos e um dos modos de o fazerem poderá ser através de uma presença mais constante na escola.

Educar para os valores sobressai no discurso dos Directores, bem como o facto de que crianças que vivem em ambientes onde acontecem com alguma frequência situações de violência quer seja verbal ou física estarão mais predispostas para terem comportamentos violentos e ou agressivos.

4.4.5. Análise e discussão dos resultados das questões abertas

4.4.5.1 Directores de turma

A análise e discussão de dados que a seguir se faz, diz respeito às questões abertas que constavam dos questionários preenchidos pelos Directores de Turma. De referir que dos quarenta e um questionários distribuídos, apenas trinta foram devolvidos. Da questão levantada *“Caso o aluno agressor faça parte da sua direcção de turma, que medidas toma?”*, podemos verificar que a maioria optaria por comunicar logo ao Encarregado de Educação,



quer na forma oral ou na forma escrita qualquer situação *“Falar pessoalmente como Encarregado de Educação, ou através da caderneta”*.

Como se pode observar na tabela nº1 (Anexo IV), dezanove (19) Directores de Turma tomariam esta atitude. Também em número considerável (13) são aqueles que falariam com o aluno, porém ainda há Directores de Turma, que comunicariam logo aos órgãos da Direcção qualquer sucedido. Estas são os três tipos de resposta mais dados.

Esta mensagem transmitida pelos Directores de Turma vem corroborar a opinião dos Directores, ao afirmarem que a figura do Director de Turma é importante para tentar solucionar casos de violência, ou seja, muitas das soluções para evitar, diminuir ou acabar com os casos passa primeiramente pelos Directores de Turma.

Verificamos ainda que para responder a esta questão os Directores de Turma, deram um leque variado de tomadas de posição e atitudes perante actos menos adequados dentro do espaço escolar.

Em relação à questão *“Para si violência escolar é:”*, podemos verificar que não existe uma definição consensual, pois estamos perante um leque assaz diversificado de opiniões sobre o mesmo assunto, tal como se pode ver na tabela número 2 que se encontra em anexo (Anexo V). Assim, das respostas dadas, são dez (10) os Directores de Turma que definem violência escolar como sendo *“Agressão física, verbal ou psicológica”*.

Após leitura atenta, verificamos que as definições dadas, giram em volta da falta de valores, atitudes e regras comportamentais dos alunos. Também fazem alusão ao papel demissionário que alguns pais têm face à educação dos seus filhos.

A tabela número três, (que se encontra em anexo - Anexo VI) mostra-nos as respostas dadas pelos Directores de Turma perante a questão que lhes foi colocada *“O que poderia ser feito para diminuir a violência nas escolas?”* As respostas dadas foram as mais variadas, sendo certo, que para a mesma questão o Director de Turma deu mais do que uma solução, realçando-se aquela que se refere à necessidade de *“responsabilização dos pais pelas atitudes e comportamentos dos filhos.”* Esta ideia, também ela defendida pelos Directores, pois também eles denotam uma falta de responsabilidade, um empurrar para a escola a educação dos seus filhos. Também defendem uma maior autonomia de actuação dos professores, mais e melhor vigilância nas escolas, quer seja pelo aumento de Assistentes Operacionais quer seja pelo recurso ao sistema de vídeo vigilância no recinto escolar.

4.4.5.2. Encarregados de educação

As tabelas número quatro e número cinco, referem-se ao levantamento das respostas dadas pelos Encarregados de Educação às questões abertas existentes nos seus questionários.



Assim sendo, e à semelhança da questão dos Directores de Turma, também aos Encarregados de Educação era solicitado que definissem violência escolar *"Para si violência escolar é:"* (Anexo VII). Das respostas dadas a esta questão, constatamos que a maioria dos Encarregados de Educação (37), definiu violência escolar como sendo *"Agressão física e verbal"* de um ou mais alunos sobre outro ou outros. Dezassete (17) Encarregados de Educação, consideraram ser violência escolar, ou causadora desta a falta ou inexistência de valores e *"boa educação"*, dos alunos. Pode aferir-se que a maioria dos Encarregados de Educação que respondeu ao questionário se mostram preocupados e reconhecem que estamos perante ausência ou diminuição significativa de valores e atitudes, que levam os alunos agir deste modo.

A tabela número cinco (Anexo VIII), mostra as respostas dadas à questão *"O que poderia ser feito para diminuir a violência nas escolas?"* Aqui as respostas dadas e através da observação da tabela número cinco observamos que 46 Encarregados de Educação consideram que se houvesse *"maior vigilância e mais segurança nas escolas"*, a violência tenderia a diminuir, por outro lado, 20 Encarregados de Educação, referem ser muito importante *"responsabilizar mais os pais pelas atitudes dos filhos"*, já em número menor 12, dizem que deveria haver um *"reforço da autoridade do pessoal docente e não docente"* e onze (11), mencionam mesmo o uso de *"castigar os alunos"*, como forma de diminuir, ou mesmo acabar coma violência nas escolas.

Também aqui as respostas foram muito díspares em relação a este assunto. Verificámos ainda que dos inquéritos distribuídos aos pais e Encarregados de Educação, houve 4 pessoas que não responderam a qualquer questão. Nove (9) Encarregados de Educação não responderam à questão nº 12 e oito (8), não responderam à questão nº 15.

Os questionários quer dos Directores de Turma, quer dos Encarregados de Educação, constam dos anexos (Anexo IX e Anexo X).

Podemos aqui concluir que há uma variedade de opiniões quer da parte dos Directores de Turma, quer da parte dos Encarregados de Educação. Concluímos ainda que quer para uns quer para outros a violência escolar passa pela agressão física e verbal, bem como considerando a falta de atitudes, valores e incumprimento de regras possam ser causas para a existência de tal fenómeno.

Os Directores de Turma também se referem ao papel demissionário dos pais como possível causa para a ocorrência de violência. A opinião de ambos é também semelhante quando se pronunciam em relação ao que poderia ser feito para diminuir a violência nas escolas, ou seja, consideram ser necessário reforçar a vigilância dos diferentes espaços escolares, através do aumento do número de assistentes operacionais, ou recorrendo ao sistema de vídeo vigilância. Estão também em consonância quando se referem à necessidade de reforçar/aumentar a autoridade do pessoal docente e não docente e passar a mensagem de que é necessário que os pais sejam responsabilizados pelos actos dos seus educandos.



Nesta questão os pais embora em menor número consideram que castigar os alunos também poderia contribuir para uma diminuição dos casos de violência.

4.4.6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos dados foi efectuada a partir do recurso ao programa estatístico SPSS 17.0.

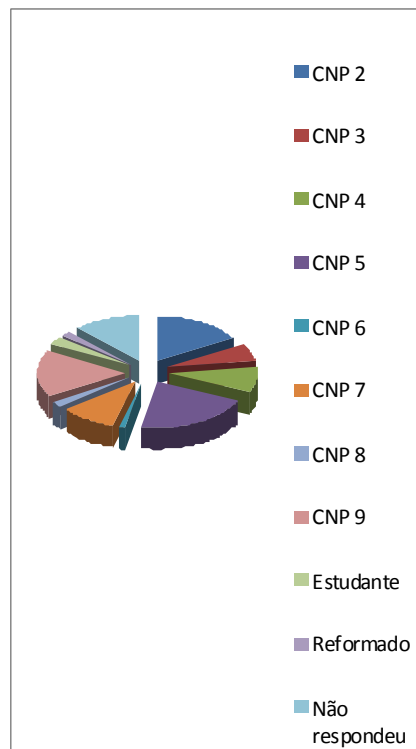
4.4.6.1. Questionário aos pais / Encarregados de Educação

4.4.6.1.1. Caracterização da amostra

a) Profissão ¹²

	Nº	%
CNP 1	0	0
CNP 2	16	16,3
CNP 3	6	6,1
CNP 4	9	9,2
CNP 5	21	21,4
CNP 6	1	1
CNP 7	10	10,2
CNP 8	2	2
CNP 9	16	16,3
Estudante	3	3,1
Reformado	2	2
Não respondeu	12	12,2
	98	100

Tabela I - Profissões



¹² In <http://www.iefp.pt/formacao/CNP/Paginas/CNP.aspx>: Grande Grupo 1 - Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa; Grande Grupo 2 - Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas; Grande Grupo 3 - Técnicos e Profissionais de Nível Intermediário; Grande Grupo 4 - Pessoal Administrativo e Similares; Grande Grupo 5 - Pessoal dos Serviços e Vendedores; Grande Grupo 6 - Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas; Grande Grupo 7 - Operários, Artífices e Trabalhadores Similares; Grande Grupo 8 - Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem; Grande Grupo 9 - Trabalhadores Não Qualificados



Dos questionários distribuídos aos Encarregados de Educação, verificou-se que de acordo com a classificação nacional de profissões, a maioria dos encarregados de educação, enquadram-se no Grupo 5, onde se enquadram o pessoal dos serviços e vendedores, representando 21,4% dos inquiridos.

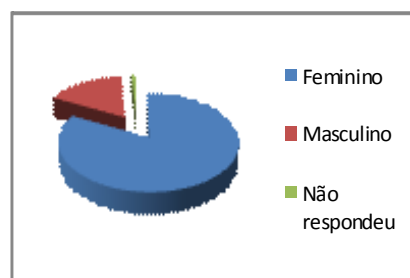
Também destacávamos que 16,3% dos inquiridos pertencem ao Grupo 2, em que se enquadram os especialistas das profissões intelectuais e científicas, e numa percentagem igual estão os que se enquadram no Grupo 9, onde podem ser encontrados todos aqueles trabalhadores não qualificados que executam tarefas simples e auxiliares.

Da visualização global do gráfico, podemos observar que existe uma grande variedade de profissões entre os inquiridos.

b) Sexo

	Nº	%
Feminino	81	82,7
Masculino	16	16,3
Não respondeu	1	1
Total	98	100

Tabela II - Sexo



Verificamos que são maioritariamente as mães as encarregadas de educação dos alunos pois a percentagem é de 82,7% contra apenas 16,3% do sexo masculino.

c) Idade

	Nº	Min.	Máx.	M	Sd
Idade	98	24	68	40,27	7,66

Tabela III - Idade

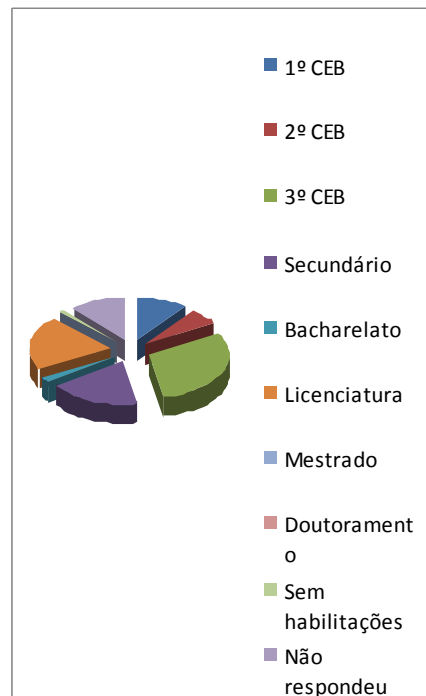
Podemos constatar que as idades dos inquiridos estão compreendidas entre os 24 (vinte e quatro) e 68 (sessenta e oito) anos de idade.



d) Habilitações Literárias

	Nº	%
1º CEB	10	10,2
2º CEB	6	6,1
3º CEB	30	30,6
Secundário	18	18,4
Bacharelato	2	2
Licenciatura	20	20,4
Mestrado	0	0
Doutoramento	0	0
Sem habilitações	1	1
Não respondeu	11	11,2
Total	98	100

Tabela IV - Habilitações Literárias



	Sim	Não	Total
CNP 2	15 93,8% 26,8%	1 6,2% 4,5%	16 100% 20,5%
CNP 3	5 83,3% 8,9%	1 16,7% 4,5%	6 100% 7,7%
CNP 4	7 77,8% 12,5%	2 22,2% 9,1%	9 100% 11,5%
CNP 5	15 75% 26,8%	5 25% 22,7%	20 100% 25,6%



CNP 6	1	0	1
	100%	0%	100%
	1,8%	0%	1,3%
CNP 7	5	3	8
	62,5%	37,5%	100%
	8,9%	13,6%	10,3%
CNP 8	2	0	2
	100%	0%	100%
	3,6%	0%	2,6%
CNP 9	5	6	11
	45,5%	54,5%	100%
	8,9%	27,3%	3,8%
Estudante	1	2	3
	33,3%	66,7%	100%
	1,8%	9,1%	3,8%
Reformado	0	2	2
	0%	100%	100%
	0%	9,1%	2,6%
Total	56	22	78
	71,8%	28,2%	100%
	100%	100%	100%

Tabela V - “Profissão” x “Conhece ou já leu o Estatuto do Aluno”: Teste do Qui-quadrado.

Os valores obtidos pela aplicação do teste do *Qui-quadrado* ($X^2 = 17,035$; $p = 0,048$), indicam existirem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos considerados.

O quadro acima permite-nos verificar que há por parte dos encarregados de educação um conhecimento do documento em questão, mas também nos permite aferir que o nível de instrução educativa dos mesmos poderá influenciar na importância que dão ao documento no desenrolar do processo educativo. Constatamos esta ideia através dos pais que se enquadram no grupo 2(Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas), cuja percentagem dos que têm conhecimento do documento se situa nos 93,8%



	Nº	%
Nada seguro	6	6,1
Seguro	82	83,7
Muito seguro	9	9,2
Não respondeu	1	1
Total	98	100

Tabela VI - Em que medida se sente o seu filho(a) seguro na escola que frequenta?

Das respostas dadas à presente questão, verificamos que 82 dos 98 encarregados de educação inquiridos, sentem que os seus educandos estão seguros na escola que frequentam.

	Nº	%
Nunca	32	32,7
Às vezes	62	63,3
Frequentemente	4	4,1
Total	98	100

Tabela VII - O seu filho(a) já lhe contou episódios de violência que ocorram na escola?

Aqui podemos aferir que aqueles que relatam actos de violência (63,3%) no espaço escolar são praticamente o dobro daqueles que nada relatam (32,7%) aos seus encarregados de educação, porém se olharmos os dados que o quadro acima mostra, constatamos que mesmo relatando actos de violência se sentem seguros na escola que frequentam.

	Nº	%
Nunca	74	75,5
Algumas vezes	24	24,5
Muitas vezes	0	0
Total	98	100

Tabela VIII - O seu filho já lhe confidenciou alguma vez ter sido vítima de violência?

Nesta questão podemos observar que no total dos inquiridos, apenas 24 encarregados de educação disseram que o seu educando terá confidenciado ter sido vítima de violência.



	Nº	%
Verbal	6	25
Física	10	41,7
Motivos raciais/ Étnicos	1	4,2
Verbal e física	6	25
Verbal, física e furto	1	4,2
Total	24	100

Tabela IX - Se respondeu algumas vezes ou muitas vezes de que modo foi agredido?

A violência física é aquela que é mais exercida entre os alunos do 5º e 6º ano de escolaridade, seguida da violência verbal. Este resultado vai de encontro ao muito do que têm dito investigadores deste fenómeno. A violência física representa 41,7% e a violência verbal representa 25%.

	Nº	%
Questionou o filho	8	33,3
Falou com o Director de Turma	3	3,1
Expôs por escrito ao Director	0	0
Dirigiu-se aos agressores	0	0
Falou com o filho e agressores	1	4,2
Falou com o filho e Director de Turma	9	37,5
Falou com o filho, D. Turma e agressores	1	4,2
Falou com o Director da Escola	1	4,2
Falou com os pais dos agressores	1	4,2
Total	24	100

Tabela X - Se o seu filho foi vítima de violência, quando soube que atitude tomou?

A atitude dos encarregados de educação perante actos de violência em que o seu educando é vítima, revela que há alguma relação de diálogo com a escola, mais propriamente com o Director de Turma, mas também com os próprios educandos, demonstrando assim preocupação com a sua vida na escola e com o bem - estar físico e psicológico do mesmo.



e) Questão 11 - Na sua opinião o facto de existir violência nas escolas deve-se à ...

	Nº	%
Nada importante	17	17,3
Pouco importante	10	10,2
Importante	29	29,6
Muito importante	17	17,3
Bastante importante	15	15,3
Não respondeu	10	10,2
Total	98	100

Tabela XI.A - Necessidade de reformular os espaços escolares.

A opinião dos encarregados de educação, revela que os estabelecimentos de ensino têm de reformular os espaços escolares, de modo a diminuir os actos de violência. 29,6% dos inquiridos considera ser importante reformular os espaços escolares, em oposição 17,3% acham nada importante esta reformulação dos espaços, sendo que a mesma percentagem considera muito importante que se proceda à reformulação dos espaços. Há em relação a esta questão respostas muito dispersas.

	Nº	%
Nada importante	8	8,2
Pouco importante	6	6,1
Importante	16	16,3
Muito importante	22	22,4
Bastante importante	39	39,8
Não respondeu	7	7,1
Total	98	100

Tabela XI.B - Pouca vigilância dos espaços escolares.

Verificamos que um elevado número de inquiridos (39,8%), acham que os espaços que fazem parte da escola têm pouca vigilância, o que de certo modo contribui para a existência de actos de violência.



	Nº	%
Nada importante	2	2
Pouco importante	7	7,1
Importante	16	16,3
Muito importante	34	34,7
Bastante importante	30	30,6
Não respondeu	9	9,2
Total	98	100

Tabela XI.C - Desrespeito por normas/regras escolares

Em relação à questão das normas/regras escolares, tem realce o facto de a maioria dos encarregados de educação achar muito importante (34,7%) e bastante importante(30,6), que os alunos cumpram o estabelecido por cada escola, evitando em muito os actos de violência. O que de facto se verifica é que muitos alunos não cumprem e não respeitam o previamente estabelecido no início de cada ano.

	Nº	%
Nada importante	8	8,2
Pouco importante	11	11,2
Importante	22	22,4
Muito importante	21	21,4
Bastante importante	25	25,5
Não respondeu	11	11,2
Total	98	100

Tabela XI.D - Falta de autoridade dos professores

A maioria dos encarregados de educação acha de suma importância a autoridade dos professores quer na sala de aula quer em espaço exterior. 25,5% dos encarregados de educação considera bastante importante a autoridade dos professores como medida para evitar ou diminuir actos de violência. Apenas 8,2% consideram ser nada importante a autoridade dos docentes nos actos de violência.



	Nº	%
Nada importante	5	5,1
Pouco importante	3	3,1
Importante	11	11,2
Muito importante	22	22,4
Bastante importante	49	50
Não respondeu	8	8,2
Total	98	100

Tabela XI.E - Ausência de valores e atitudes

A ausência de atitudes e valores é na opinião dos encarregados de educação bastante importante para haver actos e casos de violência na escola, ou seja, a ausência destes é factor de risco e causador/impulsionador de actos mais violentos. Esta opinião dos Agrupamentos.

A interpretação global que se pode fazer a esta questão é que os encarregados de educação consideram que deve haver alterações quer no modo como está organizado o espaço escolar, quer no modo como agem as crianças em relação aos seus pares e em relação aos adultos, ou seja, é importante rever, modificar a forma com estamos, como agimos em contexto de sala de aula ou fora dela. Aqui também referíamos autoridade dos professores para poderem agir em situações mais difíceis. Se há encarregados de educação que consideram ser necessário um reforço de autoridade para diminuir a violência nas escolas, outros há que não consideram este aspecto importante. De qualquer modo, cremos poder afirmar que há preocupação por parte dos mesmos em combater este fenómeno que se tem instalado nas nossas escolas.

- f) Questão 12 - Na sua opinião, quais são os locais onde é mais frequente ocorrerem episódios de violência?

	Nº	%
Nunca	10	10,2
Raramente	23	23,5
Frequentemente	35	35,7
Com bastante frequência	16	16,3
Não respondeu	14	14,3
Total	98	100

Tabela XII.A - Na ida ou vinda para a escola



Das respostas dadas pelos encarregados de educação concluímos que nem sempre é dentro do recinto escolar o local onde mais ocorrem episódios de violência, pois 35,7%, acham que estes ocorrem na ida ou na vinda para a escola frequentemente e 16,3% consideram que ocorrem com bastante frequência. Por outro lado, 23,5%, consideram que raramente ocorrem neste percurso.

	Nº	%
Nunca	3	3,1
Raramente	12	12,2
Frequentemente	47	48
Com bastante frequência	32	32,7
Não respondeu	4	4,1
Total	98	100

Tabela XII.B - No recreio da escola

Este resultado vem de encontro ao que muitos investigadores afirmam pois sendo o recreio um espaço pouco vigiado e com poucos ou nenhuns focos de interesse, é nele que os alunos se revelam mais. Assim, 48% são aqueles que consideram ser este o local da escola onde ocorrem mais actos de violência.

	Nº	%
Nunca	15	15,3
Raramente	22	22,4
Frequentemente	39	39,8
Com bastante frequência	11	11,2
Não respondeu	11	11,2
Total	98	100

Tabela XII.C - Nas casas de banho da escola

Aqui podemos aferir que 39,8% dos inquiridos consideram as casas de banho locais propícios para actos de violência, talvez possamos afirmar que este resultado advém do facto deste local ser pouco ou nada vigiado pelos assistentes operacionais.



	Nº	%
Nunca	21	21,4
Raramente	50	51
Frequentemente	11	11,2
Com bastante frequência	3	3,1
Não respondeu	13	13,3
Total	98	100

Tabela XII.D - No refeitório

Em contraposição à alínea anterior, o refeitório por ser um local onde os assistentes operacionais estão presentes e por norma são em números considerável, os alunos não praticam tais actos. Também é importante referir, que também os professores utilizam este espaço e quer seja por uma questão de respeito ou por interiorização de regras inerentes ao espaço, os actos de violência são diminutos, daí que 51% considere que raramente aí ocorrem casos ou actos de violência.

	Nº	%
Nunca	28	28,6
Raramente	53	54,1
Frequentemente	4	4,1
Com bastante frequência	1	1
Não respondeu	12	12,2
Total	98	100

Tabela XII.E - Na sala de aula

Dos encarregados de educação inquiridos, 54,1%, consideram que em contexto de sala de aula raramente ocorrem actos de violência será por considerarem que a figura dos professores é o bastante para que os mesmos não aconteçam. De certo modo é um pouco contraditório pois muitos consideram que autoridade do professor é pouca ou posta em causa em muitas situações.

Desta questão que foi colocada e perante as respostas que nos foram dadas, leva -nos a concluir que os espaços onde há menos vigilância, menos adultos presentes, são locais de eleição para a prática de actos violentos e ou agressivos para com o outro. Em oposição locais como o refeitório e a sala de aula, por serem locais mais expostos ao olhar dos adultos, não permitem a existência em número significativo de actos de violência.



g) Questão 13 Quem agride mais são?

	Nº	%
Discordo totalmente	3	3,1
Tendo a discordar	16	16,3
Tendo a concordar	21	21,4
Concordo	39	39,8
Concordo inteiramente	12	12,2
Não respondeu	7	7,1
Total	98	100

Tabela XIII.A - Os rapazes agriem mais

É aqui evidente que os encarregados de educação consideram ser os rapazes quem mais agride, contudo a percentagem daqueles que tendem a discordar e daqueles que tendem a concordar é próxima, o que poderá querer dizer que o número de raparigas também poderá ser elevado.

	Nº	%
Discordo totalmente	2	2
Tendo a discordar	12	12,2
Tendo a concordar	29	29,6
Concordo	40	40,8
Concordo inteiramente	9	9,2
Não respondeu	6	6,1
Total	98	100

Tabela XIII.B - Aqueles que têm problemas em casa

O ambiente familiar, é na opinião de 40,8% dos encarregados de educação factor passível de levar à prática de actos violentos. Também 29,6%, tende a concordar que o ambiente familiar tem influência na conduta dos alunos.

O ambiente familiar as vivências diárias de um aluno podem condicionar, influenciar a sua postura perante determinadas situações.



	Nº	%
Discordo totalmente	5	5,1
Tendo a discordar	5	5,1
Tendo a concordar	20	20,4
Concordo	40	40,8
Concordo inteiramente	21	21,4
Não respondeu	7	7,1
Total	98	100

Tabela XIII.C - Os alunos mais velhos

É no entender dos encarregados de educação que os alunos mais velhos são aqueles que mais actos de violência praticam. Observamos que 40,8%, concordam e que 21,4% concordo inteiramente que são estes os que mais actos de violência provocam. No entanto, 5,1%, discordo totalmente que sejam os alunos mais velhos os causadores de conflitos e actos de violência.

	Nº	%
Discordo totalmente	14	14,3
Tendo a discordar	30	30,6
Tendo a concordar	19	19,4
Concordo	12	12,2
Concordo inteiramente	10	10,2
Não respondeu	13	13,3
Total	98	100

Tabela XIII.D - Os que habitualmente ostentam sinais de riqueza

Ter mais possibilidades económicas, não é na opinião de 30,6% encarregados de educação factor para praticar actos de violência. Não é então sinónimo de fazer valer a sua posição ou condição perante outros menos favorecidos.



	Nº	%
Discordo totalmente	2	2
Tendo a discordar	2	2
Tendo a concordar	16	16,3
Concordo	38	38,8
Concordo inteiramente	29	29,6
Não respondeu	11	11,2
Total	98	100

Tabela XIII.E - Os líderes dos grupos

Ser líder de um grupo é na opinião dos encarregados de educação condição para praticar tais actos. Pois são 38,8%, aqueles que concordam e 29,6% concordam inteiramente.

Os líderes dos grupos por norma tendem a fazer valer as suas opiniões, ideias perante os restantes elementos do grupo. Determinados alunos para continuarem a fazer parte deste ou daquele grupo cumprem as ordens que lhes são dadas agindo de forma igual com medo de represálias ou de serem expulsos dos grupos.

	Nº	%
Discordo totalmente	15	15,3
Tendo a discordar	24	24,5
Tendo a concordar	18	18,4
Concordo	24	24,5
Concordo inteiramente	6	6,1
Não respondeu	11	11,2
Total	98	100

Tabela XIII.F - Aqueles que têm mais insucesso

Constatamos que a percentagem de encarregados de educação que tende a discordar (24,5) é a mesma daqueles que concordam (24,5%), em relação aos alunos que têm mais insucesso sejam aqueles que mais actos de violência praticam. Isto poderá querer mostrar que se por um lado ter fracos resultados escolares influi na atitude/postura que se tem face à escola, por outro lado ter fracos resultados não pode servir de explicação para a existência ou prática de violência em meio escolar. Segundo os resultados obtidos para esta questão, ter fracos resultados escolares, pode ser sinónimo de ser violento, muito embora se saiba que ter resultados menos positivos por si só não leva à prática de actos violentos.



h) Conhece ou já leu algum destes documentos

	Nº	%
Sim	36	36,7
Não	52	53,1
Não respondeu	10	10,2
Total	98	100

Tabela XIV.A - Projecto Educativo do Agrupamento

Aqui estamos perante algum desconhecimento de um dos documentos importantes do agrupamento de escolas, ou seja, este deveria ser do conhecimento dos encarregados de educação, pois constam dele as grandes linhas orientadoras do mesmo.

Há uma elevada percentagem de encarregados de educação que o desconhecem (53,1%). Isto poderá revelar que muitos não têm a preocupação de o ler ou dele ter conhecimento.

	Nº	%
Sim	55	56,1
Não	35	35,7
Não respondeu	8	8,2
Total	98	100

Tabela XIV.B - Regulamento Interno

Já em relação ao Regulamento Interno constatamos que a percentagem daqueles que o lêem e conhecem é elevada (55%), em contraposição ao documento anterior.

	Nº	%
Sim	63	64,3
Não	26	26,5
Não respondeu	9	9,2
Total	98	100

Tabela XIV.C - Estatuto do Aluno

Por conter nele o tipo de sanções e punições aplicar aos alunos e também porque à semelhança dos outros é dado a conhecer aos encarregados de educação e talvez por estar a sofrer alterações que irão directamente afectar a vida escolar dos alunos tentam conhecê-lo na íntegra. Aqui a percentagem daqueles que já o leram e ou conhecem é elevada (64,3%).



	Nº	%
Sim	34	34,7
Não	53	54,1
Não respondeu	11	11,2
Total	98	100

Tabela XIV.D - Projecto Curricular de Turma

Este documento é diferente de turma para turma, pois constam nele dados que directamente dizem respeito a essa turma, logo, compete ao professor dá - lo a ler e a conhecer aos encarregados de educação, mas o que aqui se pode aferir é que ou por desinteresse ou por nunca ser pedido ao professor para ser consultado, a percentagem daqueles que não o conhecem ou leram é alta (54,1%).

A escola elabora um conjunto de documentos que contêm em si a forma como é gerida aquela escola. Todos estes documentos são ou devem ser do conhecimento geral da comunidade educativa, tendo esta acesso a eles sempre que os solicitar. O que podemos constatar das respostas dadas é que os documentos que têm uma maior abrangência e que no seu conteúdo se reportam à comunidade educativa em geral, são do conhecimento de muitos, por outro lado um documento tão específico como um Projecto Curricular de Turma, não desperta o conhecimento.

	Questionou o filho	Falou com o D.T.	Questionou o filho e falou com o D.T.	Questionou o filho e dirigiu-se aos agressores	Falou com o Director da Escola	Falou com os pais dos agressores	Total
1º CEB	2 100% 28,6%	0 0% 0%	0 0% 0%	0 0% 0%	0 0% 0%	0 0% 0%	2 100% 9,1%



2º CEB	0 0% 0%	0 0% 0%	0 0% 0%	0 0% 0%	1 100% 100%	0 0% 0%	1 100% 4,5%
3º CEB	4 36,4% 57,1%	2 18,2% 66,7%	4 36,4% 44,4%	1 9,1% 100%	0 0% 0%	0 0% 0%	11 100% 50%
Secundário	1 16,7% 14,3%	1 16,7% 33,3%	4 66,7% 44,4%	0 0% 0%	0 0% 0%	0 0% 0%	6 100% 27,3%
Licenciatura	0 0% 0%	0 0% 0%	1 100% 11,1%	0 0% 0%	0 0% 0%	0 0% 0%	1 100% 4,5%
Bacharelato	0 0% 0%	0 0% 0%	0 0% 0%	0 0% 0%	0 0% 0%	1 100% 100%	1 100% 4,5%
Total	7 31,8% 100%	3 13,6% 100%	9 40,9% 100%	1 4,5% 100%	1 4,5% 100%	1 4,5% 100%	22 100% 100%

Tabela XV - “Habilitações literárias” x “Se o seu filho foi vítima de violência, quando soube que atitude tomou?”: Teste do Qui-quadrado

Os valores obtidos pela aplicação do teste do *Qui-quadrado* ($\chi^2 = 51,788$; $p = 0,001$), indicam existirem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos considerados.

Observamos que da amostra estudada, quanto mais habilitações literárias tem o encarregado de educação mais diligências toma no sentido de resolver situações de violência que envolvam o seu educando.

	Sim	Não	Total
1º CEB	2 22,2% 4%	7 77,8% 21,9%	9 100% 11,%
2º CEB	1 16,7% 2%	5 83,3% 15,6%	6 100% 7,3%



3º CEB	20 71,4% 40%	8 28,6% 25%	28 100% 34,1%
Secundário	12 75% 24%	4 25% 12,5%	16 100% 19,5%
Bacharelato	0 0% 0%	2 100% 6,2%	2 100% 2,4%
Licenciatura	14 70% 28%	6 30% 18,8%	20 100% 24,4%
Sem habilitações	1 100% 2%	0 0% 0%	1 100% 1,2%
Total	50 61% 100%	32 39% 100%	82 100% 100%

Tabela XVI - “Habilitações literárias” x “Conhece ou já leu o Regulamento Interno”: Teste do Qui-quadrado

Os valores obtidos pela aplicação do teste do *Qui-quadrado* ($X^2 = 17,688$; $p = 0,007$), indicam existirem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos considerados.

Também neste quadro verificamos que a percentagem dos que lêem o documento é maior do que aqueles que não lêem ou dele não têm conhecimento. Mas também vemos que são aqueles que detêm mais habilitações literárias os que o conhecem ou lêem.

	Sim	Não	Total
Questionou o filho	1 14,3% 7,7%	6 85,7% 66,7%	7 100% 31,8%
Falou com o Director de Turma	1 33,3% 7,7%	2 66,7% 22,2%	3 100% 13,6%



Falou com o filho e Director de Turma	8 100% 61,5%	0 0% 0%	8 100% 36,4%
Falou com o filho e agressores	1 100% 7,7%	0 0% 0%	1 100% 4,5%
Falou com o Director da Escola	0 0% 0%	1 100% 11,1%	1 100% 4,5%
Falou com o filho, D. Turma e agressores	1 100% 7,7%	0 0% 0%	1 100% 4,5%
Falou com os pais dos agressores	1 100% 7,7%	0 0% 0%	1 100% 4,5%
Total	13 59,1% 100%	9 40,9% 100%	22 100% 100%

Tabela XVII - “Se o seu filho foi vítima de violência, quando soube que atitude tomou?” x “Conhece ou já leu o Estatuto do Aluno”: Teste do *Qui-quadrado*

Os valores obtidos pela aplicação do teste do *Qui-quadrado* ($X^2 = 15,696$; $p = 0,015$), indicam existirem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos considerados.

A maioria dos encarregados de educação atitude que toma perante actos de violência contra o seu educando é dialogar com o próprio e dialogar com o Director de turma e também são estes que maiores conhecimentos têm do Estatuto do Aluno.



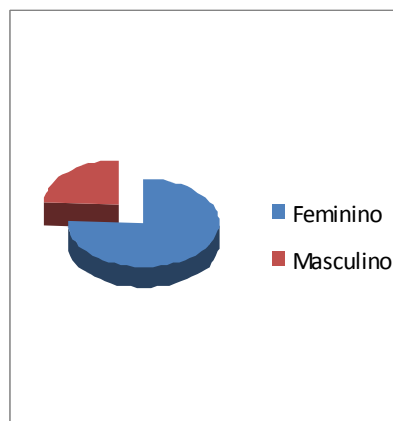
4.4.6.2. Questionário aos Directores de Turma

4.4.6.2.1. Caracterização da amostra

a) Sexo

	Nº	%
Feminino	22	75,9
Masculino	7	24,1
Total	29	100

Tabela XVIII - Sexo



Aqui há a referir que foram entregues 41 questionários a Directores de Turma, porém apenas 29 entregaram os mesmos. Constatamos que na sua maioria são do sexo feminino.

b) Idade

	Nº	Min.	Máx.	M	Sd
Idade	29	29	62	43,61	8,02

Tabela XIX - Idade

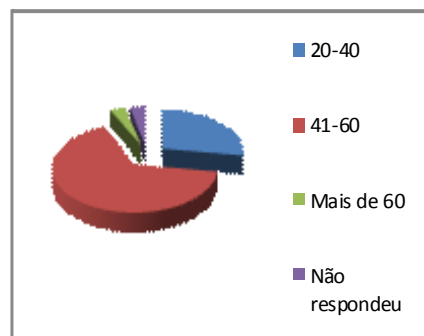
Podemos constatar que as idades dos inquiridos estão compreendidas entre os 29 (vinte e nove) e 62 (sessenta e dois) anos de idade.



c) Escalão Etário

	Nº	%
20-40	8	27,6
41-60	19	65,5
Mais de 60	1	3,4
Não respondeu	1	3,4
Total	29	100

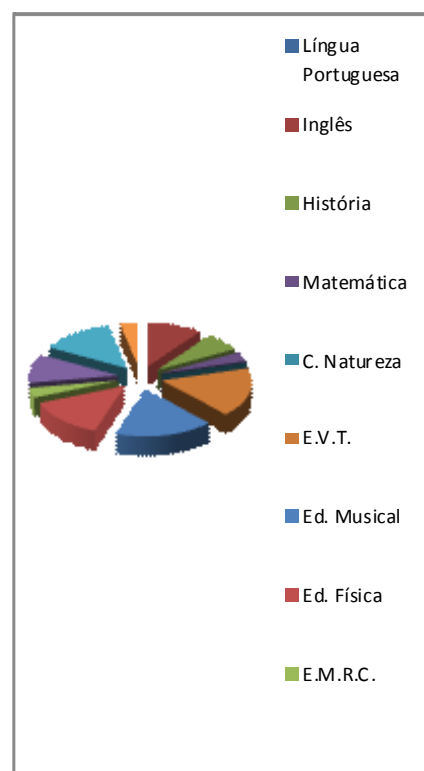
Tabela XX - Escalão Etário



d) Disciplina(s) leccionada(s)

	Nº	%
Língua Portuguesa	0	0
Inglês	3	10,3
História	2	6,9
Matemática	1	3,4
C. Natureza	0	0
E.V.T.	5	17,2
Ed. Musical	5	17,2
Ed. Física	4	13,8
E.M.R.C.	1	3,4
L. Portuguesa e Inglês	3	10,3
Matemática e C. Natureza	4	13,8
L. Portuguesa e História	1	3,4
Total	29	100

Tabela XXI - Disciplina (s) leccionada(s)





	Nº	%
Não	9	31
Alguns	20	69
Total	29	100

Tabela XXII - Na escola onde lecciona, há registo de casos de violência escolar?

Aqui podemos observar que 69% são aqueles que consideram haver violência escolar no estabelecimento em que leccionam.

	Nº	%
Nunca	3	10,3
Raramente	20	69
Frequentemente	6	20,7
Total	29	100

Tabela XXIII - Enquanto Director de Turma chegam - lhe denúncias de casos de violência?

Aqui verificamos que muito embora os Directores de Turma afirmem existirem casos de violência, raramente (69%) são denunciados, quer seja por medo de represálias por desconhecimento de que o podem fazer ou simplesmente ignoram os acontecimentos.

	Nº	%
Aluno agredido	5	19,2
Pais/ Enc. Educação	1	3,8
Aluno agredido e colegas	6	23,1
Aluno agredido, colegas do aluno e professores	2	7,7
Colegas do aluno e professores	1	3,8
Aluno agredido, colegas e Assistentes Operacionais	2	7,7
Aluno agredido, colegas e Pais/ Enc. Educação	4	15,4
Aluno agredido, colegas, prof(s) e Ass. Operacionais	1	3,8
Aluno agredido, colegas, pais e Ass. Operacionais	1	3,8
Colegas do aluno e Assistentes Operacionais	1	3,8
Aluno agredido e Assistentes Operacionais	1	3,8
Aluno agredido e Pais/ Enc. Educação	1	3,8
Total	26	100

Tabela XXIV - No caso de ter respondido raramente ou frequentemente, de quem são as queixas?



Dos dados recolhidos, podemos verificar que há uma vasta panóplia de respostas, no entanto, aqueles que são vítimas de violência escolar quer seja dentro do recinto ou fora dele, são os que mais queixas apresentam. Verifica -se também que os colegas que sabem dos casos também os denunciam, podendo querer dizer que há por parte dos colegas uma certa preocupação com as situações que presenciam.

e) Questão 8 - Na sua opinião o facto de existir violência nas escolas deve-se à ...

	Nº	%
Nada importante	7	24,1
Pouco importante	7	24,1
Importante	6	20,7
Muito importante	3	10,3
Bastante importante	3	10,3
Não respondeu	3	10,3
Total	29	100

Tabela XXV.A - Necessidade de reformular os espaços escolares

Os Directores de Turma têm como opinião maioritária que não é pelo facto de se reestruturarem os espaços escolares que a violência escolar vá diminuir, daí que 24,1% considere nada importante e pouco importante a reformulação dos espaços escolares.

	Nº	%
Nada importante	0	0
Pouco importante	4	13,8
Importante	12	41,4
Muito importante	6	20,7
Bastante importante	5	17,2
Não respondeu	2	6,9
Total	29	100

Tabela XXV.B - Pouca vigilância dos espaços escolares

Na opinião dos Directores de Turma, a pouca vigilância dos diferentes espaços escolares pode levar à ocorrência de casos de violência (41,4%). Os alunos ficam à vontade para fazer o que quiserem pois não há ninguém que os coíba disso.



	Nº	%
Nada importante	0	0
Pouco importante	0	0
Importante	2	6,9
Muito importante	7	24,1
Bastante importante	20	69
Total	29	100

Tabela XXV.C - Desrespeito por normas/regras escolares

Consideram os inquiridos ser bastante importante (69%) o respeito das normas instituídas por cada agrupamento. O respeito e aplicação das mesmas fará toda a diferença na existência ou não de casos de violência. Sabe-se que cabe a cada Agrupamento estabelecer regras e normas que vão ao encontro do contexto e realidade próprias em que se encontram inseridos.

	Nº	%
Nada importante	2	6,9
Pouco importante	1	3,4
Importante	7	24,1
Muito importante	9	31
Bastante importante	9	31
Não respondeu	1	3,4
Total	29	100

Tabela XXV.D - Falta de autoridade dos professores

Ao observarmos estes dados vemos que 31% dos Directores de Turma, consideram muito importante e bastante importante a autoridade do professor na sala de aula e fora dela para diminuir ou acabar com casos de violência.



	Nº	%
Nada importante	0	0
Pouco importante	1	3,4
Importante	1	3,4
Muito importante	4	13,8
Bastante importante	23	79,3
Total	29	100

Tabela XXV.E - Ausência de valores e atitudes

79,3% dos Directores de Turma, consideram que ausência de valores e atitudes dos alunos condicionam as posturas e comportamentos destes em situações de conflito.

- f) Questão 9 - Na sua opinião, quais são os locais onde é mais frequente ocorrerem episódios de violência?

	Nº	%
Nunca	1	3,4
Raramente	13	44,8
Frequentemente	10	34,5
Com bastante frequência	2	6,9
Não respondeu	3	10,3
Total	29	100

Tabela XXVI.A - Na ida ou vinda para a escola

O percurso escolar que os alunos fazem entre a sua casa e a escola, não será o local onde mais ocorram casos de violência na opinião dos Directores de Turma. Porém ainda há 34,5%, destes docentes que consideram que é neste percurso que eles ocorrem com frequência.



	Nº	%
Nunca	0	0
Raramente	3	10,3
Frequentemente	16	55,2
Com bastante frequência	10	34,5
Total	29	100

Tabela XXVI.B - No recreio

Também os Directores de Turma à semelhança dos encarregados de Educação consideram este espaço propício à ocorrência de casos de violência (55,2%) dado ser um local que por norma tem pouca ou nenhuma vigilância e com poucos ou nenhuns equipamentos que ocupem os alunos nos momentos em que estão no recreio.

	Nº	%
Nunca	0	0
Raramente	17	58,6
Frequentemente	6	20,7
Com bastante frequência	2	6,9
Não respondeu	4	13,8
Total	29	100

Tabela XXVI.C - Nas casas de banho da escola

Este espaço no interior da escola é um local onde na opinião dos Directores de Turma raramente (58,6%) ocorrem casos de violência.

	Nº	%
Nunca	3	10,3
Raramente	18	62,1
Frequentemente	4	13,8
Com bastante frequência	1	3,4
Não respondeu	3	10,3
Total	29	100

Tabela XXVI.D - No refeitório



Também este local não convida à violência, contudo isto deve-se ao facto de à hora de almoço aí estarem presentes quer assistentes operacionais quer professores, o que pode ser motivo para não serem despoletadas situações de conflito.

	Nº	%
Nunca	8	27,6
Raramente	17	58,6
Frequentemente	2	6,9
Com bastante frequência	0	0
Não respondeu	2	6,9
Total	29	100

Tabela XXVI.E - Na sala de aula

Também a sala não é local onde mais ocorram casos de violência, (58,6%) dos Directores de Turma afirmam que raramente aí acontecem situações conflituosas. Poderá ter como explicação a figura do professor, muito embora saibamos que este já não é respeitado como outrora, porém, há um conjunto de regras que o aluno deverá interiorizar que não lhe permitirão certos e determinados comportamentos em sala de aula.

	Nº	%
Nunca	0	0
Raramente	7	24,1
Frequentemente	14	48,3
Com bastante frequência	5	17,2
Não respondeu	3	10,3
Total	29	100

Tabela XXVI.F - Nos corredores

Lugar de passagem, de algum convívio e com pouca vigilância, permite alguns excessos aos alunos em termos comportamentais, daí que 48,3% dos Directores de turma considerem que ocorrem frequentemente casos de violência.



	Nº	%
Nunca	1	3,4
Raramente	8	27,6
Frequentemente	16	55,2
Com bastante frequência	1	3,4
Não respondeu	3	10,3
Total	29	100

Tabela XXVI.G - À saída da escola

A saída da escola é lugar de algum conflito, pois aqui os alunos agressores ou mais predispostos a criar conflitos podem fazer neste local o que não lhes é permitido ou não conseguem fazer no interior do espaço escolar. Também importa referir a presença dos agentes da Escola Segura que poderão de certo modo levar alguma contenção dos actos.

g) Questão dez - Quem agride mais são:

	Nº	%
Discordo totalmente	0	0
Tendo a discordar	4	13,8
Tendo a concordar	7	24,1
Concordo	12	41,4
Concordo inteiramente	5	17,2
Não respondeu	1	3,4
Total	29	100

Tabela XXVII.A - Os rapazes agredem mais

Os Directores de Turma também são da opinião (41,4%) que são os rapazes quem mais agride em contexto escolar, em detrimento das raparigas.

	Nº	%
Discordo totalmente	2	6,9
Tendo a discordar	3	10,3
Tendo a concordar	7	24,1
Concordo	9	31
Concordo inteiramente	6	20,7
Não respondeu	2	6,9
Total	29	100

Tabela XXVII.B - Aqueles que têm problemas em casa



31% dos Directores de Turma concordam que o ambiente em que os alunos se inserem possa ser determinante na ocorrência de actos de violência.

	Nº	%
Discordo totalmente	1	3,4
Tendo a discordar	4	13,8
Tendo a concordar	13	44,8
Concordo	4	13,8
Concordo inteiramente	5	17,2
Não respondeu	2	6,9
Total	29	100

Tabela XXVII.C - Os alunos mais velhos

Os alunos mais velhos gostam de “marcar” a sua posição em relação aos seus colegas. Daí que por vezes tenham atitudes mais agressivas, mais violentas para com os outros. Vemos então que 44,8% dos Directores de Turma, tenda a concordar que os alunos mais velhos provoquem mais situações de conflito.

	Nº	%
Discordo totalmente	10	34,5
Tendo a discordar	11	37,9
Tendo a concordar	4	13,8
Concordo	1	3,4
Concordo inteiramente	0	0
Não respondeu	3	10,3
Total	29	100

Tabela XXVII.D - Os que habitualmente ostentam sinais de riqueza

Podemos observar que ostentar mais sinais de riqueza, não significa que seja motivo para despoletar situações de violência ou conflito, daí que 37,9% dos Directores de Turma, tendam a discordar. Contudo sabe-se que não são apenas os mais desfavorecidos os que praticam tais actos.



	Nº	%
Discordo totalmente	0	0
Tendo a discordar	2	6,9
Tendo a concordar	7	24,1
Concordo	11	37,9
Concordo inteiramente	7	24,1
Não respondeu	2	6,9
Total	29	100

Tabela XXVII.E - Os líderes dos grupos

37,9% dos Directores de Turma é da opinião que os líderes dos grupos são aqueles que mais actos de violência praticam entre os seus pares.

	Nº	%
Discordo totalmente	1	3,4
Tendo a discordar	4	13,8
Tendo a concordar	9	31
Concordo	9	31
Concordo inteiramente	4	13,8
Não respondeu	2	6,9
Total	29	100

Tabela XXVII.F - Aqueles que têm mais insucesso

O insucesso escolar leva ao desinteresse pelas disciplinas leccionadas, ao estabelecer de relações negativas com os seus pares e atitudes negativas para com os docentes, daí que apresentem um maior risco de recorrer a comportamentos violentos. Deste modo verificamos que 31% dos docentes, tende a concordar e a concordar que um desempenho escolar fraco ou insuficiente poderá em certa medida impulsionar actos menos pacíficos.



h) Questão Onze - Distribuição ao longo do ano lectivo dos casos de violência

	Nº	%
Discordo	18	62,1
Concordo	7	24,1
Concordo plenamente	0	0
Não respondeu	4	13
Total	29	100

Tabela XXVIII.A - Os actos de violência escolar ocorrem mais no início do ano lectivo

	Nº	%
Discordo	20	69
Concordo	1	3,4
Concordo plenamente	1	3,4
Não respondeu	7	24,1
Total	29	100

Tabela XXVIII.B - Tendem a diminuir no 2º período

	Nº	%
Discordo	21	72,4
Concordo	1	3,4
Concordo plenamente	0	0
Não respondeu	7	24,1
Total	29	100

Tabela XXVIII.C - Tendem a diminuir ao meio do 1º período

	Nº	%
Discordo	19	65,5
Concordo	1	3,4
Concordo plenamente	0	0
Não respondeu	9	31
Total	29	100

Tabela XXVIII.D - Só diminuem no 3º período



	Nº	%
Discordo	2	6,9
Concordo	17	58,6
Concordo plenamente	10	34,5
Total	29	100

Tabela XXVIII.E - Ocorrem ao longo de todo o ano independentemente do período lectivo

	Nº	%
Discordo	5	17,2
Concordo	12	41,4
Concordo plenamente	9	31
Não respondeu	3	10,3
Total	29	100

Tabela XXVIII.F - São uma constante ao longo do ano

Fazendo uma análise conjunta desta questão e observando alínea por alínea, verificamos que os Directores de Turma consideram que os casos de violência escolar ocorrem ao longo de todo o ano, não havendo uma relação directa com os períodos escolares.

Devido a estudos já efectuados, sabe-se que os casos de violência escolar tendem a diminuir, a partir do meio/final do 1º período. As razões apontadas para tal facto são a já interiorização das regras de funcionamento do estabelecimento de ensino que o aluno frequenta, o conhecimento que já tem dos seus colegas, dos professores e os diversos espaços escolares.

	Nº	%
Reestrutura o Projecto Educativo de Agrupamento	1	3,4
Enquadra e aplica o Estatuto do aluno	3	10,3
Recorre ao Programa Escola Segura	1	3,4
Recorre ao Sistema de Vídeo Vigilância	0	0
Revê o modo como são constituídas as turmas	0	0
Reformula os espaços escolares	0	0
Aplica o Estatuto do aluno e recorre ao Programa Escola Segura	3	10,3
Aplica o Estatuto do aluno, recorre ao Programa Escola Segura e revê turmas	4	13,8



Aplica o Estatuto do Aluno, recorre ao Programa Escola Segura, revê turmas e cria gabinete de apoio	1	3,4
Recorre ao Programa Escola Segura, revê turmas e implica mais auxiliares	1	3,4
Reestrutura Projecto Educativo e recorre ao Programa Escola Segura	1	3,4
Recorre ao Programa Escola Segura, reformula espaços escolares e cria sala de apoio	1	3,4
Revê turmas e reformula espaços escolares e o Regulamento Interno	1	3,4
Conversa com o Director de Turma	1	3,4
Aborda o Tema na Formação Cívica	1	3,4
Aplica o Estatuto do Aluno e dialoga com os pais	1	3,4
Não respondeu	9	31
Total	29	100

Tabela XXIX - Que medidas adopta ou adoptou a sua escola para prevenir a violência escolar

Podemos observar que as medidas que os Agrupamentos de Escola aos quais pertencem estes Directores de Turma, adoptam ou adoptaram medidas diversas para fazer face ao fenómeno da violência escolar.

No entanto, aplicação do Estatuto do Aluno, o recurso ao Programa Escola Segura e o rever da constituição das turmas, são as medidas mais adoptadas pelos Agrupamento, representam um total de 13,8%.

f) Questão 13 - O Estatuto do aluno é um documento que:

	Nº	%
Não concordo	18	62,1
Concordo	6	20,7
Não respondeu	5	17,2
Total	29	100

Tabela XXX.A - Protege os alunos agredidos

De acordo com os Directores de Turma, o Estatuto do Aluno, não protege aquele que é agredido (62,1%).



	Nº	%
Não concordo	19	65,5
Concordo	4	13,8
Não respondeu	6	20,7
Total	29	100

Tabela XXX.B - Dá autonomia aos professores para actuarem

Também não dá mais autonomia aos professores (65,5%) no sentido de poderem actuar de modo diferente perante casos de violência.

	Nº	%
Não concordo	14	48,3
Concordo	8	27,6
Não respondeu	7	24,1
Total	29	100

Tabela XXX.C - Pune os alunos agressores

A sua discordância é também bem patente nesta alínea, pois 48,3%, considera que o presente Estatuto também não pune quem agride.

	Nº	%
Não concordo	12	41,4
Concordo	13	44,8
Não respondeu	4	13,8

Tabela XXX.D - Dá maior autonomia à Direcção

A questão da autonomia dada pelo Estatuto do Aluno aos membros da Direcção divide as opiniões. 41,4%, não concorda que este documento dê mais autonomia para actuar em casos de violência, porém 44,8%, concorda que este documento nos moldes em que está dá autonomia para actuar.

Das entrevistas feitas aos Directores dos Agrupamentos, a opinião é unânime quando afirmam que este Estatuto do Aluno tem de ser repensado em muitos aspectos, sendo que um deles é a autonomia dada aos Directores.



	Nº	%
Não concordo	10	34,5
Concordo	7	24,1
Não respondeu	12	41,4
Total	29	100

Tabela XXX.E - Remete para outra legislação em casos de violência

A percentagem daqueles que não respondeu é mais elevada que as outras, contudo, 34,5%, não concorda que este documento remeta para outra legislação.

	Nº	%
Aumentar	20	69
Diminuir	0	0
Manter-se na mesma	7	24,1
Não respondeu	2	6,9
Total	29	100

Tabela XXXI - Os casos de violência escolar tendem a:

A violência escolar é no ponto de vista destes Directores de Turma, um fenómeno que tende a aumentar (69%) devido a uma conjugação vária de factores, que não podem ser observados isoladamente.

	20-40	41-60	+ de 60	Total
Enquadra e aplica o Estatuto do aluno	3	0	0	3
	60%	0%	0%	16,7%
	100%	0%	0%	100%
Recorre ao Programa Escola Segura	0	1	0	1
	0%	8,3%	0%	5,6%
	0%	100%	0%	100%
Aplica o Estatuto do aluno e recorre ao Programa Escola Segura	0	3	0	3
	0%	25%	0%	16,7%
	0%	100%	0%	100%
Aplica o Estatuto do aluno, recorre ao Programa Escola Segura e revê turmas	0	3	0	3
	0%	25%	0%	16,7%
	0%	100%	0%	100%
Aplica o Est. do Aluno, recorre ao Prog. Escola	0	1	0	1



Segura, revê turmas e cria gabinete de apoio	0%	8,3%	0%	5,6%
	0%	100%	0%	100%
Recorre ao Prog. Escola Segura, revê turmas e implica mais auxiliares	0	0	1	1
	0%	0%	100%	5,6%
	0%	0%	100%	100%
Reestrutura Projecto Educativo e recorre ao Programa Escola Segura	0	1	0	1
	0%	8,3%	0%	5,6%
	0%	100%	0%	100%
Recorre ao Programa Escola Segura, reformula espaços escolares e cria sala de apoio	0	1	0	1
	0%	8,3%	0%	5,6%
	0%	100%	0%	100%
Revê turmas e reformula espaços escolares e o Regulamento Interno	1	0	0	1
	20%	0%	0%	5,6%
	100%	0%	0%	100%
Conversa com o Director de Turma	1	0	0	1
	20%	0%	0%	5,6%
	100%	0%	0%	100%
Aborda o Tema na Formação Cívica	0	1	0	1
	0%	8,3%	0%	5,6%
	0%	100%	0%	100%
Aplica o Estatuto do Aluno e dialoga com os pais	0	1	0	1
	0%	8,3%	0%	5,6%
	0%	100%	0%	100%
Total	5	12	1	18
	100%	100%	100%	100%
	27,8%	66,7%	5,6%	100%

Tabela XXXII - “Idade” x “Que medidas adopta ou adoptou a sua escola para prevenir a violência escolar”: Teste do Qui-quadrado

Os valores obtidos pela aplicação do teste do *Qui-quadrado* ($X^2 = 36,000$; $p = 0,030$), indicam existirem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos considerados.

Aqueles que têm uma idade mais avançada, são os que mais intervêm, os que mais participam na vida escolar dos seus educandos, também são aqueles que mais tomadas de posição tomam perante casos de violência escolar.

Da análise feita aos questionários distribuídos aos Encarregados de Educação e Directores de Turma podemos concluir que ambos consideram existir casos de violência, muito embora os casos de denúncia feitas aos Directores de Turma sejam em número reduzido, contudo os alunos relatam -nos aos seus Encarregados de Educação, mas poucos são os que dizem ter sido vítimas. Por norma as denúncias quando existem são feitas pelos agredidos e por aqueles que observam. Quando ocorrem situações de violência as medidas



mais tomadas pelos Encarregados de Educação são dialogar com o seu educando e comunicar o facto ao Director de Turma. Isto poderá demonstrar existir algum diálogo e proximidade entre família e escola.

Em relação ao que poderá ser feito no sentido de diminuir ou terminar com situações de violência, os inquiridos consideram importante a vigilância dos espaços, cumprimento de regras, autoridade do professor e alterar atitudes que condicionam a postura dos alunos. Apenas discordam num aspecto que é a reformulação dos espaços escolares, ou seja, os Directores de Turma, não consideram que pelo facto de se reformularem espaços a violência vá diminuir, já os Encarregados de Educação consideram esta mudança importante.

Os locais onde mais ocorrem situações de violência revela que os locais onde há menor vigilância e uma menor presença dos adultos são espaços propícios à ocorrência de situações menos agradáveis. Estas mesmas situações são no entender de ambos mais praticadas pelos rapazes, influenciadas pelo ambiente familiar, pelos alunos mais velhos e por aqueles que têm resultados menos positivos. Porém a existência ou não destes casos não pode ser determinada apenas por um factor, mas sim pela conjugação de vários.

No entender dos Directores de Turma, os casos de violência não acontecem mais numa determinada altura do ano, acontecem sim ao longo de todo o ano lectivo. Consideram ainda que os casos de violência escolar, têm tendência para aumentar.

Logo urge tomar e adoptar medidas para prevenir estas situações, daí que nas respostas dadas pelos Directores de Turma, ressalte aplicação do Estatuto do Aluno, recurso ao Programa Escola Segura e rever a constituição de turmas. Quando questionados sobre este documento a maioria considera que não protege o agredido, não pune o agressor e em relação autonomia que dá aos professores para actuar as opiniões dividem -se pois alguns consideram que essa está expressa no documento outros não.

Os Encarregados de Educação revelaram-se conhecedores do Estatuto do Aluno e do Regulamento Interno, revelando análise feita que aqueles que possuem mais habilitações literárias são os que mais diligências tomam para resolver situações de violência que envolvam o seu educando.



Conclusão

Nesta investigação, procurámos perceber que percepção tem a comunidade educativa pertencente a três Agrupamentos de Escolas da cidade da Guarda do fenómeno violência escolar.

Este estudo, fez-se junto dos Directores dos Agrupamentos, enquanto órgão de gestão, aos Directores de Turma das turmas de 5º e 6º ano de escolaridade pertencentes aos agrupamentos e aos Encarregados de Educação dos alunos de 5º e 6º ano. Aqui importa mencionar que estas turmas foram escolhidas aleatoriamente, em conjunto com os Directores dos Agrupamentos, ou representantes do 2º Ciclo na Direcção e que apenas foram escolhidas duas turmas em cada Agrupamento.

Inicialmente, procurámos encontrar uma definição para o conceito de violência, que características e padrões comportamentais apresentam os actores que intervêm nos casos de violência. Das leituras efectuadas podemos dizer que a violência é entendida nas mais diversas culturas como sendo o uso excessivo do emprego da força contra uma ou mais pessoas.

De salientar, a importância que a família tem no desenvolvimento global e integral da criança, pois, é no seio desta que as crianças desenvolvem todo um processo de socialização. É então a família o núcleo principal e fundamental em que as crianças adquirem modelos de conduta que exteriorizarão. Ao longo dos tempos, a família e o peso que esta tem na educação dos seus, tem sofrido algumas alterações falando-se mesmo em crise de autoridade familiar.

Pretendemos ainda perceber que tipos de medidas são tomadas e ou adoptadas quer pelos Directores de Turma, Directores dos Agrupamentos e Encarregados de Educação, quando um aluno é vítima de violência escolar. Aqui podemos aferir que as escolas envolvidas neste estudo desenvolvem, quase de forma permanente, acções que se pretendem ser preventivas, quer através da acção directa, dos Directores e Directores de Turma, quer seja pelo recurso a programas que visem a segurança de todos quantos frequentam a escola. Conclui-se, ainda, o quão é importante existir uma boa relação de diálogo e trabalho com pais, encarregados de educação e associações de pais.

Foi também nossa intenção procurar perceber até que ponto se sentem seguros os educandos dos encarregados de educação inquiridos no espaço escolar que frequentam, bem como o tipo de violência a que são sujeitos e quais os locais onde mais ocorrem estas situações.

De grande importância foi também tentar perceber se os Encarregados de Educação conhecem os documentos de gestão do Agrupamento ao qual pertencem.



É deste modo que surgem algumas considerações que se apresentam agora como sejam a importância que a figura do Director de Turma como mediador para tentar resolver casos de violência que eventualmente possam ocorrer. Destaca-se ainda quer seja por parte dos Directores de Turma, quer seja por parte dos Encarregados de Educação a importância que é dada à ausência de valores e atitudes dos alunos, como possível potenciador de actos ou casos de violência. De referir, ainda, que os Directores de Turma consideram que os pais têm um papel demissionário na educação dos seus filhos e que todo o ambiente familiar em que vivem tem importância nas suas atitudes e comportamentos na escola.

Dos dados recolhidos, conclui-se ainda que a percentagem de alunos que relata casos de violência é superior, àquele que confidencia ter sido vítima. Sabe-se contudo que alguns alunos não relatam o que presenciam com receio de sofrer represálias.

Quer os Directores de Turma, quer os Pais/Encarregados de Educação são unânimes em afirmar que são os rapazes os que mais actos de violência praticam, mas também se conclui que alunos que tenham um desempenho menos positivo na escola pode, ou não, determinar e influenciar a prática de actos violentos. Consideram ainda que não há uma diminuição dos mesmos ao longo dos diferentes períodos lectivos, muito embora haja dados que demonstrem que os actos diminuem a partir do meio do 1º período, ou seja, quando já houve uma interiorização das regras e se conhecem os colegas, professores, espaços escolares e sobretudo interiorizaram as regras e normas do estabelecimento de ensino que frequentam. Este último dado é relevante, quer para os Directores de Turma, quer para os Encarregados de Educação, na medida em que consideram fundamental o cumprimento de regras estabelecidas pelo Agrupamento, como forma de evitar, diminuir possíveis actos de violência, bem como responsabilizar mais os pais pelas atitudes e comportamentos dos seus educandos.

A escola tem hoje autonomia para delinear e implementar formas de actuação de acordo com o nível etário, o nível de escolaridade, de modo a minimizar até acabar com o fenómeno da violência escolar no seu contexto.

Conclui-se ainda que tem que haver, por parte das escolas, uma maior vigilância dos espaços escolares, sendo certo que é no recreio onde ocorrem mais casos de violência, bem como uma reformulação dos espaços, torná-los mais atractivos. Um outro dado que deve ser referido é o facto dos Directores de Turma considerarem que se o número de alunos por turma fosse mais reduzido, contribuiria de certa forma para uma diminuição dos casos de violência.

Da leitura dos dados conclui-se ainda que as diversas opiniões expressas, consideram que os casos de violência tendem a aumentar devido a uma conjugação de factores que não podem ser considerados isoladamente e que a existência de diálogo entre alunos, directores de turma e pais é fundamental para que haja um bom relacionamento.



É, cada vez mais, necessário estabelecer laços de proximidade entre escola e família. Tem que haver um trabalho conjunto, uma articulação entre a educação que a família dá e o ensino que se faz nas escolas.

Em relação aos documentos que fazem parte dos Agrupamentos, verificamos que há uma relação directa entre as habilitações literárias dos Encarregados de Educação e o conhecimento que têm do Projecto Curricular de Turma, Regulamento Interno e Estatuto do Aluno. Este último é aquele que é mais lido e do qual têm maior conhecimento. Acresce ainda dizer que as suas linhas orientadoras deste documento constam do PCT (Projecto Curricular de Turma) e RI (Regulamento Interno).

Ao longo deste estudo utilizámos uma abordagem qualitativa, através de entrevistas dirigidas aos Directores dos Agrupamentos, não de uma forma rígida, onde puderam expor os seus pontos de vista, opiniões e ideias sobre o fenómeno da violência escolar entre pares, o seu modo de actuar perante casos de violência, que tipo de sanções punitivas/sancionatórias ou pedagógicas aplicam e se fazem valer na íntegra o Estatuto do Aluno.

Assim, podemos constatar que em muitos aspectos as ideias dos Directores de Agrupamento são unânimes, quando afirmam que não há um elevado número de casos de violência escolar nos seus Agrupamentos, há isso sim, casos esporádicos de fácil resolução.

A sua opinião também é semelhante quando afirmam ser de muita importância a família e tudo aquilo que esta transmite aos seus. Aqui realçava a família como sendo o primeiro contexto em que ocorre a socialização da criança, desempenhando um papel fundamental no comportamento que esta adoptará no seu percurso de vida, nas suas relações interpessoais desenvolvidas ao longo das suas vivências. Diríamos mesmo que o contexto sócio económico e cultural dos alunos que frequentam um determinado estabelecimento de ensino influi no seu comportamento.

Daí que a família não possa ser vista e analisada sem ter em consideração o contexto em que a mesma se insere. Constatam todos eles que há uma crise de valores e atitudes que condicionam fortemente a postura dos alunos em diferentes contextos e situações comportamentais.

O Decreto-Lei n.º 3/2008 (Estatuto do Aluno), reconhece a necessidade deste em ser alterado em muitos pontos. Constatou-se que não recorrem, nem aplicam com frequência ou na íntegra este, bem como o Programa Escola Segura. Este último em casos muito pontuais.

Divergem um pouco no tipo de atitudes que tomam quando no “*seu*” Agrupamento ocorrem situações de indisciplina/violência, contudo tentam sempre resolver o problema através do diálogo com os envolvidos. Revelaram ainda que a figura do Director de Turma é fundamental neste processo, e qualquer ocorrência passa sempre primeiro por ele.

Têm a preocupação de estabelecer com a família diálogo, levando-a ou tentando trazê-la sempre e cada vez mais para a escola, ou seja, pretendem estabelecer relações de diálogo e de trabalho pois sabem que a família é um elemento que pode contribuir para o



sucesso escolar. Muito embora reconheçam que se há famílias que são e estão presentes sempre que solicitadas, outras há, que não se deslocam nunca à escola, a não ser para ir *“buscar as notas”*.

Por fim, acrescentaríamos que compreender este fenómeno de violência escolar, passa primeiramente pelo facto das escolas reconhecerem e aceitarem que ela existe, só assim se poderão implementar medidas. E porque este fenómeno é muito amplo e surge em diversos contextos, resta então que a sociedade se mobilize para proteger os cidadãos de amanhã.

Só assim poderemos continuar afirmar que a escola é um local que forma crianças e jovens, onde valores como a tolerância, respeito e solidariedade estão presentes de modo a construir uma sociedade mais cívica.



Bibliografia

Afonso, A (1998). “Insucesso e Comportamentos Divergentes”- Revista Portuguesa de Educação. Braga, pp. 41-51.

Almeida, A. (1999). Portugal, in P.Smith, Morita, Junger, D. Olweus. “The nature of school bullying. Across national perspective”. Pp.174-186.

Almeida, A. (2000). “As relações entre pares em idade escolar”. Braga, Centro de Estudos da Criança. U. Minho.

Amado, J., & Freire I., (2005). “ Definições, Incidência e Causas da Violência em Portugal. Centre for Educational Research.

Arregi Goenaga, F. (1998). *Los Jóvenes y la violencia*. In Pantoja (Org.). Nuevos espacios de la educación social. Bilbao: Universidad de Deusto.,

Ariès, Philippe (1998). “*A criança e a vida familiar no Antigo Regime.*” Lisboa: Relógio D’Água Editores.

Bandura, A. (1990). “*Teoria del Aprendizaje Social.*” 3ª ed. Madrid: Espasa- Calpe, S.A.

Bandura, A. & Walters, R. (1990). *Aprendizaje Social y Desarrollo de la Personalidad*. 10ª ed. Madrid: Alianza Universidad.

Bonito, J., (org.) (2008). “*Educação para a saúde no século XX : teorias, modelos e práticas*”. Actas do Congresso Nacional de Educação para a Saúde, 2, Évora: Universidade de Évora, p. 975-982.

Bardin, L. (1991). “*Análise de Conteúdo*”. Lisboa: Edições 70.

Blaya, C. (2006). “*Violência e Maus tratos em meio escolar*”. Instituto Piaget.

Blaya C. (2001). “Social Climate and Violence in Socially Deprived urna Secondary Schools in England and France.” University of Portsmouth.



Bourdieu, P. (1998) “A Escola Conservadora: as Desigualdades Frente à Escola e à Cultura.” In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs). Escritos de educação. Petrópolis, Vozes.

Bogdan, R. Biklen (1994). “Investigação Qualitativa em Educação”. Porto. Porto Editora.

Brito, C. (1994). *Gestão Escolar participada: na escola somos todos gestores*, 3ª ed. Lisboa: Texto Editora.

Buss, A. (19951). *The Psychology of Agression*. New York: Wiley.

Chaplot, B. (2002). “A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão”. *Sociologia*. Porto Alegre, Ano 4, nº 8, pp 432-443.

Charlot, B.(1997)” Pour le savoir, contre la stratégie.” In: DUBET, F. (Org.). *École, famille: le malentendu*. Paris: Éditions Textuel.p. 59 -78.

Carvalhosa, S., F., Lima, L., Matos, M.,C., (2001). “Bullying - A provocação/Vitimação entre pares no contexto português”. *Revista de Análise Psicológica*, 4 (XIX) P. 523 - 537.

Coie, J. & Dodge, K. (1998). “*Agression and antisocial behaviour*”. In W. Damon & N. Eisenberg. *Handbook of Child Psychology. Social and Emotional, and Personal Development*. Vol 3, New-York: John and Wiley sons.

Constituição da República Portuguesa, artigo 43º, ponto 1 , artigo 73º ponto 1.

Debarbieux, E. (2002). “*Violence in schools: disagreement about words, and a political challenge*”. In E. Debarbieux & C. Blaya. *Violence in Schools and Public Policies*”. Paris: Elsevier, pp. 32-53.

Delors, Jacques (et. al.) (1996). “*Educação: um tesouro a descobrir*.” Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Séc. XXI. 3ª Ed. Porto: Edições Asa.

Dollard, J. (et. al.) (1939). *Frustration and Agression*. New Haven: Yale University Press.

Dubet, F. (1997). “*École, famille: le malentendu*”. Paris: Edition Textuel, p. 59- 78.

Durkheim, Emile (1973). *Educación e sociologia*. Buenos Aires. Editorial Shapire.



Dewey, John (1971). “Vida e educação”. São Paulo. Ed. Melhoramento.

Educação, Ministério (2007), “ Violência na escola: mediatização, insegurança e prevenção.” Revista *Noesis* nº 68, Janeiro/Março. Pág. 50- 55.

Englander, E. (1997). *Understanding Violence*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Farrington, D. (2002). “Risk factors for youth violence”. In E. Debarieux & C. Blaya (ed.). *Violence in Schools and Public Policies*. Paris: Elsevier, pp.13-32.

Fernandez, I. (1998). *Prevención de la Violência y Resolución de Conflictos. El Clima Escolar como Factor de Calidad*. Madrid: Narcea, S.A. Ediciones.

Fonseca, I., & Veiga H. F (2007).” *Violência escolar e bullying em países europeus*”. In A. Barca, M. Peralbo, A. Porto, B. Duarte da Silva & L. Almeida (Eds.), *Libro de Actas do IX Congresso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía* (pp. 107-118). A. Coruña, Universidad da Coruña.

Fullat, O. (1988). *La Peregrinación del Mal*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (1995). *O Inquérito. Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.

Graue, E. & Walsh, D.(2003). “*Investigação Etnográfica com Crianças. Teorias, Métodos e Ética*”. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hacker, F. (1972). “*Agression-Violence dans le Monde Moderne.*” Paris: Calmann-Levy.

Hartup, W. (1992). “The company they keep.: friendship and their developmental significance.” *Child Development*, 67, pp. 1-13.

Ketele, J. & Roegiers, X. (1999). “*Metodologia da Recolha de Dados*”. Lisboa: Instituto Piaget.

Krahé, B. (2001). *The Social Psychology of Agression*. USA: Psychology Press, Ltd.

Krug, E. (et al.). (2002). “*Rapport Mondial sur la Violence et la Santé.*” Genève: OMS.

Lahire, B. (1997). “*Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável.* “ Tradução de Ramon Américo Vasques e Sónia Goldefer. São Paulo: Ática.



Lopes, Neto, A.A. (2005). “Bullying- Comportamento agressivo entre estudantes”. *Jornal Pediátrico* (Rio J.) 81, (5 supl) S 164- S172.

Lorenz, K., ((1973). *A Agressão: Uma história natural do mal*”. Lisboa: Moraes Editores.

Maccoby, E. & Martin, J. (1983). “*Socialization in the context of the family: parent-child interaction*”. In E. M. Herherington & P. H. Mussen (Ed.). *Handbook of Child Psychology*, Volume 4. United States: John Wiley & Sons, pp. 1-101.

Marmoz, L. (2006) “*La violence comme nécessité historique: une place pour l’école?*”. In T. Estrela & L. Marmoz. *Indiscipline et Violence à l’école. Études Européennes*. Paris: L’Harmattan, pp. 11-33.

Martins, M^a., J., D. (2007). “Violência interpessoal e maus - tratos entre pares, em contexto escolar. *Revista de Educação*, Vol. XV,nº2 p.51 - 78.

Matos. M., Negreiros J., Simões C., Gaspar T., (2009). “*Violência Bullying e Delinquência*”. Lisboa. Coisas de Ler Edições.

Miller, N & Dollard, J (1967). “ *Social Learning and imitation*”. New Haven and London: Yale University Press.

Minayo, M.C.S. (2005). “Relaciones entre procesos sociales, violencia y calidad de vida”. *Salud Colectiva*, 1(1) pp. 69-78.

Ministério da Educação- Decreto-Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio, artigo 3º.

Ministério da Educação- Decreto-Lei nº 6/2001 de 18 de Janeiro, capítulo II artigo 3 a ; 3 c.

Ministério da Educação - Decreto-Lei 75/2008 de 22 de Abril.

Ministério da Educação - Decreto-Lei 3/2008 de 7 de Janeiro de 2008, artigo 5º e artigo 8º.

Ministério da Educação - Decreto - Lei nº 117/2009 de 18 de Maio.

Ministério da Educação - Despacho nº 222/2007 de 5 de Janeiro.



Ministério da Educação - Despacho nº 25650/2006 de 19 de Dezembro.

Neto, S. João Clemente, Nascimento, M^a Leticia (2006). “Infância, Violência, Instituição e Políticas Públicas”. São Paulo, Expressão e Arte editora, pp.43-51.

Noé, A.(2000). “A relação Educação e Sociedade: factores sociais que intervêm no processo educativo”. *Revista da Avaliação* Vol.5, nº3 Maio/Junho.

Nogueira, C.M.M. & Nogueira M^a A.(2002) “A sociologia da Educação de Pierre Bourdieu”. Limites e Contribuições. Educ. Soc. (online) vol. 23, nº 78 pp. 15 - 35.

Nogueira M^a A. (2005). “A relação família - escola na contemporaneidade”: fenómeno social/interrogações sociológicas.” *Revista de Análise Social*, vol. XL (176), P. 563 - 578

ONU (1959), Declaração Universal dos Direitos da Criança.

Olweus, D. (1991). “*Bully/victim problems among school children: Basic effects of a school based intervention program.*” In D. Pepler & K. Rubins (Eds). *The development and treatment of childhood aggression*. New Jersey, Erlbaum, pp. 411- 448

Olweus, D. (1994). “Bullying at school - long - term outcomes for the victims and effective school based intervention program”. In L. Hueman (ed). *Aggressive Behaviour. The current perspectives*. New York and London: Plenum Press, pp. 97 - 130.

Olweus, D. (1998). “*Conductas de Acoso y Ameaza entre Escolares.*” Madrid: Ediciones Morata, S.L.

Olweus, D.(2000). “Bullying at School”: Oxford: Blackwell Publishers, Ltd.

O’Moore, M. & Kirkham, C.(2001) - “*Self- esteem and its relationship to bullying behaviour.*” *Aggressive Behaviour*, 27 (269- 283).

Pais, J. Machado (1993).” *Culturas Juvenis*” Lisboa: Imprensa Nacional.

Pereira, B. e Pinto, A. (1999). “*Dinamizar a Escola Para Prevenir A Violência Entre Pares.*” *Sonhar*, VI, 1 (Maio-Agosto) 19-33.



Pereira, B. (2002). *“Para uma Escola sem Violência. Estudo e Prevenção das Práticas Agressivas entre crianças.”* Porto: Fundação Calouste Gulbenkian.

Pereira, B. (2005). *“Recreios escolares e prevenção da violência: dos espaços às actividades”*. Instituto de Estudos da Criança - Universidade do Minho.

Pereira, B. O, Almeida, Ana, T.”O bullying nas escolas portuguesas. Análise das variáveis fundamentais para a identificação do problema”. In L. Almeida, J. Silvério e S. Araújo (orgs. Actas II Congresso Galaico Português de psicopedagogia). Braga, U. Minho.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva Publicações, Lda.

Sarmiento, M. (2002). “Infância e Exclusão Social”. In B. Pereira e A. Pinto (coord) *A escola e a criança em risco. Intervir para prevenir*. 1ª ed. Asa, pp.75-89.

Sebastião, J. & Alves, M. & Campos, J. (2003). “Violência na escola: das políticas aos quotidianos”. *Sociologia, Problemas e Práticas*. Lisboa. nº41, pp. 37-62.

Sebastião J., & Alves, M., Campos, J., & Correia, V., S. (2008). *“Violência na escola: os equívocos mais frequentes.”* Teorias e práticas. Actas do XIV colóquio da Secção Portuguesa da AFIRSE.

Silva, A., S., (1994). “ Análise sociológica e reflexão democrática sobre a educação: Um diálogo com vantagens recíprocas”. *Revista Análise Social*, Vol. XXIX (129), P. 1211- 1227.

Singer, M.,I., et. al. (1995). “Adolescents exposure to violence and associated symptoms of psychological trauma”. *Journal of American Medical Association*, 273, 477 - 482.

Schwartz, D. (et. al.). (1997). “Early socialization of aggressive victims of bullying”. In M. H. Bornstein (ed.) *Child Development*. Volume 68, nº 4, pp. 665-675.

Shaffer, H. (1996). *Desenvolvimento Social da Criança*. Lisboa: Instituto Piaget.

Sharp, S. & Smith, P. (1994). *Tackling Bullying in your School. A Practical Handbook for Teachers*. London and New York: Routledge.



Smith, P. & Sharp, S. (1994). *"The problem of school bullying"*. In P. Smith & S. Sharp, *School Bullying: Insights and perspectives*. London and New York: Routledge, pp. 1-19.

Souza, Neto, J., C., Nascimento, M^a., L.,B., (2006). *"Infância: Violência, Instituições e Políticas Públicas"*. São Paulo e Arte Editora. Cap. II, p. 43-51.

Tuckman, B. (2000). *"Manual de Investigação em Educação"*. Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian.

WHO- World Health Organisation.(2002).-*"World Report on violence and health."* Geneva: Disponível em [Http://www.who.int/publications/en/](http://www.who.int/publications/en/)

WHO- World Health Organisation.(2004) - *"Preventing violence: a guide to implement the recommendations of the world report on violence and health."* Geneva: world health organisation.

Veiga, F. (2001). *"A Indisciplina e a Violência na Escola. Práticas Comunicacionais para Professores e Pais."* Coimbra: Livraria Almedina.

Vala, J. (1986). *"A Análise de Conteúdo."* In A.S. Silva & J.M. Pinto Metodologia das Ciências Sociais. Porto: Edições Afrontamento.

Vianna, M^a J. B. (2005). *"As práticas socializadoras familiares como locus de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar em meios populares"*. *Educação e Sociedade* (online): vol. 26, nº 90 pp. 107 - 125.

Constituição da República Portuguesa, artigo 43º, ponto 1 , artigo 73º ponto 1.



Anexos

Anexo I

Guião de entrevista aos directores dos agrupamentos

- 1- Enquanto Director que medidas preventivas tomou para evitar, diminuir casos de violência escolar?
- 2- Ocorrem ou já ocorreram casos de violência escolar no seu Agrupamento?
- 3- Recorreu em alguma altura ou em circunstância ao Programa Escola Segura ou vídeo vigilância?
- 4- Onde acha que ocorrem mais episódios desta natureza? Quem os pratica?
- 5- Em alguma altura recebeu queixas de professores ou de pais sobre alegadas situações de violência escolar?
- 6- Em que faixa etária considera que ocorrem estes episódios de violência?
- 7- No Projecto Educativo do Agrupamento, estão contempladas algumas medidas preventivas?
- 8- Aplica ou faz aplicar o Estatuto do Aluno na íntegra?
- 9 - Defina violência escolar.



Anexo II

Transcrição das Entrevistas

DIRECTOR 1

Data: 18/02/2010

Local: Gabinete do Director/ na sede do Agrupamento 1

Duração da entrevista: das 18h. às 18h55m.

1. No nosso Agrupamento, uma das medidas preventivas que tomamos é que todos os professores e funcionários ao circularem pelo espaço escolar, vão observando o comportamento dos alunos. Também proporcionamos acções de sensibilização sobre o tema, formação quer para os assistentes operacionais quer para professores e também na aula de Formação Cívica, o tema é tratado com alguma frequência.
2. Desde que tomamos posse enquanto membros da Direcção destes Agrupamento não se têm registado muitos casos... apenas alguns episódios e esporádicos. Lembro o caso de um aluno que temos que está ao abrigo do Decreto Lei nº3/2008, e como tal tem um currículo próprio.... Esse sim por vezes é violento... mas que eu tenha conhecimento desde o início do 2º período que não tem tido actos mais violentos.
3. Em relação ao Programa de Vídeo vigilância, já fomos a uma reunião, mas até ao momento não tivemos mais informações.... Aguardamos! O Programa Escola Segura... há um polícia de manhã junto à entrada da Escola, de quando em vez passam aí de carro, mas mais nada.
4. Os locais onde creio que vão ocorrendo alguns casos são os recreios pelo facto de terem menos vigilância, ser mais notório. Para tentar evitar alguns casos, os alunos podem utilizar os campos de futebol, nós é que lhes emprestamos o material, é que assim, se ocorrer algum tipo de desacato, sabemos a quem emprestámos o material e sabemos quem estava no espaço, logo, torna -se mais fácil actuar se for preciso. Também nas salas de aula, vão acontecendo incidentes, mas para isso existe a figura do professor para controlar a sua aula, não deixar que extrapolem, mas sobretudo criar uma relação de empatia. Se tal existir estou convencido de que nada ocorrerá. Em relação a quem pratica mais estes actos, são geralmente alunos com um temperamento mais impulsivo, algumas franjas sociais mais predispostas a tal.
5. Quando ocorre alguma situação por norma o professor resolve ou então o Director de turma. Sim já houve um ou outro professor a dizer algumas coisas, mas tal como já disse, se houver uma boa relação com o/os professores, nada acontece. Pais, sim... um pai, que veio fazer



- queixa que o seu educando, era vítima de chacota, rejeição escolar, mas era algo que já vinha do ano anterior, e que foi facilmente solucionado. Quem vem por regra fazer queixa muito raramente directamente a nós enquanto direcção, é o aluno agredido.... Claro que tentamos que o problema seja solucionado através do Director de Turma, mas também podemos intervir chamando o agressor e o agredido. Mantemos uma conversa com eles, fazendo -lhes ver que erraram. Geralmente não passamos da conversa.
6. Tenho reparado que quando há alguma situação são mais os alunos do 6º ano. Gostam de mostrar aos mais pequenitos do 5º ano, que eles já andam ali.... Que são mais velhos... gostam de marcar território!! Nos outros alunos mais velhos já não se nota este tipo de comportamento. São sem dúvida os rapazes quem mais agride, aqui gostaria de dizer que é mais violência física , mas nada de grave e por vezes psicológica, os alunos tendem a estabelecer relações de liderança, exercer pressão....
 7. Sim, mas estão mais explícitas no Regulamento Interno que o Agrupamento elabora.
 8. Digamos que até ao momento não ocorreu nada de tão grave (comportamentos desviantes) que tivéssemos de recorrer ao Estatuto do Aluno aplicar qualquer sanção mais punitiva. As pequenas sanções que aplicamos são mais de carácter punitivo/pedagógico, ou seja, se virmos alguma situação menos própria ou menos correcta por parte de um aluno(a), primeiramente conversamos, sensibilizamo-lo para a situação e é - lhe aplicado um.... Digamos pequeno castigo ... por exemplo ajudar na limpeza ou arrumação de um espaço. Isto para quê, para o aluno ter consciência do acto que praticou, de que errou e como tal tem que ser castigado....
 9. Violência escolar, no meu ver são situações que ocorrem num dado espaço e são actos praticados pelos alunos que estão mais desmotivados, que têm mais insucesso escolar, mais retenções. Se forem alunos motivados não haverá lugar a tais acções.



DIRECTOR 2

Data: 19/02/2010

Local: Gabinete do Director/ na sede do Agrupamento 1

Duração da entrevista: das 16h. às 17h

1. As medidas preventivas do Agrupamento passam essencialmente pela acção do Director de Turma. Este, reúne com os pais, com os alunos e dialoga sobre o assunto procurando sensibilizá - los e alertá - los para o problema. Fornecemos formação aos alunos aos assistentes operacionais. Estes últimos estão sempre atentos para qualquer indício de uma possível situação de violência. No caso de observarem ou constatarem alguma coisa, devem comunicar ao Director de Turma e/ou aos membros da Direcção. Uma outra medida preventiva à qual já temos recorrido é ao Programa escola Segura (fora do recinto escolar), no sentido da prevenção no percurso que os alunos fazem de ida e vinda para a escola.
2. Bem, vamos lá ver, desde sempre houve este ou aquele que deu um empurrão, fez pouco... Vão acontecendo alguns casos, mas não são muito preocupantes, por regra resolvem - se bem e não há reincidência. Sabe que estes actos quando ocorrem têm muito a ver com a personalidade do aluno, a sua postura perante os colegas, o grupo turma, a sua auto estima. Se estiver em baixo, o aluno torna -se um alvo fácil... e se as crianças podem ser muito generosas mas também podem ser muito cruéis com os seus companheiros. Porém, também vejo que hoje as pessoas estão mais atentas, mais despertas para estes casos, senão veja, tenho aqui esta pequena carta que uma aluna me veio trazer... veja o que diz “ Sr. Director, algumas colegas da turma atiram -me papéis, gozam comigo..... espero que possam ajudar a resolver a situação”. Isto hoje é possível de acontecer, no meu tempo se alguém me fizesse isto, das “duas uma” ou me defendia, ou me calava, nunca iria escrever e entregar uma carta ao Director a fazer queixa.... Hoje um aluno pode pessoalmente fazer o que esta aluna fez ... porque aqui no nosso agrupamento damos esta liberdade. Veja que aluna até escreveu o nome das colegas... o que vou fazer?... Vou conversar aqui no meu gabinete com estas alunas sobre o que está acontecer e creio que não será preciso mais nada... Do que nos temos apercebido são episódios que ocorrem pontualmente, com o intuito de aborrecer, humilhar psicologicamente.
3. Tal como já disse já recorremos algumas vezes (poucas), ao Programa Escola Segura, no sentido da prevenção mas ao programa de Vídeo vigilância não temos e nunca recorremos.
4. Não há diferença. Não ocorrem mais nesta ou naquela faixa etária, ou neste ou naquele ano escolar. E os locais onde podem ocorrer com mais frequência são nos recreios e dentro da sala de aula. Constatamos que a indisciplina existe dentro da sala de aula. Mas aqui está o professor para controlar e colocar fim à situação. Os rapazes são mais agressores e as vítimas estão em



igual número os meninos e as meninas. As vezes as meninas são mais agressivas.... A questão da roupa que cada um veste é motivo de gozo.... As situações quando ocorrem são os elementos da turma uns com os outros não é com elementos de outras turmas. O agressor é aquele que não tem valores e os agredidos são aqueles a quem os pais educaram com valores fortes de referência mas que não se sabem defender. Porém, a educação que recebem e porque estamos numa sociedade complicada e difícil, deve prepará - los para a existência de agressores, logo devem e têm de saber defender -se. De qualquer modo o que temos vindo a notar é que há uma grande diminuição de valores, entre eles próprios não prevalecem valores. Na minha opinião, uma criança que tenha em casa bons valores de referência, não terá ou praticará actos de violência escolar, por seu lado uma criança sem regras, sem normas, sem valores estará mais predisposta a tais actos. Dou - lhe um exemplo: um aluno pode ter 100% em todos os testes, o que faria que tivesse 5 a tudo, mas como o comportamento, atitudes e valores têm um peso de 25% na avaliação ficaria não com 5 mas com 4 às disciplinas. O pai pode contestar? Claro. Mas quando se lhe diz que não tem 5 por não ter atitude e valores.... Repensa -se um pouco a educação que se dá em casa.! Aqui a questão do grupo também é muito importante. Se há um elemento que se destaca, há sempre outros que o queiram imitar ou fazer o que ele faz, ou para entrar no grupo ou simplesmente para não se meterem com ele. Quem pratica actos de violência, fá - lo para se demarcar dos outros, é um líder, para marcar a sua posição.

5. Sim. Por norma são o pai ou a mãe da menina que vem aqui à Direcção fazer queixa da situação. De meninos são em menor número os que vêm fazer queixa. Resolvemo -la conversando com as duas partes Quem agride e quem é agredido. A situação resolve -se sem necessidade de recorrer a grandes sanções. Os professores também se dirigem à Direcção. Mas primeiramente tentamos que seja o Director de Turma a solucioná - lo caso não consiga então, actuamos nós (Direcção).
6. Não há diferença. Podem ocorrer em qualquer idade.
7. As medidas que integram o Projecto Educativo do Agrupamento, remetem para o Regulamento Interno. Aqui estão expressas as regras, normas que o Conselho Pedagógico e o Conselho geral decidiram. Aqui acrescentaria ainda o facto de nós como Agrupamento, sensibilizarmos os educadores de infância e professores do 1º Ciclo, (pois são estes quem mais falam com os pais) e também os nossos para as questões da cidadania, solidariedade, valores e atitudes. Sem estes.... As coisas tendem a complicar -se. No início de cada ano lectivo, faz -se uma reunião com os pais e é -lhes entregue uma carta onde constam um conjunto de creio eu, quinze regras, que foram definidas em Conselho Pedagógico, para levarem e lerem com atenção. Pretende -se assim, valorizar atitudes, sempre que houver um problema dirigirem -se à Escola para saber o que aconteceu, como aconteceu. Os pais não devem acreditar logo no seu filho, é necessário ouvir todos os envolvidos. Os professores para além de professores dos filhos também poderão ser os professores dos pais. Neste sentido creio que já estamos a colher



alguns frutos, pois já se nota que os pais e também os alunos estão mais atentos, e respeitam as regras, valores e atitudes que lhes são incutidas.

8. Primeiro que tudo temos um mau Estatuto do Aluno. Este que temos precisa de ser alterado em muitos aspectos. Muitas das coisas do Estatuto do Aluno, aplicam - se à risca, tanto medidas correctivas como sancionatórias. Já este ano suspendemos um aluno por oito dias e outro por sei dias. Quando não são situações de grande relevância, converso com eles aqui no gabinete, levam uma repreensão oral e se por algum acaso se repetir, faz - se uma repreensão escrita através do Director de Turma que chegará ao Encarregado de Educação. Este terá então que se deslocar aqui para tomar conhecimento. As escolas já fazem muito para evitar casos de violência, na minha opinião quem tem de fazer mais, são os pais, têm de dar educação... educar para os valores. Estamos a passar por uma fase em que os pais se demitem da educação dos filhos, alegam que “não têm tempo/não sei que fazer dele/ não faço nada dele” e imputam à escola essa tarefa. O Ministério da Educação também pode actuar legislando mais sobre o assunto.
9. Serão atitudes físicas, morais, que humilham, mal tratam e colocam em sofrimento crianças/alunos. A violência pode ser exercida por um ou mais sobre um ou alguns. Segundo o meu ponto de vista a violência escolar são situações que ocorrem com alguma frequência, duas, três ou quatro vezes. Volto a realçar a questão do grupo que considero importante.



DIRECTOR 3

Data: 26/02/2010

Local: Gabinete do Director/ na sede do Agrupamento 3

Duração da entrevista: das 16h.20m às 17h 25m

- 1- Aqui no Agrupamento, as medidas que são tomadas para prevenir eventuais casos de violência, passam pela simples repreensão ao aluno. Passa muito pelo Director de Turma, que quando toma conhecimento de situações, faz uma comunicação por escrito ao encarregado de educação e pode ainda solicitar a sua comparência quando a situação de violência foi grave ou é um caso de reincidência. Também os assistentes operacionais, vão observando o que se passa. Todavia gostava de dizer o seguinte, os alunos sabem que existe um tal professor chamado Que é o Director e que não admite casos de violência... É aquela imagem terrífica, dissuasora e rigorosa que não admite indisciplina.
- 2- Acontecem, mas são situações simples, inerentes à idade escolar que os alunos têm. São brigas, zangas muito esporádicas que se resolvem com muita facilidade. Tal como já disse os miúdos já interiorizaram a existência da imagem do Director... De qualquer modo sempre houve casos de violência nas escolas, não lhes era dado a importância que hoje se lhes dá. Quando há algum episódio de violência, é mais físico e apesar de termos cá alunos oriundos de outros países e raças não tomei conhecimento de alguma situação.
- 3- Vídeo vigilância não temos e em relação ao programa Escola Segura, já recorremos mas não para casos de violência. Temos aqui turmas de P.I.E.F., e alguns alunos por vezes não comparecem às aulas. O que fazemos?? Tento saber através dos colegas de turma que me digam onde estão, e logo que mo digam, chamo a Escola Segura, e vão lá buscá - los de regresso à escola e às respectivas salas de aula. Para além disto, os Pais/Encarregados de Educação são avisados de que os seus educandos faltam às aulas no sentido de serem tomadas medidas para que não volte a suceder.
- 4- Os locais onde mais ocorrem são no recreio por ser o local menos vigiado e o campo de jogos. Dentro da sala de aula não me ocorre nenhum episódio, a não ser em alguma sala de aula das turmas de P.I.E.F. (por norma constituem estas turmas alunos a quem a escola já nada diz mas, que também é necessário trazer esses alunos até cá para obterem mais alguma escolarização). As zangas, brigas que ocorrem, são mais frequentes dentro da própria turma, muito embora também ocorram fora da turma. Estes actos estão relacionados com muitos factores, mas salientaria a postura dos alunos e a sua personalidade. Os rapazes no meu entender são mais espontâneos nos seus actos, e as suas brigas estão relacionadas com competição, com perder ou com o ganhar. As raparigas são mais violentas, têm grupos organizados, grupos de simpatia



- que rivalizam, os seus actos são mais pensados. A questão das marcas de roupa, é um dos aspectos que mais saliento. Diria que as meninas são mais violentas, mais agressivas, mais cruéis.
- 5- As queixas quando acontecem, passam sempre primeiro pelo Director Turma e só depois para mim enquanto Director do Agrupamento. Mas caso saiba que num dado momento, num dado local da escola está haver alguma situação, faço questão que me chamem para intervir directamente.
- 6- Não há diferença, não há uma faixa etária que se destaque neste caso. Posso é dizer -lhe, os alunos de 5º ano quando aqui chegam ainda não conhecem bem a escola e o Director, não sabem, desconhecem as regras de condutas, daí que sejam os que poderão tentar extrapolar um pouco, porque os mais velhos, já interiorizaram a “imagem do Director” e todo um conjunto de regras e normas que são instituídas por este agrupamento, logo não ousam ter actos de indisciplina. Quando os há quem mais denuncia são os observadores, o que para mim é mais prático e cómodo, porque chamo logo os envolvidos.
- 7- No nosso Projecto Educativo de Agrupamento, estão bem explícitas regras de conduta de sala de aula e do espaço escolar. Regras e normas estas que são bem conhecidas pelos pais e pelos alunos. Estas regras abrangem todas as situações que possam acontecer desde o simples ... não tirar o boné à entrada da sala de aula, não arrumar a cadeira à saída...etc. Tal como dizia abrange todas as situações de tratamento com os professores, alunos de modo haver harmonização para todos. E aqui não nos podemos esquecer que se há famílias que colaboram com a escola, outras há que não. A formação, educação que um aluno recebe em casa irá reflectir -se na sua maneira de estar na escola.
- 8- Não. Isto porque a escola não pretende ter os alunos fora da escola, pretende é tê - los dentro, daí que expulsar um aluno (veja o caso da aluna da Escola Carolina Micaelis, foi expulsa, foi para outra escola, o que a impede de voltar a fazer o mesmo?? Qual foi o seu castigo não seja na minha opinião a solução. O que deve fazer -se é reunir com o Director, Encarregado de Educação e Director de Turma, a fim de acordar o castigo a dar, quanto tempo, pode ser um género de serviço cívico (ajudar no refeitório...). Será que expulsar ou suspender é castigo? Alguns até gostariam, era um favor, mas e depois... voltamos ao mesmo. As escolas têm de arranjar estratégias conjuntas com a família, (mas sabe que há famílias que não colaboram com as escolas) haver uma grande articulação família/escola. As famílias, os encarregados de educação têm de ter mais disponibilidade para a escola. Em relação à família, devo dizer -lhe que há uma grande diminuição de valores, a educação que os alunos trazem de casa é muito importante na e para a escola. Hoje o aluno não vê o professor como alguém que tem autoridade... não há autoridade, não quero dizer autoritarismo... Em relação ao Estatuto do Aluno, creio que devia ser alterado a nível disciplinar e reforçar autoridade da escola. Era importante que isso acontecesse.



- 9- Dar uma definição é sempre algo complicado... mas na minha opinião, são todos os actos que física ou psicologicamente violam os direitos dos outros. São episódios esporádicos. Volto a repetir, que a falta de valores, a formação que a criança traz de casa faz toda a diferença. Uma criança que assista diariamente ou com alguma frequência a actos de violência em casa, terá ou será uma criança com mais predisposição para a violência. Diria ainda que de um modo geral, são mais frequentes em crianças oriundas de famílias mais desfavorecidas, de um meio mais desestruturado, sem contudo querer dizer que os de famílias “bem”, tenham mais valores que os outros, ou que não sejam violentos para com os colegas. Mas repare, uma criança que vê diariamente violência em casa, não terá mais predisposição para ser violenta? Acho que muita da violência que existe hoje pelas escolas passa pela formação que cada um tem.



Anexo III

TABELAS DE CATEGORIZAÇÃO

Relativamente ao tema “Violência escolar”

TEMA	CATEGORIA	EXCERTO
Violência Escolar	Conceito dado	D1-
	Ocorrência de casos	D2-
	Regras (prevenção)	D3-

Observações: _____

Relativamente ao tema “Contexto Escolar”

TEMA	CATEGORIA	EXCERTO
Contexto Escolar	Relação entre pares	D1-
	Sanções Disciplinares	D2-
	Medidas preventivas	D3

Observações: _____



Anexo IV

Quadro nº1 “Caso o aluno agressor faça parte da sua direcção de turma, que medidas toma?”

Respostas dadas	Nº de respostas dadas
- Falar com o aluno.	13
- Falar pessoalmente com o Encarregado de Educação, ou através da caderneta.	19
- Sanções de índole diversa (privação de tarefas de que o aluno goste, cumprimento de tarefas que o aluno não aprecie).	2
- Comunicação à Direcção da Escola.	12
- Sensibilizar a turma para a moderação de comportamentos inadequados.	1
- Definir estratégias conjuntamente com o Encarregado de Educação.	2
- Trabalhar as situações ocorridas nas aulas de Formação Cívica.	2
- O agredido e o agressor devem expor por escrito o sucedido.	1
- São propostas medidas de remediação pela turma decidindo esta se o assunto ocorrido deve chegar a outras instâncias.	1
- Ser observado por um psicólogo.	1
- Realizar trabalhos comunitários conforme a gravidade da situação.	1
- Repreensão oral.	1
- Pode reunir o Conselho de Turma, com a presença do Delegado de Turma, Representante dos Pais e Encarregados de Educação, a fim de analisar o processo e se necessário aplicar medidas pedagógicas para que se evitem futuros incidentes.	1



Anexo V

Quadro n.º2 “Para si violência escolar é:”

Respostas dadas	Nº de respostas dadas
- Agressão física, verbal ou psicológica.	10
- Repudiar os outros, menosprezar, humilhar e ou intimidar os outros.	2
- Perturbação do bem - estar quotidiano do aluno de forma continuada.	2
- Conflitos pontuais entre alunos não devem ser considerados como violência, podem mesmo contribuir para o normal desenvolvimento da criança.	1
- Falta de civismo, respeito ou socialização.	1
- Desrespeito das regras instituídas pelo Regulamento Interno.	2
- Desrespeitar a integridade física, moral e social dos outros.	2
- Utilização da violência física, psicológica para com os alunos, professores e auxiliares.	1
- É o reflexo da demissão das responsabilidades por parte dos pais na educação dos filhos que não sabem distinguir o bem do mal e respeito ao próximo.	1
- Reflexo da escolaridade obrigatória sem alternativas profissionalizantes para alunos a quem a escola nada diz e são obrigados a frequentar.	1
- Comportamentos inadequados e com falta de valores e atitudes.	1
- Problemas de saúde mental e social.	1
- Comportamentos nocivos e desajustados que podem começar cedo e ir até à idade adulta.	1
- Falta de regras de convivência interpessoal.	1



Anexo VI

Quadro n. º3 “ O que poderia ser feito para diminuir a violência nas escolas?”

Respostas dadas	Nº de respostas dadas
- Aquisição de valores positivos e atitudes correctas por parte dos alunos.	1
- Valorizar o papel da escola e do professor.	2
- Responsabilização dos pais pelas atitudes e comportamentos dos filhos.	10
- Consciencializar os E.E. da necessidade de um permanente contacto com o Director de Turma no sentido de acompanhar a vida escolar do seu educando.	2
- Mais vigilância/mais assistentes operacionais.	2
- Penalizações severas para quem não cumpre as regras.	3
- Maior autonomia de actuação para os professores.	
- Organizar debates temáticos, acções de sensibilização junto dos alunos.	3
- Reorganizar recreios e polivalentes.	2
- Recorrer ao sistema de vídeo vigilância, policiamento do recinto escolar.	2
- Criar um currículo profissionalizante a partir do 7º ano.	3
- Envolver vários parceiros e trabalhar comportamentos em simultâneo ao nível da escola e da família.	1
- Acabar com as aulas de substituição, de modo a que os alunos libertem energias nos diferentes espaços de forma lúdica e saudável.	1
- Integração dos alunos em programas específicos de integração social e combate à agressividade.	1
- Organizar grupos de voluntários para ajudarem os alunos que mais precisam nos estudos.	1



- Constituir turmas mais pequenas.	1
- Rever o Estatuto do Aluno.	1



Anexo VII

Quadro nº 4 “Para si violência escolar é:”

Respostas dadas	Nº de respostas dadas
- Falta de valores e de boa educação.	17
- Ausência de castigos por parte da escola e da família.	1
- Grupos de alunos que se julgam mais fortes que outros e agridem outros mais fracos.	3
- Agressão verbal e física.	37
- Problemas em casa influenciam a violência nas escolas.	2
- Comportamento que pode causar danos físicos e ou psicológicos.	2
- Diversidade sociocultural da comunidade.	1
- São as crianças problemáticas e com pais que mostram pouco interesse pelos filhos.	1
- É a falta de autoridade dos professores sobre os alunos. A educação começa em casa e acaba na escola.	1
- Falta de vigilância.	1
- Pressão física e psicológica que afecta o normal funcionamento do aluno alterando os resultados escolares.	2



Anexo VIII

Quadro nº5 “ O que poderia ser feito para diminuir a violência nas escolas?”

Respostas dadas	Nº de respostas dadas
- Informar a comunidade escolar dos diversos tipos de violência e a forma de lidar com ela.	4
- Maior vigilância, e mais segurança nas escolas.	46
- Mais funcionários.	11
- Reforço da autoridade do pessoal docente e não docente.	12
- Educar para os afectos, através de acções.	3
- Mais civismo nos intervalos.	2
- Expulsar os alunos da escola.	2
- Responsabilizar mais os pais pelas atitudes dos filhos.	20
- Castigar os alunos.	6
- Mais penalizações por parte do Ministério da Educação.	1
- As Assistentes operacionais deveriam actuar mais e não apenas olhar.	1
- Mais proximidade entre Pais - Professores - Alunos.	1
- Observar o comportamento dos alunos para depois actuar.	2
- Levar os alunos mais velhos a proteger os mais novos.	1
- Acabar com os grupinhos.	1
- Castigar os pais, acabar -lhes com o subsídio	1



Anexo IX

Questionário aos pais/Encarregados de Educação

Pretendemos com este inquérito realizar um estudo sobre a violência entre pares na escola.

A sua colaboração é de grande utilidade. Por favor, responda com sinceridade.

Os dados obtidos são confidenciais. O questionário é anónimo.

Agradecemos, desde já a sua colaboração.



QUESTIONÁRIO

1 – Género: Feminino () Masculino ()

2 – Idade: _____ anos

3 – Habilitações literárias: _____

4 – Profissão: _____

5 – Em que medida se sente o seu filho(a) seguro na escola que frequenta?

Nada seguro ()

Seguro ()

Muito seguro ()

6 – O seu filho(a) já lhe contou episódios de violência que ocorram na escola?

Nunca ()

Às vezes ()

Frequentemente ()

7 – O seu filho já lhe confidenciou alguma vez ter sido vítima de violência?

Nunca ()

Algumas vezes ()

Muitas vezes ()

8 – Se respondeu algumas vezes ou muitas vezes, de que modo foi agredido?

Verbal ()

Física ()

Motivos raciais/étnicos ()

Outra () Qual? _____



9 – Se o seu filho foi vítima de violência, quando soube que atitude tomou? (pode assinalar mais do que uma opção)

- Quis saber o que se passou junto do meu filho. ()
- Dirigi-me à escola e falei com o Director de Turma. ()
- Fiz uma exposição por escrito dirigida ao Director do Agrupamento. ()
- Fui ter com os alunos que agrediram o meu educando. ()
- Tomei outra atitude. Qual? _____

10 – Na sua opinião o facto de existir violência nas escolas deve –se à: (enumere de 1 a 5, sendo 1 nada importante, 2 pouco importante, 3 importante, 4 muito importante, 5 bastante importante).

	1	2	3	4	5
Necessidade de reformular os espaços escolares.(ex: recreios, refeitórios....)					
Pouca vigilância dos espaços escolares.					
Desrespeito por normas/regras escolares.					
Falta de autoridade dos professores.					
Ausência de valores e atitudes.					

11 – Na sua opinião, quais são os locais onde é mais frequente ocorrerem episódios de violência?

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Com bastante frequência
Na ida ou vinda para a escola.				
No recreio da escola.				
Nas casas de banho da escola.				
No refeitório.				
Na sala de aula.				



12 – Para si violência escolar é:

13 – Quem agride mais são:

	Discordo totalmente	Tendo a discordar	Tendo a concordar	Concordo	Concordo inteiramente
Os rapazes agredem mais.					
Aqueles que têm problemas em casa					
Os alunos mais velhos.					
Os que habitualmente ostentam sinais de riqueza (roupa de marca...)					
Os líderes dos grupos.					
Aqueles que têm mais insucesso.					

14 – Conhece ou já leu algum destes documentos:

- **Projecto Educativo do Agrupamento.** **Sim () Não ()**
- **Regulamento Interno.** **Sim () Não ()**
- **Estatuto do Aluno.** **Sim () Não ()**
- **Projecto Curricular de Turma.** **Sim () Não ()**

15 – O que poderia ser feito para diminuir a violência nas escolas?

Bem – haja pela sua colaboração.



Anexo X

Questionário aos Directores de Turma

Pretendemos com este inquérito realizar um estudo sobre a violência entre pares na escola.

A sua colaboração é de grande utilidade. Por favor, responda com sinceridade.

Os dados obtidos são confidenciais. O questionário é anónimo.

Agradecemos, desde já a sua colaboração.



QUESTIONÁRIO

1 – Género: **Feminino** () **Masculino** ()

2 – Idade: _____ anos

3 – Disciplina que lecciona: _____

4 – Na escola onde lecciona, há registo de casos de violência escolar?

Não() **Alguns**() **Muitos**()

5 – Enquanto Director de Turma chegam – lhe denúncias de casos de violência?

Nunca () **Raramente** () **Frequentemente** ()

6 – No caso de ter respondido **raramente ou frequentemente**, de quem são as queixas?
(pode responder mais do que uma opção)

- ☐ **Do aluno agredido.** ()
- ☐ **Dos seus colegas professores.** ()
- ☐ **Dos colegas do aluno.** ()
- ☐ **Dos Assistentes Operacionais.** ()
- ☐ **Dos Pais/Encarregado de Educação do aluno.** ()



7 – Caso o aluno agressor faça parte da sua Direcção de Turma, que medidas toma?

8 – Na sua opinião o facto de existir violência nas escolas deve –se à: (enumere de 1 a 5, sendo **1 nada importante, 2 pouco importante, 3 importante, 4 muito importante, 5 bastante importante**).

	1	2	3	4	5
Necessidade de reformular os espaços escolares. (Ex:recreio, refeitórios...)					
Pouca vigilância dos espaços escolares.					
Desrespeito por normas/regras escolares.					
Falta de autoridade dos professores.					
Ausência de valores e atitudes.					

9– Na sua opinião, quais são os locais onde é mais frequente ocorrerem episódios de violência?

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Com bastante frequência
Na ida ou vinda para a escola.				
No recreio da escola.				
Nas casas de banho da escola.				
No refeitório.				
Na sala de aula.				
Nos corredores.				
À saída da escola.				



10– Quem agride mais são:

	Discordo totalmente	Tendo a discordar	Tendo a concordar	Concordo	Concordo inteiramente
Os rapazes agriDEM mais.					
Aqueles que têm problemas em casa.					
Os alunos mais velhos.					
Os que ostentam mais sinais de riqueza. (roupas de marca....)					
Os líderes dos grupos.					
Aqueles que têm mais insucesso.					

11-Para si violência escolar é: _____

12 – De acordo com o seu grau de discordância ou concordância preencha o quadro.

	Discordo	Concordo	Concordo plenamente
Os actos de violência escolar ocorrem mais no início do ano lectivo.			
Tendem a diminuir no 2º período.			
Tendem a diminuir ao meio do 1º período.			
Só diminuem no 3º período.			
Ocorrem ao longo todo o ano independentemente do período lectivo.			
São uma constante ao longo do ano.			



13- Que medidas adopta ou adoptou a sua escola para prevenir a violência escolar: (assinale mais do que uma opção).

- **Reestruturou o Projecto Educativo de Agrupamento.** ()
- **Enquadra e aplica o Estatuto do aluno nos diversos documentos do Agrupamento.** ()
- **Recorre ao Programa Escola Segura.** ()
- **Recorre ao Sistema de Vídeo Vigilância.** ()
- **Revê o modo como são constituídas as turmas.** ()
- **Reformula os espaços Escolares.** ()
- **Outra () Qual?** _____

14 – O Estatuto do aluno é um documento que:

	Não concordo	Concordo
Protege os alunos agredidos.		
Dá autonomia aos professores para actuarem.		
Pune os alunos agressores.		
Dá maior autonomia à Direcção.		
Remete para outra legislação em casos de violência.		

15 – Os casos de violência escolar tendem a:

Aumentar () **Diminuir** () **Mantêm –se na mesma**()

16 – O que poderia ser feito para diminuir a violência nas escolas?

Bem – haja pela sua colaboração.

